

O HOLOCAUSTO DO VATICANO

Avro Manhattan

Título original: THE VATICAN'S HOLOCAUST

Índice do conteúdo

Capítulo 1

NOVAS NAÇÕES A PARTIR DAS ANTIGAS

O Vaticano se aborrece com o nascimento da Iugoslávia.

Política Católica de penetração e desintegração.

O separatismo croata e a Igreja Católica.

A Igreja Católica movimenta as unidades armadas da Ustashi.

Capítulo 2

O ANO DOS ASSASSINATOS POLÍTICOS

O assassinato de um Chanceler, de um Ministro do exterior e de um Rei

Capítulo 3

O NASCIMENTO DE UM MONSTRO -

O ESTADO INDEPENDENTE DA CROÁCIA

Os Cruzados católicos se transformam em unidades armadas da Ustashi – a Gestapo Católica.

Como foi feito um Rei marionete.

Delegação fascista com o Papa.

Ante Pavelic e Pio XII planejam uma campanha secreta.

Capítulo 4

O PESADELO DE UMA NAÇÃO

O Arcebispo e o Bispo apoiam o ditador católico.

“Temos três milhões de balas” contra os Sérvios.

Campos de concentração para crianças.

Ordens para queimar pessoas vivas.

Capítulo 5

O TRIUNFO DO TERRORISMO

Expedições punitivas – modelo de execuções em massa.

O estudante franciscano que cortou as gargantas de 1.360 prisioneiros.

Empurrados vivos dentro de suas sepulturas.

Sérvios Ortodoxos crucificados.

Olhos arrancados de suas órbitas.

Capítulo 6

“CRISTO E A USTASHI MARCHAM JUNTOS”.

Padres e frades católicos lideram unidades armadas da Ustashi.

O Arcebispo Stepinac emite carta pastoral.

Padres Católicos como comissários da Ustashi.

Capítulo 7

FRADES, PADRES, CARRASCOS,
BISPOS CATÓLICOS E ASSASSINOS

Persuasão e baionetas.

Certificado de honestidade para os “re Cristianizados” na Igreja Católica.

Conversão ou morte.

“Ele converteu seis mil pessoas”.

Um monstro franciscano – o Padre Miroslav Filipovic.

Capítulo 8

O VERDADEIRO INSPIRADOR, PROMOTOR E EXECUTOR DO MASSACRE
RELIGIOSO – O VATICANO

Bispos católicos advogam conversões forçadas.

O Arcebispo Stepinac – Supremo Vigário Apostólico do Exército Ustashi.

Conversões forçadas legalizadas para as “almas perdidas”.

Crianças ortodoxas – diretrizes da Igreja Católica para as conversões.

Pio XII abençoa Pavelic e sua Ustashi.

Capítulo 9

CAMPANHA CATÓLICA DE NEGAÇÃO, MINIMIZAÇÃO E FALSIFICAÇÃO

Como as primeiras notícias alcançaram o mundo lá fora.

O Dr. Sekulich e a “Gestapo”.

Um Católico mentiroso na Casa Branca.

Winston Churchill faz uma ação judicial.

O que disse a Sr^a. Roosevelt: “do Vaticano eu espero qualquer coisa”.

Capítulo 10

O PAPA, STEPINAC E PAVELIC TENTAM SALVAR A CROÁCIA

Eles pedem armas aos “Aliados certos”.

O Arcebispo Stepinac elogia o líder do governo Ustashi.

Ante Pavelic é escondido dentro do Vaticano.

O Cardeal Stepinac, o Cardeal Mindszenty e Pio XII se preparam para a III Guerra Mundial.

Capítulo 11

A IGREJA CATÓLICA SE PREPARA PARA O FUTURO

O papa arquiva o memorando de um bispo e promove uma falsa campanha religiosa
Stepinac é detido e preso.

A Imprensa Mundial minimiza o horror Ustashi.

Os exércitos ustashis ressuscitam no exterior.

Pavelic organiza um novo governo Ustashi.

Ele se prepara para “O Dia”.

Capítulo 12

O VATICANO E OS ESTADOS UNIDOS COMO DEFENSORES DOS CRIMINOSOS FASCISTAS DA II GUERRA MUNDIAL

O Vaticano se transforma em refúgio para os criminosos de guerra fascistas.

Falsificações de passaportes – falsas identidades “made in Roma” – instruções secretas do Vaticano e dos Estados Unidos para “validar” os passaportes.

Capítulo 13

O VATICANO, A MÁFIA E OS ESTADOS UNIDOS – POR QUE ALISTARAM CRIMINOSOS DE GUERRA

Stalin controla um terço da Europa.

A Máfia é recrutada pelo Vaticano e Estados Unidos.

A Máfia ajuda a salvar toneladas de prata para o Vaticano.

Por que o Vaticano e os Estados alistaram criminosos de guerra.

A ameaça da Rússia Soviética.

Stalin trouxe um terço da Europa.

Aliança secreta entre o Vaticano e os Estados Unidos para detê-lo.

Capítulo 14

O PLANO SECRETO DOS ESTADOS UNIDOS E DO VATICANO PARA RESGATAR OS CRIMINOSOS DE GUERRA.

Reação mundial americana e judaica.

Os judeus se mobilizam contra o Departamento de Estado e o papa.

O Departamento de Estado e o Vaticano são intimidados.

Eles adotam uma política de “máxima prudência”.

Os Estados Unidos despistam a vigilância judaica com uma legislação equívoca em massa

Classificação oficial de evidência.

Calculados em dez mil os colaboradores nazistas ainda nos Estados Unidos.

Capítulo 15

O VATICANO SALVA OS CRIMINOSOS DE GUERRA CATÓLICOS DA CROÁCIA - MOSTEIROS ROMANOS COMO SEUS ASILOS – O HOLOCAUSTO CROATA MINIMIZADO.

O papa salva da execução um importante criminoso de guerra croata.

As freiras em Roma que eram croatas ustashis.

Mosteiros e conventos superlotados.

A grande conspiração americana.

O homem que escapou da Iugoslávia com a primeira documentação sobre as atrocidades croatas.

Capítulo 16

O HOLOCAUSTO CROATA – INVENÇÃO OU REALIDADE?

O EMBAIXADOR E O CARDEAL – A REAÇÃO TEMPERAMENTAL DO ARCEBISPO DE CANTERBURY

O cardeal inglês que ficou em silêncio.

Uma embaixada compra duas mil cópias do livro.

Distribuição na Casa dos Lordes e na Casa dos Comuns.
O lançamento de um livro na Irlanda do Norte.
O arcebispo de Canterbury tem uma reação temperamental.
A londrina que o desafiou.

Capítulo 17

O EMBAIXADOR E NÚNCIO PAPAL NUMA EMBAIXADA VERMELHA, UMA VITÓRIA DO VATICANO

O Embaixador muda de idéia.
Nenhum livro mais sobre o Holocausto da Croácia.
Anistia comunista para todos os criminosos comunistas.
A Iugoslávia faz as pazes com o Vaticano.
O Embaixador do Vaticano numa Embaixada Comunista.
Sua significação política.
Estabelecimentos ustashis no Exterior.

Capítulo 18

TERRORISMO USTASHI DEPOIS DA II GUERRA MUNDIAL

A silenciosa eficiência do matador Ustashi.
A experiência do Dr. Sekulich.
A convenção Sérvia em Chicago e o seguidor da Ustashi.
O palestrante que foi alvejado e morto.
O discurso advogando tolerância mútua, o qual salvou a vida do autor.
O provável assassino pede um autógrafa.

Capítulo 19

QUARENTA ANOS DEPOIS – CRIME E CASTIGO EFICIÊNCIA DA LEGISLAÇÃO PROTETORA DOS ESTADOS UNIDOS AOS CRIMINOSOS DE GUERRA.

Trinta anos de esforços para conseguir prender um Ustashi importante.
Artukovic, ex--Ministro do Interior da Croácia Ustashi, é extraditado e sentenciado à morte.
Total ausência de informação sobre a motivação religiosa do Holocausto Croata.
Distorção do verdadeiro motivo do seu julgamento.
Opinião Americana e mundial conivente.

Capítulo 20

A VIRGEM MARIA E O SECRETÁRIO DE MARINHA DOS ESTADOS UNIDOS EXIGEM A III GUERRA MUNDIAL

Consagração do mundo à Virgem Maria.
O culto de Fátima. Sua significação anti-russa.
Voluntários católicos com os exércitos nazistas no front russo.
Corrida Atômica na Rússia e Estados Unidos.
Teólogos Americanos advogam a guerra atômica.
O Secretário de Defesa Americano pula de uma janela do 16º andar.
O Cardeal Americano Spellman e o Papa Pio XII apoiam a moralidade de uma guerra
“atômica preventiva”.

Ante Pavelic e os Ustashi se preparam para a III Guerra Mundial.

Capítulo 21

O GRANDE COMPLÔ DA EUROPA CENTRAL – O PAPA, O CARDEAL E A CIA

A CIA e o Serviço de Inteligência do Vaticano se unem para preparar uma “revelação”

Eles designam um cardeal como o futuro Premier da Hungria.

O fracasso do cardeal Mindszenty. Ele é preso.

Levado a Budapeste por três tanques húngaros.

A CIA e Vaticano são derrotados pela invasão Soviética na Hungria.

O Cardeal Mindszenty como hóspede durante 12 anos na Embaixada Americana na Hungria.

Morte de Pio XII.

O segredo de Fátima.

Capítulo 22

INQUISIÇÃO EM MALTA – VOTE EM CATÓLICO OU SEJA CONDENADO

Votar em católico ou ser condenado.

Expedição punitiva contra os oponentes.

Garotos católicos com assobios para perturbar.

Os sinos da Igreja tocam para silenciar os oradores anti-católicos.

Os sinos tocam durante TRÊS HORAS SEGUIDAS para silenciar os Socialistas.

Padres confessores e conselheiros políticos.

Apanhados pelas chamas do inferno os que votarem contra a Igreja católica.

Recusar absolvição para exercer pressão.

Eleitores aterrorizados pelos padres vigilantes.

“Voto católico ou condenação”

Capítulo 23

VIETNAM – A CROÁCIA DA ÁSIA

Origens religiosas do conflito vietnamita.

Os Budistas protestam contra a ditadura católica.

Trio católico – o Presidente, o Arcebispo e o Chefe da Polícia Secreta.

Discriminação católica contra os Budistas.

Aniversário de Buda.

Os primeiros 10.000 “conselheiros americanos”.

O Presidente Kennedy abandona o Católico Diem.

Consentimento para o “assassinato” de Diem.

A Igreja Católica “perde a guerra para os Estados Unidos”.

Colapso do front americano anticomunista causado pela intransigência católica.

Capítulo 24

ONDE SERÁ A PRÓXIMA INQUISIÇÃO?

Introdução

Aos leitores das edições britânicas:

Este livro tem sido, freqüentemente, criticado, condenado, banido, mutilado, destruído e até mesmo queimado, do mesmo modo como tem sido citado, recomendado, reproduzido e elogiado, em muitas partes do mundo, por causa dos eventos e revelações nele descritos.

O indivíduo comum não pode aceitar os fatos espantosos de que há poucas décadas a Igreja Católica tenha advogado conversões forçadas, ajudado a construir campos de concentração e tenha sido responsável pelos sofrimentos, torturas, e execuções de centenas de milhares de não-católicos, pelos feitos friamente perpetrados através de seus membros leigos e eclesiásticos. Além do mais, que muitas dessas atrocidades tenham sido executadas pessoalmente por alguns dos seus sacerdotes, e até mesmo frades.

Um dos principais objetivos deste livro é relatar onde, quando e por quem tais atrocidades foram cometidas. O autor levou metade de uma década de penosas investigações, antes de aceitar o que parecia inacreditável. O resultado é este livro documentado a partir das mais diversas fontes de autoridade possíveis. Dentre elas, pessoas com quem o autor se relacionou pessoalmente. Algumas destas desempenharam papel insignificante nos eventos religiosos, políticos e militares aqui narrados. Outras foram testemunhas oculares. De fato não poucas até mesmo foram vítimas das inacreditáveis atrocidades sancionadas e promovidas pela Igreja Católica. Os nomes da maioria dos participantes, leigos católicos, militares, sacerdotes, frades, bispos, arcebispos e cardeais, bem como os das vítimas não católicas, homens, mulheres e crianças, incluindo clérigos, são tão genuínos como os nomes das localidades, Vilas e cidades onde as atrocidades aconteceram. Sua autenticidade pode ser verificada por qualquer pessoa que deseje fazê-lo. Documentos e fotos dos campos católicos de concentração, das execuções em massa e das conversões forçadas ao Catolicismo, alguns dos quais constam deste livro, estão guardados nos arquivos do Governo Iugoslavo, da Igreja Ortodoxa, das Nações Unidas e de outras instituições oficiais.

A revolução ecumênica, embora aparentemente fascinante, tem-se demonstrado apenas como um outro Cavalo de Tróia, através do qual o poder católico, vestido de trajes contemporâneos, continua a deixar claro que a Igreja está mais ativa do que nunca. Os exemplos chocantes do terrorismo católico contemporâneo, ocorridos em Malta e no Vietnã, muitos dos quais tiveram lugar durante o ofício do “bondoso e velho Papa João XXIII” e, de fato, sob o pontificado de Paulo VI, dispensam qualquer elucidação. Eles são as provas mais condenatórias de que a Igreja Católica, apesar de sua alegada liberalização, fraternização e atualização, basicamente não mudou sequer um til. A portentosa significação do que está descrito neste livro, por conseguinte, deveria ser cuidadosamente escrutinada, para evitar que o passado se repita no futuro. Ou até mesmo agora, no presente.

Assinado: Avro Manhattan

Capítulo 1

NOVAS NAÇÕES A PARTIR DAS ANTIGAS

Quando em 1917, durante a I Guerra Mundial, o Núncio Papal em Munique, Eugenio Pacelli, negociava secretamente com os Poderes Centrais, a fim de concluir para o papa a Paz sem Vitória, no sentido de salvar tanto a Alemanha como o Império Austro-húngaro da derrota, ele já havia feito sua primeira tentativa no sentido de estrangular uma nação recém nascida – a Iugoslávia. Se a tentativa do Vaticano foi dirigida no sentido de preservar o seu parceiro leigo mais útil, a dinastia de Habsburgo, ele teve simultaneamente outro objetivo não menos importante: evitar que uma porção de nacionalidades emergisse das ruínas do Império como Estados soberanos com seus próprios direitos. Nesses Estados, com exceção da Polônia, o Catolicismo havia submergido ao nível de minoria. E o pior é que ele poderia ser dominado pelas igrejas “heréticas” e seus aliados políticos, isto é, os Protestantes e os Liberais, na Checoslováquia, e os Ortodoxos, na Iugoslávia. Em sua última tentativa de salvar o Império Austro-húngaro o Vaticano fez, então, uma última investida contra os Checos “Hussitas” ainda não nascidos e os Eslovacos Católicos, de um lado, e os Sérvios Ortodoxos e Croatas Eslovenos Católicos, do outro, culminando o cumprimento dos seus sonhos, como aconteceu, na desintegração do colosso Austro-húngaro.

O Imperador Carlos foi aconselhado a transformar o Império numa federação. A idéia nascida no Vaticano foi repelida por ambos, pois significava, além da perda do controle imperial, a perda do controle católico sobre as várias raças do império oscilante. Mas nessas circunstâncias a alternativa era o colapso total. Em outubro o Rei Carlos anunciou a transformação da Monarquia de Habsburgo em um Estado Federal. A oferta, que significativamente foi feita somente no último momento, embora acompanhada por movimentos secretos do papa, deixou os Aliados determinados a encerrar por bem o governo da águia de duas cabeças da Áustria. A resposta do Pres. Wilson a Carlos e, desse modo, ao papa foi firmemente hostil. “Os Estados Unidos”, disse Wilson, “admitiam a justiça das aspirações nacionais dos Eslavos do Sul”. “Competia a esse povo”, acrescentou ele, “decidir o que deveria aceitar”.

No que concernia os Estados Unidos, concluiu ele, já haviam reconhecido a Checoslováquia como um Estado beligerante independente. A resposta americana havia selado a sorte do Império Austro-húngaro. No dia 28/10/1918, os Checoslovacos declararam a sua independência. No dia seguinte os Iugoslavos fizeram o mesmo. No dia 01 de dezembro, o Concelho Iugoslavo convidou o Regente Alexandre de Belgrado a proclamar a união. O novo Reino Independente dos Sérvios, Croatas e Eslovenos – a Iugoslávia – viera à existência.

O nascimento foi bem vindo em alguns quadrantes, isto é, pelos Aliados, e mal vindo em outros, isto é, o Vaticano, para quem a nova nação, além de ser uma criação anormal da cegueira política dos Aliados, era uma aberração religiosa, que não deveria ser tolerada. A Ortodoxia grassava na Rússia, onde se mostrara invicta. Com o nascimento da Iugoslávia, ela agora se tornava importante num país, cuja população tinha mais de um terço de Católicos. Pior ainda era permitir que a Ortodoxia dominasse o Catolicismo. A Iugoslávia evitaria que o último se estabelecesse como uma comunidade católica independente. Quando isto se juntou ao fato de que a Iugoslávia, pelo simples fato de existir, representava o maior obstáculo à estratégia católica longamente planejada. Então, o sentimento do Vaticano, mais do que de hostilidade, transformou-se em ódio implacável, coisa que não parecia nada boa para a jovem nação. Esse ódio se tornou o principal inspirador da estratégia do Vaticano contra a Iugoslávia, com o objetivo de destruir a mesma. Tendo embarcado nesse objetivo o Vaticano iniciou uma

vigorosa campanha, cujo cumprimento, até certo ponto, dependia de outro fator: o colapso da Rússia Bolchevista, cujo rápido desaparecimento, nesse período, seria grato a todos, e em particular aos Aliados, que haviam despachado vários exércitos com o fim de apressar o colapso da mesma. O Vaticano, contava, então, com o colapso russo, a fim de executar a sua política de reforçar o domínio católico na península balcânica, através da espada de Pilsudski. A criação do Império Católico Polonês Danzig-Odessa significaria uma coisa: a morte da Iugoslávia e de outros países balcânicos ortodoxos e protestantes. Entretanto, quando a sangrenta aventura de Pilsudski fracassou e os esforços dos Aliados no sentido de destruir a Rússia Bolchevista relaxaram, o Vaticano mudou de tática e embarcou em nova política: destruir a Ortodoxia através da penetração, em vez da força. Conseqüentemente, quando em 1920 o Império Católico de Pilsudski se desvaneceu e o papa se dispôs a converter a Rússia, uma política paralela foi perseguida em conexão com a Iugoslávia. Embora a nota principal dessa nova estratégia anti Ortodoxa fosse a penetração, suas táticas variavam conforme o país. Desse modo, enquanto na Rússia elas deviam significar a penetração em ordem, em grande escala para dominar a vida religiosa, na Iugoslávia elas consistiram da penetração na vida política deste país, a fim de que, quando os Católicos tivessem o controle desta, fortificando o poder do Catolicismo, pudessem prejudicar e até paralisar toda a Igreja Ortodoxa na Iugoslávia. Essa política promovida vigorosamente pela maioria dos políticos ambiciosos da Croácia dominados pelo clero católico, foi logo obtendo sucesso. Em pouco tempo o clericalismo já se tornava um poder agindo por trás das cenas, com o resultado de que, dentro de poucos anos, a hierarquia católica começou a exercer um peso indevido na administração, não apenas dos assuntos croatas, mas de toda a Iugoslávia. Isso alarmou alguns católicos croatas honestos, principalmente Radich, líder do poderoso Partido Croata Camponês, que se dera conta do perigo que essas táticas estavam criando, tanto para a Iugoslávia como para os Croatas. Desafiando a hierarquia e, desse modo, indiretamente o Vaticano, Radich começou a combater as táticas “Cavalo de Tróia” do mesmo, admoestando a Croácia de que, ao permitir que os seus líderes fossem dirigidos pela hierarquia católica em assuntos políticos, mais cedo ou mais tarde seriam subjugados e levariam todos os Croatas ao desastre. O conselho de Radich foi seguido e durante quase uma década a estratégia católica enfraqueceu, exatamente onde mais deveria ter-se fortalecido, caso Radich não tivesse agido daquela maneira.

Entretanto, em 1928, Radich foi assassinado. O assassinato coincidiu com a renovação da estratégia vaticana-européia contra o Comunismo. Nesse mesmo ano a Cúria Romana interrompeu suas negociações com a Rússia Soviética. O Núncio Papal na Alemanha, Eugenio Pacelli, conduziu firmemente o poderoso Partido de Centro Católico à Extrema Direita, fazendo com que este se aliasse às forças que estavam conduzindo Hitler ao poder. Na Itália o Vaticano fortificara o Fascismo ao assinar um pacto com Mussolini (1929). Os movimentos católicos fascistas levantaram-se por toda parte. Terminava, assim, uma era da política católica para dar lugar a outra. A política de penetração fora substituída por uma agitação ativa e a rápida mobilização de todas as forças religiosas e políticas da Europa contra a Rússia Bolchevista. Assim, enquanto no Ocidente o Vaticano havia deslanchado uma política global de ódio ao Comunismo, nos Balcãs, após a morte de Radich, ele embarcou numa política direcionada à desintegração da Iugoslávia.

O sucessor de Radich, o Dr. Maceck, reorientou o Partido Croata Camponês para um violento movimento nacionalista, o qual, tornando-se cada vez mais audacioso,

transformou-se em um fator ativo de crescente tensão política dentro da Iugoslávia. A partir desse período, separatismo tornou-se a palavra chave do nacionalismo croata, com o resultado de que mais tarde começou a se entregar progressivamente nas mãos da hierarquia católica e, desse modo, nas mãos do Vaticano. A política do Vaticano na primeira década consistia na existência da Iugoslávia como uma nação unida; na segunda – isto é, a partir da emergência de um ostensivo separatismo, ele passou a desejar a desintegração da Iugoslávia. Na promoção dessa nova grande estratégia do Vaticano a Iugoslávia representava o obstáculo principal, até mais do que no passado, visto como agora ela impedia a rápida fascistização da Europa e o eventual ataque fascista à Rússia Soviética, com todo o resultado futuro da queda dos Balcãs, que ele tanto esperava que fosse a causa da queda da Iugoslávia. Em conexão com a última, o Vaticano iniciou uma política tríplice:

1. A desagregação da Croácia Católica do governo da Sérvia Ortodoxa.
2. O estabelecimento da Croácia como um Estado Católico Independente e, finalmente,
3. A possível criação de um Reinado Católico nos Balcãs.

Para atingir esses objetivos uma coisa se tornava necessária – a parcial ou total desintegração da Iugoslávia.

Assegurar que a Iugoslávia sucumbiu exclusivamente graças às maquinações do Vaticano, seria falsificar a história. Por outro lado, minimizar o seu papel seria uma grosseira distorção histórica. Fatores alheios à religião agiram em suas mãos. Estes poderiam ser resumidos como: animosidade dos Croatas contra os Sérvios, no campo doméstico; ambições políticas da Itália Fascista e da Alemanha Nazista, no campo internacional. O separatismo croata tornou-se um fator gradualmente importante no aumento da tensão interna e externa. Sua identificação com o Catolicismo tornou-o um instrumento quase cego nas mãos da hierarquia católica e, assim, do Vaticano, o qual sem hesitação usou-o para fortificar, não apenas os seus interesses locais, como também os seus vastos esquemas de dominação religiosa e política nos Balcãs.

O líder croata Radich jamais se cansara de alertar os Croatas contra a aceitação das manobras políticas do Vaticano; nesse intento se elevou também a voz de outro grande patriota católico, líder dos Nacionalistas Poloneses, Roman Dmowski, cujo slogan se tornou um provérbio para certos nacionalistas católicos da Polônia: “jamais confie no Vaticano para assuntos políticos”.

A hostilidade contra as diretrizes políticas do Vaticano por parte dos líderes políticos católicos nasceu em razão de uma experiência amarga; durante a I Guerra Mundial, quando Roman Dmowski fora a Roma suplicar auxílio para a independência polonesa, tendo sido recebido com a maior desconsideração, visto como a hostilidade do Vaticano se inspirava em interesses políticos identificados com os da Áustria e outros grandes poderes da Europa, os quais haviam agido contra as aspirações polonesas durante séculos. O extraordinário resultado disso foi que os Poloneses jamais conseguiram qualquer ajuda do Vaticano, nem mesmo quando se rebelaram contra os Czares – atitude que os revoltara a tal ponto que um dos seus grandes poetas nacionais, Julius Slovack, criou o famoso slogan de admoestação: “Polônia, tua ruína vem de Roma”.

Radich adotara o mesmo slogan, embora com mais tática. Quando, entretanto, o seu partido foi tomado por Maceck, o ideal original de Ante Starcevic foi rapidamente injetado com uma nova overdose de puro extremismo, que o fez voltar-se totalmente para a Extrema Direita. O expoente maior dessa nova tendência foi Ante Pavelic, um sujeito

obcecado pela idéia de uma Nova Croácia Independente inspirada no racismo, construída sobre o Fascismo, totalmente impregnada de Catolicismo, formidável miniatura compacta de totalitarismo. Dessa concepção anormal nasceu um movimento. Seu principal sustentáculo foi um impiedoso agrupamento de bandos terroristas conduzidos pelo próprio Ante Pavelic, cuja política consistia de ameaças, complôs e assassinatos. A sanha de poderosos protetores do além-mar veio logo em favor deles, possibilitando-os, desse modo, a desempenharem suas atividades, em desafio aos procedimentos nacionais e internacionais – isto é, da Itália e Alemanha, tendo ambas visto na Croácia de Pavelic um instrumento útil para a expansão do Fascismo e do Nazismo nos Balcãs.

As políticas expansionistas destas nações sempre correram paralelas com as do Vaticano, o qual, ao manipulá-las habilmente, poderia com facilidade promover seus próprios interesses. E foi isso que ele fez, não se limitando apenas ao papel de espectador distante das diversas atividades fascistas e nazistas, mas como promotor da mais vigorosa política anti Iugoslava, por conta própria.

Isso resultou em abundante colheita, mais cedo do que se esperava. Enquanto os parceiros fascistas do Vaticano se dedicavam a engendrar atividades políticas e terroristas, a diplomacia católica – como havia previamente acontecido na Espanha, Áustria, Checoslováquia, Bélgica e França – tomou a frente com a promoção de uma poderosa Quinta Coluna católica. Esta, que já fora antes inoculada na estrutura interna da unificação da Iugoslávia, consistia de todos os croatas infectados do fanatismo nacional religioso da hierarquia católica da Croácia, bem como do ilegal Exército Nacionalista composto de bandos de terroristas católicos chamados Ustashi, comandado por Ante Pavelic e sustentado por Vladimir Maceck, líder do Partido Croata Camponês. Em 1939, Pavelic conseguiu que Mussolini financiasse com 20 milhões de diners o Movimento Separatista Croata, (1) recebendo o apoio do Arcebispo Stepinac, líder da hierarquia católica na Croácia.

[01. Ver “The Ciano Diaries”, 1946, ps. 46, 48, 50, 60].

O papel específico desempenhado pelo Vaticano seguiu o modelo familiar: usar a hierarquia para ajudar os conspiradores políticos e militares a destruir o governo legal. Ao contrário de suas práticas em outros países, isto é, com Petain, na França e Franco, na Espanha, a Igreja Católica aqui tentava construir e, de fato, conseguiu, um Estado em completo acordo com os seus objetivos. O resultado foi um monstro edificado sobre a força armada de um totalitarismo gêmeo – o totalitarismo de um impiedoso Estado Fascista unido ao do Catolicismo Romano – o híbrido mais sequioso de sangue jamais produzido na sociedade contemporânea. O que dá a tal criatura da diplomacia do Vaticano uma peculiar importância, é que temos aqui um exemplo da Igreja Católica no implemento dos seus princípios, sem impedimento algum da oposição, e sem medo algum da opinião pública mundial. A exclusividade do Estado Independente Católico da Croácia repousa principalmente nisto: que ele forneceu um modelo em miniatura do que a Igreja Católica, quando senhora absoluta do poder, poderia fazer no Ocidente e, de fato, em todo o mundo. Isso deveria ser cuidadosamente escrutinado. Pela sua significação, ao transcender o seu pano de fundo local, é de capital importância para todos os povos amantes da liberdade no mundo.

Capítulo 2

O ANO DOS ASSASSINATOS POLÍTICOS

Em certo dia do ano de 1933, um ferroviário austríaco, tendo feito casualmente uma descoberta, que achou ser de interesse, estava pronto para informar a União, quando dele se aproximou um funcionário do governo austríaco indagando qual seria o preço do seu silêncio. Se ele quisesse esquecer tudo que havia visto, isto é, certas mercadorias em determinados vagões, uma grande soma em dinheiro seria imediatamente colocada em suas mãos. O ferroviário rejeitou a oferta e informou a União, que logo entregou a notícia à imprensa.

À noite essa ocorrência obscura logo se transformou em sensação internacional, e o que o governo católico da Áustria vinha realizando até então, no mais absoluto sigilo, estava prestes a ser entregue ao mundo. Os escritórios estrangeiros na Europa logo começaram a ruminar com atividade fora do comum como os fios de um vasto complô internacional, envolvendo meia dúzia de países, gradualmente vinha à luz.

O que o negócio dos unionistas ferroviários descobriu é que a Áustria estava negociando ostensivamente com armas, com a conivência do ditador católico Dollfuss. Nesse período a Áustria, de acordo com outros países derrotados, não podia comprar nem vender armas, nem de fato ter relação alguma com partidos relacionados à produção de armas. A descoberta revelou à Europa que uma fábrica de armamentos em Hinterberg, na Baixa Áustria, estava em plena produção. E mais, que a fábrica austríaca estava fabricando rifles, não para o exército austríaco, mas para a Hungria fascista. Altos funcionários do governo austríaco, cuja alta porcentagem se constituía de católicos fervorosos semi-fascistas, ou até mesmo fascistas fanáticos, estavam implicados nesse contrabando.

[1. Para maiores detalhes dos planos do Vaticano, ver do mesmo autor “Catholic Imperialism and World Freedom” (Imperialismo Católico e Liberdade Mundial)].

O caso gerou um furor político. Mas o pior ainda estava por vir. Os rifles, conforme foi mais tarde apurado, não se destinavam à Hungria. Estavam sendo enviados até lá para depósito temporário. Essas armas, de fato, se destinavam à Itália Fascista. Se fora este o final da história, o achado da Áustria já teria causado sérias repercussões internacionais, mas de modo algum era tudo. Investigações posteriores provaram que o destino final dessas armas eram alguns separatistas que, de acordo com Mussolini, estavam planejando um golpe armado contra o governo central. Os separatistas eram certos Croatas católicos nacionalistas e o governo central contra o qual desejavam lutar era o Reino da Iugoslávia.

A associação de tais extremistas com um poder agressivo havia, portanto, se transformado de um puro assunto regional em um complô internacional. Isso provocou embaraçosas complicações internacionais, não apenas de natureza diplomática e política, mas também de caráter racial e religioso, complô esse que, ao transpor as barreiras nacionais, afetava as políticas domésticas e estrangeiras de vários países, entre os quais se encontrava a Itália Fascista. Mussolini havia desenvolvido um grande intento expansionista em conexão com os Balcãs. Uma das primeiras pedras de auxílio para conseguir isso seria o desdobramento parcial e, se possível, total da Iugoslávia. Isso implicaria não apenas no desaparecimento de um bloco que impedia suas ambições fascistas nos Balcãs, mas também na incorporação à Itália Fascista das antigas províncias iugoslavas, sendo a mais cobiçada a Dalmácia.

As relações entre a Itália e a Iugoslávia, nesse período, ficaram tão tensas que Mussolini começou a ninar a idéia de acelerar a desintegração política do Reino da Iugoslávia, usando a força armada. Isso resultaria em guerra. Os planos agressivos de

Mussolini eram bem vindos por não mais que certos separatistas (Croatas). Isso pela óbvia razão de que um desmembramento fascista da Iugoslávia dar-lhes-ia a única oportunidade de realizarem o sonho de estabelecer uma Croácia independente. Mussolini, o mais poderoso ditador fascista daquele tempo, estava em posição de trazer essa mudanças e, portanto, se tornou a esperança máxima de todos os que acatavam a política anti-Iugoslávia. Tendo estes verificado que os seus interesses corriam paralelos, logo resolveram pedir-lhe ajuda efetiva. O entendimento foi de natureza concreta, graças ao fato de que Mussolini havia se tornado o protetor de vários bandos terroristas que operavam através dos Balcãs, cujo objetivo principal era a destruição do status quo dos Balcãs, o que coincidia com os desígnios expansionistas da Itália Fascista.

Na Bulgária um desses bandos era composto de membros do ORIM ou VRMO (Organização Revolucionária Interior da Macedônia)(2). Entre outras coisas ela era violentamente anti-Iugoslávia. Em vista disso, um dos seus líderes Ivan Mihailoff, apelidado Vantcha, fora subvencionado por Mussolini com milhões de liras. Em abril de 1929, Vantcha encontrou-se com Ante Pavelic, o líder da Ustashi, perto de Sofia. Pavelic havia fugido recentemente da Iugoslávia para a Áustria católica, tendo o Rei Alexandre estabelecido um tribunal especial (janeiro, 1929) para proteger o Estado contra as atividades separatistas e os extremistas da Ustashi comandados por Pavelic. O propósito desse encontro era reunir forças contra a Iugoslávia e colocar as organizações terroristas da Bulgária e de Pavelic sob a junta de proteção da Itália Fascista. Naquele ano o ORIM recebeu um milhão de liras. Pavelic visitou Mussolini e pediu ajuda financeira. Conseguiu 25 milhões de liras e a promessa de mais ajuda financeira e proteção política no futuro.

[2. O chefe da OVRA deu-lhes passaportes sob nomes falsos. A Cernozemski foram dados dois passaportes, um checo, com o nome de Suck, e outro húngaro, com o nome de Kolemen. Krajl tornou-se Silny ou Mulny; Kvaternik tornou-se Kramer, Pospisil tornou-se Nowack, enquanto Raitch se tornou Benes, a fim de embarçar Benes, o Presidente a República Checa].

No dia 17/07/29, o governo iugoslavo condenou Ante Pavelic à morte, in absentia. Pavelic, revigorado pelo dinheiro e bênção do Duce, foi de Roma para Viena, a fim de organizar com o ORIM e os agentes fascistas italianos um complô para assassinar o Rei Alexandre da Iugoslávia. O plano do assassinato havia sido estudado em detalhes por Mussolini, o qual, a fim de ajudar o trabalho de Pavelic, concedeu-lhe todas as facilidades.

Pavelic organizou os bandos terroristas da Ustashi. No início, uma Vila em Passaria foi colocada ao seu dispor; depois, quando o bando cresceu, os terroristas foram todos instalados no campo fascista Borgotaro, perto de Bolonha, onde receberam reforço da brigada da Polícia Fascista, a OVRA. Pavelic também foi suprido com um passaporte falso, armas e dinheiro falso da Iugoslávia. Tudo isso tendo em vista alcançar o primeiro objetivo Mussolini-Vantcha-Pavelic – o assassinato do Rei Alexandre. Foi prometida por Mussolini uma soma de 500 mil liras através da Ustashi à pessoa que executasse o Rei. O atentado teve lugar em Zagreb, em 1933. Foi feito por Peter Oreb, um terrorista, mas falhou completamente. A raiva de Mussolini foi sem limites. Para ter certeza de que o próximo atentado não falharia, ele encarregou o seu genro, o Conde Ciano, da tarefa de organizar um segundo atentado. O Senador Bolino, líder da OVRA, e Antonio Cortese, chefe do Departamento Policial do Escritório Fascista do Exterior, foram colocados à disposição de Ciano.

Entremetidos, a Iugoslávia e a França, em vista da deterioração da situação política nos Balcãs, estavam planejando a “Pequena Entente”, a “Entente Balcânica”. Promovida em parte pelo próprio Rei Alexandre, ia se colocar diretamente contra os esquemas, não apenas da Itália Fascista, mas também da Alemanha Nazista, a qual havia iniciado a promoção de um sucessor do Kaiser, logo após a Páscoa. Além disso, era um anátema para Pavelic e seus seguidores. O melhor é que para consolidar essa “Entente” o Rei Alexandre planejou visitar a Bulgária e a França. Ao receber a notícia, o Conde Ciano convocou Pavelic e Vantcha a Roma. Ali, no Ministério Italiano de Assuntos Exteriores, eles discutiram um meio de assassinar o rei. Mihailoff ficou encarregado do atentado em Sofia. Ciano, Boccini e Cortese, contudo, deram o contra, temendo que Boris, o rei da Bulgária, fosse morto ao mesmo tempo. Boris não era um rei importante. Os interesses dos Três Poderes dependiam do sucesso deles no sentido de poupar a sua cabeça. O assassinato de Boris, de fato, teria alienado Mussolini, o Vaticano e a Casa de Savoy. A preservação da vida de Boris repousava no fato de ser ele casado com a filha do Rei Victor. É que através desse enlace Mussolini contava com a expansão da influência italiana nos Balcãs. E de que o plano do Vaticano era trazer as crianças da realeza para o Catolicismo, a fim de instalar um rei católico na Bulgária Ortodoxa e assim estrangular a Igreja Ortodoxa nesse país.

Para evitar tais riscos, portanto, no próximo encontro que se realizou no Hotel Continental em Roma, foi decidido finalmente matar o rei Alexandre na França. Depois disso, Pavelic iria provocar distúrbios na Croácia, enquanto os seguidores de Mihailoff se rebelariam na Macedônia. Mussolini iria intervir para garantir o sucesso deles e, desse modo, poder entrar nos Balcãs e executar o seu esquema expansionista naquela região. Uma vez que esses planos entraram em acordo, Mussolini encontrou-se com os conspiradores na Villa Torlonia. Estes eram: Vlada Georgief Cernozemski, um búlgaro, que já havia matado dois membros do parlamento búlgaro em Sofia; Eugene Kvaternik, mais tarde chefe de polícia em Zagreb, no Estado Independente da Croácia, e mais três católicos da Ustashi, Krajl, Pospisil e Raitch.

No dia 06/10/34, os conspiradores chegaram a Paris. No dia 09 de outubro, o Rei Alexandre desembarcou no porto de Marselha. Logo que se iniciou o cortejo, Cernozemski aproximou-se do coche real, no qual se encontravam o Rei Alexandre e Louis Barthou, Ministro Francês do Exterior, e gritando: “Viva o Rei”, sacou do revólver e matou ambos. Cernozemski foi logo morto pela polícia. Seus cúmplices foram detidos e receberam sentença de prisão perpétua. (3)[Para ser eventualmente liberado pelos Nazistas, em 1940]. Ante Pavelic conseguiu escapar e foi condenado in absentia por um tribunal francês. Mas se a primeira parte do complô Mussolini-Pavelic teve sucesso, o segundo, a revolta de Pavelic na Iugoslávia, foi um completo fracasso, pois nada aconteceu. Pavelic e Kvaternik fugiram para a Itália. O governo francês exigiu a extradição deles, mas Mussolini a negou, indo ao ponto de declarar que se a Iugoslávia fizesse pressão pela extradição de Pavelic, ele consideraria isso com uma *Casua belli* (declaração de guerra). A Iugoslávia apelou para a Liga das Nações. A Liga, como as Nações Unidas (seu sucessor), sendo marionete dos grandes poderes, ignorou o caso e nada fez. O assassinato causou um tumulto através de toda a Europa. Em Berlim a reação foi tremenda. A Alemanha Nazista acelerou a promoção da sua política de agressão ao leste (*Drang nach Osten*). Com o rápido alongamento da sombra hitlerista sobre a paisagem da Europa Central, Mussolini tornou-se cauteloso. Hesitação e, acima de tudo,

o poder crescente de Hitler, enfraqueceram a resolução dele e logo a aventura Duce-Pavelic, tornando-se absolutamente arriscada, foi arquivada à espera de tempos melhores.

Entrementes, Hitler não ficara inativo. Ele estivera armando um complô dele mesmo, indo ao ponto de desenvolver um plano na Europa Central oposto ao de Mussolini, visando a incorporação da Áustria à Alemanha Nazista. Este estava sendo promovido ao mesmo tempo em que Mussolini e Pavelic estavam incubando o seu golpe contra a Iugoslávia. De fato, Hitler havia decidido assassinar o ditador católico Dollfuss, antes de Mussolini e Pavelic terem levado a cabo o seu plano contra o Rei Alexandre. No dia 25/07/34, realmente um grupo de Nazistas entrara na Chancelaria da Áustria em Biena e assassinara Dollfuss, tentando se apossar do governo. Mussolini prontamente despachara duas divisões para o Estreito de Brenner, a fim de impedir que Hitler transtornasse o equilíbrio dos Balcãs e pudesse, assim, destruir os esquemas do imperialismo italiano naquelas regiões. Hitler retribuiu Mussolini com o congelamento do mesmo, após o assassinato do Rei Alexandre. Os dois assassinatos despertaram a Europa para a realidade.

Mussolini e Hitler decidiram, então, esquecer o orgulho mútuo e entraram num tácito acordo. Mussolini deixaria a Áustria para Hitler, enquanto Hitler apoiaria Mussolini em sua ocupação da Abissínia. A partir daí o terror nazi-fascista encheria com ecos cada vez mais crescentes os corredores políticos da Europa e até mesmo da Ásia, com o assassinato do Chanceler Dollfuss e do Rei Alexandre da Iugoslávia, em 1934, a guerra fascista na Abissínia, em 1935, e a ocupação da Renlândia por Hitler, em 1936, o ataque do Japão contra a China, em 1937, a incorporação da Áustria por Hitler, na primavera de 1938, de Munique no outono do mesmo ano, o desmembramento da Checoslováquia, na primavera de 1939, e o ataque à Polônia, por Hitler, no outono do mesmo ano.

Após terem se seguido um ao outro todos esses eventos terríveis, Pavelic, em contato direto com as autoridades católicas e fascistas, encabeçou vários complôs e intrigas, voltando-se, ora para Mussolini, ora para Hitler, conforme as ambições dos dois ditadores parecessem ter mais chance de sucesso. A estratégia de Pavelic consistia em submeter seus planos tanto a Mussolini como a Hitler para a manutenção de uma campanha terrorista através da Iugoslávia, no sentido de forçar o governo central a conceder autonomia à Croácia. Entretanto, com a aproximação tempestuosa da II Guerra Mundial, tendo Hitler colocado a Iugoslávia dentro do seu próprio vasto esquema, reorientou sua política e promoveu uma outra destinada objetivamente a neutralizar a Iugoslávia – tornando-a, de fato, sua aliada.

Para não antagonizar o governo iugoslavo, as atividades de Pavelic foram bastante reduzidas e oficialmente desencorajadas. A política de Hitler lhe valeu alguns dividendos. Quando estourou a II Guerra Mundial, a Iugoslávia ficou ostensivamente neutra. De fato, no dia 24/05/41, ela entrou no campo nazista, assinando um pacto com a Alemanha. O sonho de Pavelic parecia ter-se evaporado em nebuloso futuro. Contudo, ele continuou a esperar pelo dia em que o destino iria visitá-lo, a fim de implementar a obra de sua vida, a qual, talvez não estivesse tão distante.

Capítulo 3

O NASCIMENTO DE UM MONSTRO:

O ESTADO INDEPENDENTE CATÓLICO DA CROÁCIA

Os Iugoslavos foram ignorados. Mas não por muito tempo. Dois dias mais tarde, em 27/03/41, um “coup d’etat” anti-nazista executado pelo Gen. Mirkovic, desatrelou o governo iugoslavo pro-nazista. Enquanto o restante da Iugoslávia celebrava o evento em

Zagreb, circulares cheias de ameaças eram encontradas sobre as portas dos Sérvios. Pavelic, que apenas alguns dias antes havia sido relegado ao ostracismo, de repente se encontrou no centro das atividades febris. Ordens foram veiculadas a todos os Ustashis, dentro e fora da Iugoslávia, para que se aprontassem para a ação. Os líderes Ustashis da Alemanha e Itália se moveram depressa, rumo à fronteira iugoslava. O exército alemão se moveu com eles. No dia 06/04/41, Hitler atacou o Reino da Iugoslávia.

Muitos dos seguidores de Pavelic se juntaram aos invasores nazistas; outros dirigiram suas armas contra a Iugoslávia, outros ainda se tornaram claros traidores – por exemplo, o Cel. Kren, fanático e ativo membro secreto do exército de Pavelic, um Ustashi que fugiu do aeródromo de Belgrado para informar as forças nazistas sobre a localização da frota aérea da Iugoslávia, com o resultado de que os aviões de guerra iugoslavos foram destruídos em terra pelos bombardeios nazistas dirigidos por Kren. Graças à ação do Ustashi Kren toda a força aérea iugoslava foi aniquilada com um sopro.

Enquanto Belgrado ainda ardia após os bombardeios nazistas, Ante Pavelic se dirigia aos Croatas pelo rádio, a fim de estabelecer o Estado Católico Fascista da Croácia, conforme seria mais tarde revelado pelo próprio Ministro Fascista do Exterior, o Conde Ciano.

[1. Ver “The Ciano Diaries”, com introdução de Sumne Welles, Doubleday & Co. Inc., 1946 ps. 46, 48-50, 60, 87, 97].

O Ministro do Comércio, também católico, seguiu o exemplo de Macek, o qual foi logo imitado por um terceiro ministro, o qual, traiçoeiramente, durante um longo tempo, havia sido um membro secreto, não só da Ustashi, mas também da Intelligencia Nazista, D. Tomljenovitch, ex--oficial austríaco e católico, à qual ele passava detalhes de todas as deliberações secretas de defesa que aconteciam no Gabinete Iugoslavo, do qual era membro.

Depois de tudo isso, enquanto Slavko Kvaternik, tendo chegado a Zagreb, procedente da Itália, anunciava a formação do Estado Independente da Croácia, Macek incitava os seus seguidores a reconhecerem o Novo Estado: “Convido todos os membros do partido Camponês da Croácia para reconhecerem a mudança, ajudarem a Nova Croácia e, acima de tudo, obedecerem lealmente as suas leis”. (2)

[2. Memoire de L’Organization Mezulmane Yugoslav, para o Comité Nacional pela Europa Livre, Nova York, Maio de 1950].

Dentro de poucos dias, todos os membros secretos da organização terrorista católica de Pavelic, que estavam dentro da administração civil e militar do governo iugoslavo, se apresentaram, praticando desordens, por onde quer que aparecessem, e isso a tal ponto que logo conseguiram paralisar o prosseguimento da guerra contra Hitler.

Permanecendo em sinistra predominância entre eles, a Ustashi iniciou uma luta na retaguarda das unidades iugoslavas; enquanto outros no Exército Iugoslavo executavam atividades de Quinta Coluna, a tal ponto que nada podia ser feito conforme os planos. Os oficiais da Ustashi, como o Cel. Kren, fugiam em direção aos Alemães, aos quais entregavam informações militares vitais. Unidades da Guarda Camponesa de Macek logo se tornaram unidades da Ustashi, desarmando as unidades do Exército Iugoslavo. A desorganização generalizada criada pelos extremistas católicos foi tal que se transformou num dos principais fatores na conquista da Iugoslávia pelos Nazistas.

Isso foi confirmado por Lorkovitch, Ministro dos Assuntos Exteriores do Estado Independente da Croácia, em pleno parlamento, em fevereiro de 1942. Foi graças ao apoio do povo croata e da revolução croata que a guerra na Iugoslávia foi reduzida,

diminuindo grandemente as perdas dos Alemães e Italianos e permitindo, na fronteira oriental dos Sérvios, o golpe de morte a ser dado contra a Iugoslávia.

A promoção de um corpo tão grande de traidores dentro do país teria sido impossível sem a cooperação da Igreja Católica. Os bandos terroristas de Pavelic, a Ustashi, haviam sido moral e financeiramente encorajados e sustentados pela Igreja Romana. De fato, o seu sustentáculo tinha sido formado por padres, freiras, frades e até mesmo bispos. Os mosteiros tinham sido usados como quartéis clandestinos da Ustashi, muito antes do ataque nazista. Os separatistas secretos e as atividades militares haviam sido encobertos durante anos, sob os hábitos religiosos. O sacerdócio católico da Croácia, Herzegovina e Dalmácia haviam convocado repentinamente os chamados Congressos Eucarísticos, os quais, em verdade, se destinavam a propósitos políticos (por exemplo, aqueles realizados em Pozega, nos idos de 1940, sob o nome fictício de Congregação de Maria). Os vários movimentos terroristas ilegais eram do mesmo modo acobertados sob o manto da religião. A maior parte deles era afiliada a organizações católicas supervisionadas diretamente pela Ação Católica, a qual era estritamente controlada pela hierarquia católica (por exemplo, a Irmandade dos Cruzados, com 452 sociedades e 19.000 membros); as associações católicas de estudantes, como a Domagoj e congêneres. A maior parte dos membros dessas organizações religiosas eram ativos nos atos de sabotagem, atos de terrorismo, e um bom número deles até mesmo tomaram parte no traiçoeiro desarmamento do Exército Iugoslavo, após o ataque de Hitler.

[3. W. D. Isla, *Commentaires sur les Problemes Yougoslaves*, p. 45, Genebra, 1994].

Tão logo apareceram, muitos deles se transformaram em autoridades Ustashis, funcionários de comissões da Ustashi, chefes de conselhos distritais e até mesmo de campos de concentração. O presidente da Grande Irmandade dos Cruzados, Dr. Feliks Niedzelski, foi nomeado vice-governador Ustashi da Bósnia e chefe administrativo da juventude Ustashi, enquanto o Padre Grge Peinovic, também diretor dos Cruzados, foi nomeado presidente do Escritório Central Ustashi de Propaganda (4). [4. Ver Nadeldja, 10/08/41].

Muitos padres da Irmandade dos Cruzados e da Ação Católica receberam ou deram treinamento militar, quando não eram oficiais usados pelas formações ustashis, como por exemplo, o Padre Rodoslav Cilavas, monge franciscano, que em 10 e 11 de abril de 1941, desarmou a Gendarmerie, capturando o prédio dos correios, e arrancando placas locais, a fim de evitar a mobilização do Exército Iugoslavo; o Padre Capelão Ivan Militec, o qual, colaborando com os Nazistas, dirigiu bandos de guerrilhas contra o governo da Iugoslávia. Na Herzegovina, um centro do movimento Ustashi, foi localizado num mosteiro franciscano, bem como na escola secundária de Siroc Brijeg.

No mesmo dia, como o exército alemão já havia entrado na capital da Croácia, um dos principais líderes da Ustashi, Kvaternik, proclamou o Estado Independente da Croácia (10/04/41) e, enquanto lutando entre os Alemães e o Exército Iugoslavo, aonde ia e vinha nas montanhas da Bósnia, o Arc. Stepinac visitou o líder e urgiu todos os Croatas a sustentarem o Novo Estado Católico. Naquele mesmo dia, os jornais de Zagreb veicularam anúncios com o objetivo de que todos os residentes ortodoxos sérvios do novo Estado Católico deveriam evacuar a cidade dentro de 12 horas e qualquer que colaborasse com um Ortodoxo seria imediatamente executado. No dia 13 de abril, Ante Pavelic chegou a Zagreb procedente da Itália. No dia 14, o Arc. Stepinac foi encontrá-lo pessoalmente e o congratulou pelo cumprimento da obra de sua vida. Qual era a obra da

vida de Pavelic? A criação da tirania fascista mais impiedosa de todos os tempos para desonrar a Europa.

O estabelecimento da ditadura de Pavelic foi rápido, eficiente e impiedoso. Imediatamente após o seu regresso, ele reorganizou a Ustashi através do Novo Estado, estabelecendo ramos locais conhecidos pelos nomes de Stozer, Logorg Tabor e Zbir, através dos quais ele iniciou um verdadeiro reino de terror. O objetivo desses crimes sistemáticos de assassinatos, torturas, pilhagem, e completo massacre foi nada menos que a total exterminação de todos os elementos não católicos, anti-fascistas no Novo Estado.

Simultaneamente à reorganização da Ustashi, Pavelic estabeleceu um corpo político modelado na Gestapo nazista e na OVRA fascista, chamada Ustaska Nadzorna Sluzba (Serviço Supervisor Ustashi), o qual exercia controle absoluto sobre toda a população. Esta Gestapo Ustashi se compunha de 13 tipos diversos de polícia: Polícia Ustashi, Serviço de Intelligentzia, Polícia de Defesa; Serviço de Segurança, Supremo Escritório de Ordem e Segurança Pública, Polícia do Condado e Gendarmerie, Polícia Militar, Esquadrão de Defesa e Polícia Industrial. Paralelas a estas, Pavelic estabeleceu tribunais extraordinários intitulados Pripeke Sud, Pokretni Prijeki Sud (Tribunal Especial do Povo), Veliki Isvanredni Narudni Sud (Grande Tribunal Especial do Povo). Estes tribunais, num total de 34, davam sentenças conforme um procedimento que não permitia ao acusado possibilidade alguma de defesa. Os juizes, todos Ustashis juramentados, condenavam sem qualquer exame das acusações, na base da responsabilidade coletiva. Os tribunais só podiam pronunciar sentenças de morte contra as quais nenhum apelo era permitido.

Além de passar legislação especial contra qualquer pessoa que se recusasse a aceitar a Nova Croácia, de permitir que as organizações políticas deportassem e executassem à vontade, que os tribunais especiais condenassem à morte, sob os mais ínfimos pretextos, e em verdade, mobilizar toda a máquina do Estado para o terror legalizado, Pavelic ainda aterrorizava por meio de ordens estatutárias (para remessa de pessoas indesejáveis e perigosas à detenção compulsória nos campos de concentração), datadas de 25/09/45. Por causa disso, a polícia Ustashi supervisora podia à vontade, enviar “qualquer pessoa indesejável e perigosa à ordem pública... à prisão compulsória nos campos de concentração”. Nenhum apelo era permitido contra tais decisões.

Dentro do menor dos períodos Pavelic e sua Ustashi haviam se tornado os árbitros da liberdade, da vida e da morte de todos os homens, mulheres e crianças do Novo Estado da Croácia, o qual, em coisa de poucas semanas, fora assim convertido no mais impiedoso Estado fascista do mundo, incluindo a Alemanha Nazista. Contudo, qual foi a atitude da Igreja Católica, quando se deparou com essa abominável transformação? A Igreja Católica representada pela hierarquia e pela imprensa católica, seguindo o Arc. Stepinac, iniciou prontamente uma fervorosa campanha de elogios a Pavelic e a Hitler. Um líder dos Cruzados escreveu: O Deus que dirige o destino das nações e controla os corações dos reis, deu-nos Ante Pavelic e conduziu o líder de um povo amistoso e aliado, Adolfo Hitler a usar suas tropas vitoriosas para dispersar nossos opressores e possibilitar-nos a criar o Estado Independente da Croácia. Glória a Deus, nossa gratidão a Adolfo Hitler e infinita lealdade ao nosso chefe Pavelic.

Alguns dias mais tarde, em 28/04/41, Stepinac emitiu uma carta pastoral permitindo que todo o clero croata apoiasse e defendesse o Novo Estado da Croácia, na Páscoa de 1941, Stepinac anunciou na Catedral de Zagreb o estabelecimento do Estado Independente da Croácia, dando, assim, a sanção solene da Igreja e do Vaticano à obra de Pavelic. Em 28/06/41, Stepinac e outros bispos foram visitar Pavelic. Após ter prometido

a mais cordial cooperação de toda a hierarquia, o Arcebispo abençoou solenemente Pavelic, como líder do povo croata “Enquanto o saudamos cordialmente como Chefe do Estado Independente da Croácia, imploramos ao Senhor dos Astros que lhe dê as bênçãos divinas como líder do nosso povo”. Devemos lembrar que Pavelic era o mesmo homem sentenciado à morte por assassinatos políticos; uma vez pelos tribunais iugoslavos, pela morte do Rei Alexandre I, e outra, pelos franceses, pela morte do Ministro Francês do Exterior, Barthou.

Em sua hora de triunfo Pavelic não esqueceu que todos aqueles que ajudaram o nascimento de uma Iugoslávia forte e unida haviam contribuído para a morte do império católico Austro-Húngaro, o gendarme político de estimação do Vaticano, e bastante significativo, como um tribuno atrelado à velha aliança Austro-Vaticana nos Balcãs, ele ordenou o confisco de propriedade de “qualquer pessoa que se colocara a favor dos Aliados contra a Católica Áustria-Hungria, durante a I Guerra Mundial” (Ordem Estatutária de 18/04/41).

O último movimento, como inúmeros outros, de caráter mais tirânico, era seguido com fascinação pelo Vaticano, onde o assassino do Rei Alexandre veio a ser considerado como um grande herói católico, abençoado exatamente pelo próprio Papa Pio XII, o qual derramou sua proteção paternal sobre todo o Novo Estado da Croácia. Isso é bastante. Pio XII, o “mais santo” de todos os papas modernos, havia fabricado as mais impiedosas teias diplomáticas com o especial objetivo de entregar à criatura política do devoto Católico regicida Pavelic, algum tipo de rei. Para a Igreja Católica os reis são, como os ditadores católicos, os seus mais acarinhados bobos políticos.

O trono da Croácia havia sido destinado originalmente à família Habsburgo, isto é, a Otto. Como, porém, Hitler tinha fobia contra os Habsburgo, os planos tiveram de ser modificados e Otto precisou ser descartado. Uma fervorosa exploração entre as desafortunadas cabeças coroadas da Europa nazificada logo foi iniciada. A principal virtude do novo rei é que ele fosse uma persona grata ao Fuehrer. A Providência católica, que sempre havia provido o Vaticano com uma ininterrupta chuva de Moedas de Pedro, ou, para sermos mais atuais, com uma chuva cada vez mais torrencial de Dólares de Pedro, provou que a sua cornucópia ainda podia suprir uma humanidade confusa em razão do republicanismo do material mais raro do momento – os reis. Estes se tornavam, então, cada vez mais raros e de fato, excepcionais para o homem que os procurava: Pio XII.

[5. Ver Nadeldja, 27/04/41].

Pio XII fora o recipiente de portentos, isto é, de fenômenos miraculosos com os quais somente os santos eram privilegiados. Embora tais fenômenos só ocorressem após a morte, e sempre sob um escrutínio racional que tornava quase impossíveis os milagres. Durante o conclave de 1939 convocado para eleger o novo papa, o Cardeal Pacelli foi visitado pessoalmente por Pio X. Este lhe anunciara que ele seria o próximo pontífice. Era, sem dúvida, um milagre, pois Pio X havia falecido cerca de três décadas antes! (6) Realmente, Pacelli foi eleito papa. O fato de ter votado em si mesmo não afetou o caso. Pacelli se tornou Pio XII, escolhendo esse nome em homenagem a Pio X.

[6. Pio XII afirmava ter visto Pio X durante o conclave de 1939, e que este lhe profetizara que ele seria eleito papa. Para mais detalhes ver “The Cross”, órgão dos Padres Passionistas, Dublin, maio de 1948].

Dez anos mais tarde, em 1950, Pio XII, após quase dez anos de autocanonização, viu o sol dançando em zig-zag no céu de Roma. Não apenas uma vez,

mas durante três dias consecutivos. E, como se não bastasse, a “Mãe de Deus” apareceu-lhe com uma esfera convulsa na mão, “num espetáculo de movimentos celestiais, na transmissão de eloqüentes mensagens ao vigário de Cristo” (7). Não foi difícil, portanto, para esse sucessor de Pedro tão especial encontrar um rei digno. O fato de Pio XII ter conduzido secretamente o assunto com Mussolini foi silenciado. Victor Emanuel foi o escolhido. O Rei da Itália, que Pio XII há pouco tempo havia abençoado como “augusto Imperador da Etiópia”, logo após a conquista da Abissínia Copta pela Itália Fascista, onde o Fascismo e o Catolicismo haviam se juntado para implantar uma civilização católica-fascista.

[7. Isso aconteceu em três dias consecutivos, 30/31/10 e 01/11/1950. A descrição oficial desse repetido milagre, entregue por Pio XII ao delegado especial, Cardeal Tedeschini, foi o seguinte: O Santo Padre (Pio XII) desviou os seus olhos dos Judeus do Vaticano em direção ao sol e lá se renovou diante dos seus olhos o prodígio do Vale de Fátima... Ele pôde testemunhar a vida do sol na mão de Maria. O sol se agitava em convulsão, transformado num vívido espetáculo de movimentos celestiais, na transmissão de mudas, mas eloqüentes mensagens para o Vigário de Cristo.

O Cardeal Tedeschini no Santuário de Fátima, em Portugal, no dia 13/10/51. Ver ainda World Catholic Press, de 14, 15 e 16/10/51].

O Rei Victor, de pequena estatura, era, contudo, um homem muito bravo. Ele já estava sofrendo resignadamente sob o peso de duas coroas, a real da Itália e a imperial da Abissínia. A idéia de uma terceira, a da Croácia, o abateu com a mais profunda convicção de que três coroas sobre a cabeça de um único homem deveria ser considerada pelas massas invejosas como uma autêntica injustiça social. Daí que Victor, pela primeira vez na vida, tomou uma decisão. Para agudo vexame daquela “santíssima trindade”, o Papa, o Duce e Pavelic, Victor soltou um grito imortal: “Agora, pois, é realmente demais, até mesmo para mim”, e recusou a coroa. Depois de um momento de estupefação e apressadas confabulações com os outros dois membros da “trindade”, Pio XII, graças a um insight sobrenatural, encontrou um substituto para Victor – o Duque de Spoleto.

A vida de um simples duque, nesse tempo, era bem difícil. Daí, quando a sorte política lhe sorriu, Spoleto agarrou-a pelos cabelos. Tendo antes se assegurado de que certa pessoa notável que o havia promovido à Chanceler da Alemanha o aprovara, depois que o filho do ferreiro de Romagosa sorria para ele e que Sua Santidade, Pio XII, lhe daria a bênção tríplice, ele aceitou o cetro real da Croácia, com a face enrubescida. Um nome digno de tal coroa foi selecionado, aprovado e assegurado. E assim o pobre e desconhecido Duque de Spoleto de repente se transformou no cabeça da nova dinastia do Reino da Croácia com o sugestivo título de Sua Mais Graciosa Exaltada Majestade, Tomislav II.

Diante de notícia tão maravilhosa uma delegação maciça da Ustashi encabeçada por Ante Pavelic correu até Roma, onde, bem no coração da Itália Fascista, no dia 18/05/41, a graciosa aceitação de Tomislav II da coroa croata aconteceu, pautada pelo bater de calcanhares militares, saudações fascistas e hurras. No Vaticano, a felicidade do papa não tinha limites. Contudo, o seu coração paternal ficou um tanto pesado pelo fato de que a Tomislav II, a seu afilhado político, triunfante, ele não poderia dar uma bênção solene. Pio XII era o chefe da Igreja Católica, isto é, Universal. Milhões de Católicos naquele exato momento voavam ao lado dos Aliados para esmagar aquele mundo fascista com o qual Pio XII estava em relações tão cordiais. Para completar, Pio XII era também o Chefe do Estado do Vaticano e como tal – ó feliz coincidência! - ele próprio era um Rei!

Reconhecer seu novo confrade real nessa conjuntura poderia ser interpretado pelo campo democrata como uma brecha em sua “neutralidade papal”. Portanto, era preciso que Sua Santidade fosse cauteloso.

Os papas afirmam que podem abrir e fechar os portões do céu – ou do inferno. Para tanto eles carregam consigo as pesadas chaves de S. Pedro. Mas, vez por outra, eles podem também abrir os portões aqui em baixo. E sendo o mundo como é, isso é ainda mais importante. Particularmente em ocasiões em que os portões da diplomacia internacional devem permanecer fechados. Adepto do antigo maquiavelismo católico, Pio XII resolveu o problema triunfantemente, recebendo o futuro bondoso Tomislav II, um dia antes da coroação. Quem poderia afirmar que isso abriria uma brecha na “neutralidade papal”? O Duque de Spoleto ainda não era oficialmente o rei. Sua Santidade, o papa, o havia recebido antes dele se tornar Sua Exaltada Majestade, Tomislav II.

Naquele mesmo dia, a Croácia foi oficialmente proclamada como reino. Ao devoto assassino do Rei Alexandre I da Iugoslávia – Ante Pavelic – foi concedida pelo papa uma longa e muito particular audiência. Somente um estenógrafo trazido pelo cauteloso Pavelic, o qual foi obrigado a fazer um juramento de jamais revelar o que escutara, estava presente. Animado pelo que Pio XII lhe falou, Pavelic visitou Mussolini, com quem assinou um tratado. Depois de tudo isso, o infatigável Santo Padre recebeu e abençoou solenemente o Primeiro Ministro de Pavelic e toda a sua delegação. Quem, novamente, poderia rotular tal coisa como uma brecha na “neutralidade papal”? Todas aquelas excelentes pessoas haviam sido recebidas como “indivíduos católicos”. Ele as havia recebido, não como líderes da Nova Croácia, declarou o Osservatore Romano, portanto, Honi soil qui mal y pense!

Contudo, a verdadeira significação de tudo isso não escapou aos que sabiam. Pio XII havia concedido a todas essas boas pessoas uma audiência especial, não porque fossem simples “indivíduos católicos”. Ele os havia recebido especialmente, abençoado especialmente e elogiado especialmente, pois, conquanto membros da Igreja Mãe, eles era, acima de tudo, os representantes do Estado Independente da Croácia, uma criação política ostensivamente dirigida e impiedosamente promovida pelo mais maligno de todos os seus progenitores – o Vaticano.

[8. Palavras usadas por Pio XII, em 21/12/39, ao abençoar o Rei Victor].

Capítulo 4

O PESADELO DE UMA NAÇÃO

O Reino Independente da Croácia tendo nascido, assim, oficialmente, dispôs-se com zelo fervoroso a cumprir as esperanças tão obstinadamente acalentadas pelos seus promotores religiosos e políticos - o Vaticano e o Fascismo. Inspirado na graciosamente remota majestade do bom Tomislav II, sob o patrocínio de Sua Santidade, o papa, protegido por Hitler, contemplado por Mussolini, dirigido por terroristas católicos, e policiado pelas suas baionetas, o Novo Reino da Croácia começou a se transformar na comunidade ideal, conforme os objetivos do Catolicismo.

Um Estado, contudo, segundo os ditames papais, deve ser governado não apenas pela autoridade civil, mas também pela autoridade religiosa. Então, tendo Pavelic determinado que um equivalente religioso dele próprio deveria compartilhar os direitos e deveres da governança, achou por bem que a hierarquia católica se tornasse o governante da Croácia. O Arcebispo Stepinac, o Primaz Católico e outros, todos eles membros da

hierarquia católica, o equivalente religioso da Ustashi, foram devidamente eleitos como membros do SABOR (parlamento totalitarista). Tendo sido, assim, erigidas as colunas militares, políticas e religiosas do Novo Estado, Pavelic e Stepinac se dispuseram a transformar toda a sua estrutura no que deveria ser um verdadeiro Estado Católico Fascista. Movimentos, instituições, homens e tudo o mais foram feitos conforme a letra e o espírito do Catolicismo. Todos os oponentes em potencial – comunistas, socialistas, liberais – foram banidos ou aprisionados. Uniões comerciais foram abolidas, organizações trabalhistas tornaram-se tristes caricaturas do que eram antes, a imprensa foi paralisada, quando não estivesse completamente engajada, a liberdade de fala, de expressão e pensamento tornaram-se coisas do passado. Todo esforço foi feito no sentido de forçar a juventude a se filiar às formações para-militares, enquanto as crianças eram moldadas pelos padres e freiras. O ensino católico, os objetivos católicos, e os dogmas católicos tornaram-se compulsórios em todas as escolas, em todos os escritórios, nas fábricas e, em toda parte, a mão de ferro do Novo Estado era sentida. O Catolicismo foi proclamado como religião oficial do Estado. As demais religiões e os que as professavam eram desprezados, principalmente os Ortodoxos. Enquanto os Judeus eram forçados a usar a estrela de Davi sobre as roupas, todos os membros da Igreja Ortodoxa temiam pelas suas propriedades e pela sua segurança pessoal e familiar. Ser Ortodoxo de repente significava ser uma vítima em potencial. Logo em todos os parques e veículos de transportes públicos apareceu uma nova inscrição: “entrada proibida aos Sérvios, Judeus, ciganos e cães”. O Ministério do Interior, dirigido por Andrija Artukovic, emitiu o seguinte decreto: “Todos os Sérvios e Judeus residentes em Zagreb, capital da Croácia, devem abandonar a cidade dentro de doze horas. Qualquer cidadão que lhes der guarida será imediatamente executado no local”. (1)

[1. Katolick List (Jornal Católico), 11/06/42].

Enquanto Pavelic estava transformando a Croácia com punho de ferro, o seu equivalente religioso, o Arc. Stepinac, facilitava a revolução através de uma mobilização nacional oportunamente organizada de toda a Igreja Católica. Nenhuma oportunidade podia passar sem que Stepinac estivesse abertamente rezando preces de louvor ou espargindo com bênçãos orais e água benta sobre a Nova Croácia católica, seu grande líder Pavelic, o Duce e o Fuehrer. Quando datas comemorativas da sangrenta elevação do Fascismo ao poder eram celebradas na Itália Fascista ou na Alemanha Nazista, Stepinac, embora na Croácia, as celebrava com muito fervor.

Desse modo, ele celebrou pontualmente o 28 de outubro, dia em que, em 1922, a primeira ditadura fascista foi instalada na Itália. Enquanto Mussolini fazia paradas anuais com os seus batalhões de camisas pardas em Roma, nessa data, Stepinac comemorava anualmente a marcha com discursos, orações e congratulações, estendendo-as com igual generosidade também a Hitler em seus sempre estressantes festejos de aniversário, em abril. Quando veio o novo Estado Fascista, contudo, os panegíricos arqui-episcopais tornaram-se apaixonados louvores por tudo que ele havia feito pela Croácia. Após a convocação do Parlamento, em fevereiro de 1942, Stepinac, com todas as autoridades sacras do principal pilar da Igreja Mãe, pediu ao Espírito Santo para descer sobre as afiadas lâminas das facas da Ustashi e, finalmente, se estabelecer, pelo menos enquanto durasse a sessão do Parlamento, sobre a frente de Pavelic. Orações especiais e cotas extras de missas eram oferecidas em todos os aniversários de Pavelic.

Quando a minúscula Armada Naval Ustashi partiu para o Mar Negro, a fim de destruir, ao lado dos Alemães, a Armada Vermelha da ímpia Rússia, Stepinac, escudado

pelo Dr. Ramiro Marcone, representante daquele amante da paz, Pio XII, celebrou a partida triunfal em Zagreb, ladeado pela hierarquia católica, murmurando palavras mágicas em Latim, pela rápida vitória daqueles bravos cruzados marítimos. Os confrades de Stepinac imitaram o seu líder, com zelo inigualável – por exemplo, o Bispo Aksamovic, de Djakovo, o qual foi pessoalmente condecorado por Pavelic em razão “de ter Sua Excelência, o Bispo, cooperado desde o princípio, com as autoridades da Ustashi”. Ou o Arcebispo Saric – amigo íntimo de Jure Francic, da Legião Negra – que levantava sempre a mão direita na Ustashi, ou seja, fazia a saudação nazista, em toda oportunidade pública ou particular.

A transformação da hierarquia católica numa hierarquia Ustashi tinha, de fato, uma significação terrível. A de que toda a máquina religiosa da Igreja Católica na Croácia havia sido colocada à total disposição de ímpios indivíduos determinados a fazer do Novo Estado uma compacta unidade política e militar, cimentada na mais segura garantia de indestrutibilidade da fábrica croata social, cultural e política, bem como da completa extirpação de tudo que fosse “alheio” ao interesse croata e religião nacional. Isso exigia a eliminação total de todos os que não fossem croatas católicos. Não era uma tarefa fácil, visto como uma grande porção do Novo Estado se compunha de volumosos grupos raciais-religiosos completamente estranhos ao Catolicismo Ustashi. De uma população de 6.700.000, de fato apenas 3.300.000 eram croatas. Do restante, 700.000 eram Muçulmanos, 45.000 eram Judeus, seguidos de várias minorias inferiores. Havia mais ou menos 2.000.000 de Sérvios Ortodoxos.

A inclusão na Nova Croácia de tantos elementos estranhos era devida às ambições territoriais do separatismo croata. Estes, como já vimos, haviam sido reunidos na concepção da “Croácia Maior”, de Ante Pavelic, que havia fundado um partido político, o Partido da Lei Croata, subsequente elevando ao nível de um fanático programa nacional por Pavelic. A ideologia do partido, embora de exclusividade racial e religiosa, aceitava a expansão geográfica. Isto significava a inclusão a uma Croácia Independente de territórios disputados a partir de elementos não católicos, os quais se tornaram automaticamente o maior obstáculo para a completa romanização do Novo Estado Croata. Para solucionar o problema, uma política dirigida à rápida eliminação de toda a população não croata foi adotada e rapidamente colocada em ação. Esta era publicada e repetidamente anunciada pelos membros do governo Ustashi – por exemplo, em 02/06/41, em Nova Grarfiska, o Dr. Milovan Zanitch, Ministro da Justiça, declarou:

O Estado, nosso país, é somente para os Croatas e para mais ninguém. Não há caminhos nem meios através dos quais, nós, Croatas, não desejemos tornar o nosso país realmente nosso, e limpá-lo de todos os Sérvios Ortodoxos. Todos os que entraram em nosso país há 300 anos atrás devem desaparecer. Não escondemos esta nossa intenção. É a política do Estado e durante a promoção da mesma não faremos mais do que seguir os princípios da Ustashi.

O Dr. Milo Budak, Ministro da Educação e dos Cultos, não perdeu tempo em esclarecer os seus ouvintes sobre a natureza desses princípios. Em sua primeira entrevista a Imprensa, como Primeiro Ministro, quando indagado sobre qual seria a política da Croácia, em relação às minorias raciais e religiosas, sua resposta foi tremenda e simples: “Para essas (minorais) temos três milhões de balas”. Isso não era apenas gabolice de um sujeito fanático. Era o resumo de uma política friamente planejada por Pavelic junto com a hierarquia católica, a qual foi colocada imediatamente em ação, quando os Nazistas invadiram a Iugoslávia. O Dr. Milovan Zautch, o Dr. Mirko Puk, o Dr. Victor Gutich,

Ministros da Ustashi, declararam sem hesitação que a Nova Croácia se livraria de todos os Sérvios em seu meio, a fim de se tornar cem por cento católica, “dentro de dez anos”.

No dia 22/07/41, o plano foi novamente confirmado pelo Dr. Milo Budak: “Mataremos uma parte dos Sérvios, levaremos a outra para fora e o resto será forçado a abraçar a religião católica romana. Esta última parte será absorvida pelos elementos croatas”.

Caminhos e meios para possibilitar esse esquema foram rapidamente adotados, sendo o mais impiedoso, a remoção dos Sérvios das zonas contestadas. Conforme os Ministros, um terço destes deveria ser transportado para a própria Sérvia, um terço seria “persuadido” a abraçar o Catolicismo e dispor-se-ia do restante por outros meios. Esses outros meios significavam rápida exterminação biológica e “persuasão” à conversão forçada.

Conversão e exterminação significavam a mesma coisa: a completa aniquilação da Igreja Ortodoxa. Isto de fato se transformou na política oficial do Novo Estado Católico da Croácia. Essa política foi finalmente introduzida no Parlamento por, dentre outros, o Ministro Ustashi da Justiça e da Religião.

“Também farei referência à chamada Igreja Ortodoxa Sérvia”, disse ele, “para declarar enfaticamente que o Estado Independente da Croácia não pode nem desejar reconhecer a Igreja Ortodoxa Sérvia”.(2).

[2. Discurso do Dr. Mirko Puk, Ministro da Justiça da Justiça e da Religião. Excerto do registro estenografado dos procedimentos de uma sessão regular da Assembléia do Estado da Croácia, realizada em Zagreb, em 25/02/42].

O programa triplo de Pavelic foi levado a efeito simultaneamente em toda parte, após o estabelecimento do Novo Estado. Sua execução foi simples, direta e brutal. Ela decorria de decretos apressados – como aquele emitido pelo Ministro da Instrução Pública, apenas quatro dias após o ataque de Hitler (10/04/41) os quais barravam os membros da Igreja Ortodoxa Servia de entrar na universidade, a não ser que tivessem abandonado a sua fé, antes de 10/04/41. Deportações em massa foram postas em prática como aquelas executadas em 04 e 05/07/41, pela Ustashi em Zagreb, ao massacre de homens, mulheres e crianças, como os de Kljuch, em 31/07/41, 31/08/41 e 02/09/41, quando a Ustashi Volante executou sumariamente cerca de 2.000 Sérvios.

Num Estado insanamente dedicado a uma política de extermínio, as leis e legalidade, quando observadas, não passavam de trágica zombaria. Os Tribunais Extraordinários já mencionados, por exemplo, condenavam sempre, sem qualquer evidência, sem permitir apelo algum de suas sentenças, que deviam ser sempre executadas, dentro de três horas depois de pronunciadas. Desse modo, os tribunais sentenciavam à morte um número imenso de pessoas, sem oferecer-lhes oportunidade alguma de defesa e suas sentenças eram logo aplicadas. Na maior parte dos casos, os tribunais puniam “coletivamente” sob o disfarce de “julgamentos”. Para darmos apenas alguns exemplos, o de Zagreb, que dentro de apenas dois dias – 04 e 05/08/41 - condenou à morte 185 pessoas; o de Stem, que de 03 a 25/08/41, sentenciou 217 pessoas. Os procedimentos nos tribunais móveis em Roma, no dia 03/08/42, que duraram apenas 2 horas e meia, durante as quais 26 pessoas foram condenadas à morte. Em Stara Pazova, no dia 08/08/42, o tribunal, em apenas meia hora, condenou 18 pessoas à morte. Em Roma, no dia 10/08/42, um conselho de defesa nomeado pela Ustashi manobrou a defesa de 25 pessoas, as quais encontrou pela primeira vez no tribunal e cujo presidente permitiu apenas dois minutos para cada pessoa. Os tribunais, como a mais trágica zombaria da

justiça, eram na verdade instrumentos de extermínio, conforme ficou provado pelo fato de que em quatro anos, somente um ramo da corte móvel de Zagreb, encabeçado por Ivan Vidnjec, sentenciou à morte 2.500 cidadãos.

Mas enquanto os tribunais tinham pelo menos uma aparência de legalidade, a Ustashi encontrava meios de exterminar milhares de pessoas por um método mais rápido, isto é, despachando-as para os campos de concentração e lá dispendo de suas vidas. A instituição e supervisão desses campos estava exclusivamente a cargo de Pavelic, o qual pessoalmente cuidava de sua gerência. As detenções e deportações para esses casos ficava a cargo da Ustashi, que poderia para lá enviar quem quer que ela julgasse “pessoa não confiável”, tendo absoluta autoridade para matar imediatamente ao chegar, qualquer um que lá se encontrasse. De fato, “havia um acordo”, citando Ljubo Milos, comandante do campo de concentração de Jasenovac, “que todos os sentenciados a três anos deveriam ser imediatamente liquidados” (3). Por causa disso os internos nos campos eram liquidados indiscriminadamente, quer individual ou coletivamente, sem qualquer desculpa legal. Desse modo, em março de 1943, os internos no campo de Djakovo foram propositadamente infectados com tifo, causando a morte de 567 pessoas. No dia 15/09/41, o mesmo aconteceu àqueles do campo de Jasenovac, que estavam incapacitados de trabalhar, chegando de 600 a 700 o número de mortos. No campo de Stara Gradiska, 1.000 mulheres foram mortas. Dos 5.000 Sérvios Ortodoxos levados para o campo de Jasenovac, no final de agosto de 1942, 2.000 foram mortos a caminho, os restantes transferidos para Gradina, onde, em 28/08/41, foram mortos a marteladas. No campo de Krapje, em outubro de 1941, 4.000 pessoas foram assassinadas, enquanto no campo de Brodice, em novembro de 1941, 8.000 tiveram o mesmo destino. De dezembro de 1941 a fevereiro de 1942, em Velika Kosutanica em Jasenovac, mais de 40.000 Sérvios Ortodoxos, trazidos dos vilarejos das fronteiras da Bósnia, foram exterminados, inclusive 2.000 crianças.

[3. Todos os crimes descritos neste livro são autênticos. Para conhecer mais atrocidades desta espécie, ver o Memorando enviado à Assembléia Geral da ONU, em 1950, por A. Pribicevic, Pres. do Partido Democrata Independente da Iugoslávia, e pelo Dr. V. Belaicic, ex--juiz da Suprema Corte da Iugoslávia. Também ver os Dokumenti compilados por Joza Horvat e Zdenko Stambuk, Zagreb, 1946].

As crianças não eram poupadas e campos de concentração especiais foram criados para elas. Nove destes ficavam em Lobar; Jablanac, perto de Jasenovac; Milaka; Brodici; Itojice; Stara Gradiska; Sisck; Jastrebarsko e Ciornja Rijeka. A destruição de infantes nestes lugares seria inacreditável, se não fosse evidenciada por testemunhas oculares, uma das quais contou:

Naquele tempo mulheres jovens e crianças vieram diariamente para o campo de Stara Gradiska. Cerca de 14 dias depois, Vrban (comandante do campo) ordenou que todas as crianças fossem separadas de suas mães e colocadas num quarto. Dez de nós fomos ordenados a levá-las em cobertores. As crianças choravam no quarto e uma delas colocou um braço e uma perna na abertura da porta, a fim de evitar que esta fosse fechada. Vrban gritou: “empurre-a” e quando não tive coragem de fazê-lo, ele fechou a porta, esmagando a perna da criança. Em seguida, pegou-a pela perna que restava e arremessou-a de encontro à parede até que estivesse morta. Depois disso, continuamos levando crianças para lá. Quando o quarto ficou lotado, Vrban trouxe gás letal e matou todas elas (4).

[4. Declaração feita pela testemunha Cijordana Friedlender, de notas estenografadas do caso Ljubo Milos, ps. 292-293].

Quando estava sendo julgado, Ante Vrbanc protestou que não havia assassinado centenas de crianças, mas apenas sessenta e três (5)

[5. Dez notas taquigrafadas do caso Milos].

Em 1942, havia cerca de 24.000 crianças, somente no campo de Jasenovac, das quais 12.000 foram assassinadas a sangue frio. Uma grande parte das restantes, tendo sido mais tarde liberada diante da pressão da Cruz Vermelha Internacional, pereceu aos montes, de intensa debilidade física. Cem destas crianças, acima de 12 meses, morreram após saírem do campo por causa de soda cáustica adicionada à alimentação.

O Dr. Katicic, Presidente da Cruz Vermelha, chocado com esses assassinatos em massa, liderou o mais forte protesto, começando a denunciar ao mundo o extermínio em massa das mesmas. Em resposta, Pavelic mandou internar o Dr. Katicic no campo de concentração de Stara Gradiska.

Isso não foi tudo. Até mesmo os piores horrores – se é que podiam existir piores – aconteciam nos campos de concentração de Pavelic. Havia casos em que as vítimas eram queimadas vivas.

A cremação em Jesenovac aconteceu na primavera de 1942. Nisso eles queriam imitar os campos nazistas da Alemanha e da Polônia, de modo que Picilli tinha noção de como fabricar tijolos dentro de um crematório, no que teve sucesso, com 14 fornos (sete de cada lado), construindo um forno para cremar pessoa. Então tomou a decisão de cremar as pessoas ainda vivas e simplesmente abrindo a imensa porta de ferro, empurrava-as vivas lá dentro do fogo já preparado. Esse plano, contudo, excitou tremenda reação entre as que iam ser queimadas. Elas protestavam, gritavam e se defendiam. Para evitar essas cenas, ficou decidido matá-las antes e em seguida queimá-las (6).

[6. Idem. Ver ainda o inditamento oficial de Ante Pavelic].

Os representantes da única Igreja verdadeira não apenas conheciam tais horrores, como alguns deles eram autoridades nesses mesmos campos e até haviam sido condecorados por Ante Pavelic. Como exemplo, temos o Padre Zvonko Brekalo, do campo de concentração de Jasenovac, que foi condecorado pelo próprio líder com a “Ordem do Rei Zvonimir”. O Padre Grge Blazevitch, assistente do comandante do campo de Bozanski-Novci; o irmão Tugomir Soldo, organizador do massacre dos Sérvios, em 1941. E outros mais. As maiores abominações podiam dificilmente sobrepujar os feitos destes indivíduos, os traidores mais vis da civilização humana.

Capítulo 5

O TRIUNFO DO TERRORISMO

Para completar a manipulação coletiva, as torturas e as mortes legalizadas da Ustashi, outro instrumento terrível, talvez o mais execrável de todos, abateu com temores uma população aterrorizada: as expedições punitivas levadas a efeito pela milícia especial de Pavelic, a Ustashi, a qual em tempo algum havia adquirido tão impiedosa notoriedade ao ponto de igualar-se aos monstros humanos do passado. Essas expedições destruíam casas e Vilas, prendiam, torturavam, pilhavam e sempre massacravam seus habitantes, geralmente sem mesmo esboçar qualquer desculpa ou aparência de legalidade. Distritos inteiros como os de Bosanska, Krajina, Lika, Kordan, Banija, Gorski Kotar e as regiões de Eslovênia eram completamente devastados por elas. Numerosas cidadezinhas tais

como Vojinic, Slunj, Korenica, Udbina e Vrgin-Most, foram completamente destruídas, enquanto massacres completos aconteciam em vários lugares, tais como Rakov Potok, Maksinir (perto de Zagreb), o platô Vojnovic em Bjelavar, o Parque Municipal, Osijek, e Jadovno, em Lika. Neste último, as vítimas eram amarradas com arame em grupos de vinte, levadas para a margem de um precipício de 1.000 pés, onde a Ustashi matava somente as primeiras pessoas e em seguida empurrava para baixo as demais, ainda vivas. Pavelic participava pessoalmente, até mesmo contra as Vilas croatas – como por exemplo, em 01.12.41, quando Cerje, Pasnik e Jesenje foram arrasadas, sendo que nessa ocasião sete mulheres, quatro crianças e nove velhos foram mortos e atirados dentro de uma casa em chamas; ou em 1945, quando o vilarejo de Jakovlje foi arrasado, depois que a maior parte dos seus habitantes foi assassinada.

Em abril de 1941, na Vila de Gudovac, duzentos camponeses Sérvios foram mortos pelos Ustashis, seguidos por um grupo maior nas Vilas de Stary Petrovac, no distrito de Nova Gradiska, e em Glina. Ali, nos primeiros dias de maio de 1941, a Ustashi de Karlovac, Sisak e Petrinja, juntou em grupos todos os homens de mais de 15 anos, atirou dentro de um furgão, levou-os para fora da cidade e lá matou todos eles. Geralmente as execuções eram cometidas nos lares das vítimas, com as armas mais primitivas. Alguns Ustashis especializados desempenhavam tais encargos, esmagando-lhes os crânios com panelas ou até mesmo com martelos. Inacreditáveis atrocidades autenticadas eram cometidas onde quer que a Ustashi aparecesse. Em Dubrovnik, Dalmácia, por exemplo, os soldados italianos tiraram a foto de um Ustashi usando dois colares. Um era fabricado com olhos arrancados e outro com línguas cortadas dos Sérvios assassinados. (1)

[1. Para mais atrocidades, ver o Memorando sobre os Crimes do Genocídio Cometido contra o Povo Sérvio pelo Governo do Estado Independente da Croácia, durante a II Guerra Mundial, datado de outubro de 1950, enviado ao Presidente da 5ª Assembléia Geral das Nações Unidas por Adam Pribicevic, Presidente do Partido Democrata da Iugoslávia; Dr. Vladmimir Belajcic, ex--Juiz da Suprema Corte da Iugoslávia, e Dr. Branko Miljus, ex--Ministro da Iugoslávia].

Deportações e execuções em massa, principalmente em cidades e Vilas pequenas, eram operações bem planejadas. Em geral, o procedimento era simples. As autoridades da Ustashi convocavam grupos de Sérvios sob o pretexto de recrutamento para o serviço militar ou obras públicas. Uma vez reunidos, eles eram cercados pelos destacamentos armados da Ustashi, levados para fora da Vila e aí executados. Nas regiões montanhosas da Dalmácia superior, como Bósnia e Herzegovina, as mulheres e crianças eram levadas para lugares ermos e ali massacradas. Em Brcko, a cidade natal de Dzefer Kulenovic, primeiro Ministro deputado da Ustashi, os prisioneiros eram executados sobre pontes e em seguida atirados ainda vivos dentro do rio.

No princípio de maio (1941) os Ustashis sitiaram Glina e tendo reunido todos os membros masculinos ortodoxos, acima de 15 anos de idade, de Karlovac, Sisak e Petrinja, levou-os para fora da cidade e matou todos os seiscentos com revólveres, facas e marretas. No dia seguinte todos os demais Sérvios foram assassinados. O centro desse massacre foi uma Vila de Bosansk Grabovac.

No dia 03.08.41, mais de trezentos Sérvios foram massacrados em Vrgin Most. No dia 29.07.41, Bozidar Cerovski, chefe da polícia de Zagreb, chegou na localidade de Vojnic e, tendo reunido mais de três mil Sérvios de Krnjac, Krstinge, Siroka, Reka, Slunj, Rakovica, e outras Vilas, levou-os para Pavkovitch, onde mandou massacrar todos eles,

perto do moinho da Vila. Nas Vilas de Baska, Perna e Podgomolje, no distrito de Bosanska, Krupa, no verão de 1941, quinhentas e quarenta mulheres e crianças foram trancadas em casas às quais foi ateado fogo.

Na Vila de Crevarevac, cerca de seiscentas pessoas foram queimadas dentro de suas próprias casas. No distrito de Cazin em Mlnici Smiljanic, mais de sessenta mulheres e crianças foram queimadas até à morte. Quinhentas pessoas foram massacradas em Bujojno.

Em Slovanka Pozega, 500 camponeses trazidos da Bósnia foram mortos. Em alguns distritos de Stem, no verão de 1942, mais de 6.000 Sérvios foram mortos. Em Bihac, em um só dia de junho (1941), 2.000 Sérvios foram mortos. Enquanto durante os meses de julho e agosto do mesmo ano, mais de 12.000 foram massacrados. No distrito de Bosanska Krupa, no verão de 1941, um total de 15.000 pessoas foram mortas.

Esses assassinatos em massa eram executados das mais sistemáticas maneiras e eram geralmente planejados em Zagreb. Às vezes eram legalizados através de ordens estatutárias – por exemplo, em 02.10.41, Pavelic emitiu uma ordem estatutária que em caso de ataque contra a Ustashi, como represália, sem qualquer procedimento legal, dez pessoas deveriam ser escolhidas pela polícia e mortas a tiros. Em 30.10.43, em outra ordem estatutária, ele ordenou represálias por tiros, enforcamentos ou envio aos campos de concentração a serem escolhidos pela polícia, e junto com os pais, seus filhos e mulheres.

No dia 30.06.44, ele nomeou um deputado especial para executar tais medidas de represálias. Sob essas ordens, um grande número de cidadãos foi alvejado, enforcado e ou levado para os campos de concentração sem julgamento algum. Em Roma, no dia 14.08.42 – por exemplo, 90 seguranças foram mortos a tiros; em Shremska Mitrovica, no dia 19.08.42, outros noventa. Em Vokovar, no dia 24.08.42, mais 140 seguranças foram mortos.

As piores atrocidades, por estranho que pareça, foram executadas por membros da Intelligentsia. O caso de Peter Brzica é sem dúvida um dos mais inacreditáveis naquela categoria. Peter Brzica havia freqüentado o Colégio Franciscano de Siroki Brijeg, Herzegovina. Era um estudante de Direito e também membro da organização católica dos Cruzados (Krizari). No campo de concentração de Jazenovac na noite de 29.08.42, ordens de execução foram dadas. Apostas foram feitas no sentido de quem poderia liquidar o maior número de internos. Peter Brzica degolou 1.360 prisioneiros com um afiado facão de açougueiro. Tendo sido proclamado ganhador do prêmio na competição, ele foi eleito “rei dos degoladores”. Um relógio de ouro, uma baixela de prata e um leitão assado e regado a vinho foram suas outras recompensas. Um médico, Dr. Nikola Kilolic, ele próprio um Croata, foi testemunha ocular no campo onde aconteceu esse caso espantoso e mais tarde testemunhou da autenticidade do mesmo.

[2. Este evento é descrito em seu livro Os campos de Concentração de Jazenovac, p. 282. Ver também o Memorando supra citado].

Assassinatos coletivos eram suplementados pelos massacres individuais e de pequenos números como parte da bem calculada política do governo, a qual fora executada ininterruptamente nos distritos rurais, tendo em vista aterrorizar as populações. Casos de maior ferocidade ocorridos na Croácia seriam inacreditáveis, se não tivessem sido autenticados.

Em setembro de 1942 os Ustashis executaram uma corrida uma inspeção na Vila Dukovsko, e mataram qualquer pessoa que encontraram. Entre outros feitos os Ustashis

atiraram oito homens num precipício. Um destes conseguiu se salvar, agarrando-se à protuberância de uma rocha. Os Ustashis ao notar isto divertiam-se entre eles, fazendo rolar pesadas pedras sobre o homem, até que ele caiu no abismo e morreu. Outros, na maioria pessoas relacionadas ou membros da mesma família, eram amarrados juntos e atirados num precipício. Em julho de 1941 um jovem de 16 anos, Slavko Popovic, foi levado pelos Ustashis para um campo, onde lhe ordenaram que cavasse uma cova, assassinando-o enquanto ele o fazia e nela sepultando-o. Em 20.09.42, um grupo de pessoas que escapavam foi apanhado pelos Ustashis. Todas elas – 54 homens e mulheres – foram massacradas, seus corpos empilhados e atirados ao fogo. Em junho de 1943, quando os Ustashis passaram pela Vila Zijimet, encurralaram os que não tiveram tempo de fugir – 74 velhos, mulheres e crianças – trancando-os numa cabana à qual atearam fogo. Todos foram carbonizados ainda com vida. Entre eles estavam a tia e dois filhos de Vojislav Zivanic, o qual perdeu vinte e cinco membros de sua grande família, inclusive seu pai e seu irmão, massacrados pelos Ustashis durante uma dessas inspeções (3).

[3. A testemunha ocular Bojislav Zivanic (pai, Duko; irmão, Bogoljub) de Dukovsko relatou esses eventos sob juramento e diante de um grupo de Sérvios e Croatas, dentre eles o Dr. Sekulich, General Mirkovic, e o autor, numa reunião especialmente feita em 20.05.51, em Londres].

Esses não eram exemplos isolados. A Ustashi mais que freqüentemente massacrava as Vilas sérvias, torturando barbaramente e matando crianças, e em seguida ateando fogo às Vilas. Na Vila de Susnjari – por exemplo, os Ustashis após terem matado a maior parte dos habitantes, carregaram cerca de 20 crianças sobreviventes, as quais foram amontoadas num grande celeiro, o qual foi incendiado. A maioria das crianças, com idade média de dez anos, foi queimada viva. As poucas que sobreviveram horrivelmente queimadas foram em seguida assassinadas (4). Uma testemunha ocular testificou ocorrências semelhantes:

[4. O Martírio dos Sérvios, p. 145, publicado pela Diocese da Igreja Ortodoxa Oriental da Sérvia para os Estados Unidos e Canadá].

Na Vila de Gorevac no dia 13.09.41, crianças de cerca de três anos de idade foram empaladas. Em alguns lugares as mães se atiravam com os filhos nos braços e uma só estaca perfurava mãe e filho.

Algumas moças tiveram seus seios amarrados e cortados; outras tiveram as mãos atadas aos mesmos. Os homens tiveram suas orelhas cerradas e seus olhos arrancados das órbitas (5). [5. Testemunhas oculares: Pritova, Bihack, Bósnia].

No dia 28.04.41 os Ustashis circundaram as Vilas de Judovac, Tuke, Brezenovac, Klokocevak e Bolac, no distrito de Bjelovar, prendendo 250 camponeses ortodoxos, dentre os quais Stevan Ivankovitch e o sacerdote ortodoxo Bozin. Tendo conduzido todos eles até um campo, os Ustashis ordenaram-lhes cavar as próprias sepulturas, após o que, suas mãos foram amarradas atrás das costas e todos eles foram jogados vivos dentro das sepulturas. Este feito criou comoção até mesmo entre os nazistas, que organizaram um comitê com a específica tarefa de exumar os corpos e tirar fotos como evidência. O “processo oral” foi incorporado a um documento oficial da Alemanha Nazista sob o título de Ustaschenwerk bet Bjelovar. Em memorando emitido por um oficial enviado para proteger a população ortodoxa na Bósnia Oriental, durante o terrível massacre de agosto de 1941, havia entre outras coisas o seguinte:

Durante nossa viagem em direção à colina de Javor, perto de Srebrenica e Ozren, todas as Vilas sérvias que atravessamos estavam totalmente desertas. Mas dentro

das casas muito freqüentemente encontramos famílias inteiras massacradas. Até mesmo barris cheios de sangue foram encontrados. Nas Vilas entre Vlasenica e Kladanj, descobrimos criança empaladas em estacas, seus pequenos membros ainda contorcidos pelas dores, lembrando insetos fixos com alfinetes (6).

[6. Ver Dokumenti o Protunarodnom Radu i Zlocinima Jednog. Digela Katolickog Klera, Zagreb, 1946. Ver também o Memorando já citado].

Na cidade de Sisak os Ustashis detiveram o industrial sérvio Milos Teslitch, muito conhecido pela sua generosidade, e o queimaram vivo. Um dos maiores responsáveis por esse crime foi o Ustashi católico, Faget (7).

[7. Assassinos em nome de Deus, Herve Lauriere, Paris , 1951]

Para coroar todos esses horrores alguns Ustashis não hesitavam em crucificar suas vítimas. Vamos mencionar apenas duas: Luke Avramovitch, ex-membro do parlamento, e seu filho, os quais foram crucificados e em seguida queimados dentro de sua própria casa, em Mlinst, distrito de Glamoc (8).

[8. Ver Dokumenti o Protunarodnom Radu i Zlocinima Jednog. Digela Katolickog Klera, Zagreb, 1946. Ver também o arquivo da Comissão Estadual de Investigação dos Crimes de Guerra.]

Essas atrocidades ocorriam com uma freqüência tal que chocavam até mesmo os aliados ideológicos da Ustashi – os fascistas italianos e os nazistas alemães. Isso a tal ponto que em mais de uma ocasião as autoridades italianas e alemãs retiravam a Ustashi do comando de regiões inteiras, substituindo todos os seus componentes por tropas italianas e alemãs, tentando evitar a repetição dos terríveis assassinatos individuais e coletivos cometidos pelas unidades católicas de Pavelic. Bastaria que mencionássemos dois casos típicos de substituição. No dia 02.08.41 as autoridades da Ustashi de Vrgin Most e de Cemernica anunciaram que todos os Sérvios que não quisessem ser molestados deveriam reunir-se no dia seguinte, às três horas da manhã, em Vrgin Most, onde os padres católicos estariam aguardando para convertê-los ao Catolicismo. Cerca de 5.000 Sérvios seguiram este conselho. Só que, em vez de padres católicos, lá estavam unidades da Ustashi, armadas de fuzil, as quais cercaram a multidão agrupada e quase todos foram presos até o dia seguinte, quando foram massacrados. Dentre eles havia 37 crianças de menos de 10 anos de idade (9). [9. Testemunha ocular: Stanko Sapitch, de Blakusa].

Não muito depois, em 20.08.41 outra unidade da Ustashi prendeu todos os Sérvios na região vizinha de Lijevno, levou-os às florestas de Koprinica, entre Bugojno e Kupres, e matou todos eles. Alguns dias mais tarde prenderam as famílias sobreviventes, as quais foram massacradas no mesmo local. Antes do massacre, mulheres e até mesmo moças foram raptadas, após o que a maior parte delas teve os seios cortados e os braços e pernas e quebrados. Alguns velhos, antes de serem executados, tiveram os seus olhos vazados com facas ou arrancados das órbitas (10).

[10. Evidência dada por um sobrevivente, Marija Bogunovitch].

Quinhentas mulheres e crianças foram empurradas em precipícios nos morros de Tusnica e Komasnica, enquanto outras 80 mulheres e crianças foram massacradas na escola da Vila de Celebic. As autoridades fascistas italianas ficaram tão chocadas por uma crueldade tão incrível que, além de despacharem suas tropas para protegerem a população sobrevivente, também mandaram ocupar a região de Lijevno e lugares vizinhos, dispensando os Ustashis e enviando um protesto a Zagreb.

Os Ustashis não estavam cometendo menos atrocidades em outras partes do país. Na cidade de Prijedor – por exemplo, durante a noite de 31 de agosto a 1 de

setembro, eles massacraram 1.400 homens, mulheres e crianças, deixando seus cadáveres apodrecerem nas casas e nas ruas. Os nazistas ao passarem ali perto ficaram horrorizados diante de tanta carnificina, entraram na cidade e obrigaram os Ustashis a saírem. Os nazistas tinham registros de massacres sem igual praticados por eles mesmos. Contudo, os horrores cometidos pelas tropas da Ustashi de Pavelic provaram ser de tal bestialidade ao ponto de chocarem até mesmo os nazistas. Uma evidência por demais chocante de que os massacres da Ustashi haviam suplantado tudo que fora experimentado na Alemanha de Hitler.

A magnitude da carnificina pode ser melhor avaliada pelo fato de que dentro dos primeiros três meses, de abril a junho de 1941, 120.000 pessoas pereceram desse modo. Proporcionalmente à sua duração e a pequenez do território, foi este o maior massacre já acontecido em qualquer lugar no ocidente, antes, durante e após o maior cataclisma do século – a II Guerra Mundial.

Capítulo 6

“CRISTO E A USTASHI MARCHAM JUNTOS”

Se o primeiro ingrediente do supernacionalismo da Ustashi foi a raça, o segundo foi a religião. Estes dois poderiam dificilmente existir separados, tendo ficado tão estreitamente relacionados ao ponto de, na Croácia, a palavra Católico significar Croata. Se isto foi útil ao racismo Ustashi não foi menos benéfico ao Catolicismo, de modo que uma vez tendo sido esta teoria estabelecida, de que Croata significava Católico, a idéia de que a Croácia teria de ser totalmente católica, não apenas se tornou firmemente enraizada: ela se transformou num dos mais básicos objetivos do Novo Estado.

Os resultados dessa identificação foram espantosos. Pois, enquanto o racismo adotou uma política de cem por cento racismo, a Igreja Católica adotou uma política de cem por cento Catolicismo. As duas políticas eram, com efeito, uma só, na qual as autoridades políticas completavam os interesses religiosos do Catolicismo, enquanto as autoridades religiosas completavam os interesses do racismo Ustashi.

O processo real de integração de ambos – Ustashi e Catolicismo – numa inseparável unidade orgânica político-religiosa, não apenas foi conduzida por indivíduos católicos ou organizações católicas como pelos Cruzados, ou líderes políticos católicos como Macek; ele foi promovido pelo clero católico antes mesmo do nascimento do Estado Ustashi. Os padres católicos de fato já pregavam com vigor o Fascismo, antes da II Guerra Mundial. A Imprensa Católica por eles controlada tornou-se o mais poderoso órgão de propaganda fascista. Através desta eles advogavam o Estado Fascista corporativo, louvavam os ditadores fascistas católicos e pregavam teorias raciais – como por exemplo, a teoria de que os Croatas não eram descendentes dos Eslavos, mas do Alemão Gótico. Um dos fundadores dessa teoria racial foi o bem conhecido padre católico Kerubim Segvic, o qual, lá pelos idos de 1931, havia escrito um livro intitulado A Descendência Gótica dos Croatas, tendo em vista criar o ódio racial contra os Eslavos, que eram sinônimo de Ortodoxos. As nações fascistas foram louvadas como glorioso exemplo para a futura Croácia. Em sua edição de 03.04.38, por exemplo o jornal diário católico Hrvatska Straza louvava a Hungria fascista por ter “solucionado o problema social ao aceitar o mais importante princípio do Estado Corporativo Cristão”. O mesmo

jornal em 02.03.38 saudou o Anschluss (Conexão) com: “Jovem croata para o Anschluss”.

A Imprensa Católica louvava o Nazismo Católico no modelo daquele plantado na Eslováquia pelo padre católico e ditador nazista, Monsenhor Tiso. A Katolicki List, de Zagreb, órgão do Arcebispo Stepinac, em janeiro de 1940. divulgou um artigo intitulado “Catolicismo e Nacional Socialismo Eslovaco” onde se lia em parte:

“Num estado moderno, que colocou os interesses do povo acima de todas as demais considerações, a Igreja e o Estado devem cooperar, a fim de evitar todos os conflitos e desentendimentos. Assim, de acordo com os ensinamentos de Cristo, a Igreja na Eslováquia já havia se exercitado em arranjar uma nova vida para o povo eslovaco. Os pontos de vista do Dr. Teke são atingidos pela formação de uma “Eslováquia do povo” que teve aprovação do Presidente da República, Monsenhor Dr. Josip Tiso. No sistema Nacional Socialista na Eslováquia a Igreja não será perseguida. As perseguições serão usadas contra os oponentes do Nacional Socialismo.”

As realizações do Fascismo Católico eram continuamente glorificadas na Hungria, na França do católico Petain e na Espanha do católico Franco. O principal diário católico, Hrvatska Straza, cujo editor, o Dr. Janko Shimrak, tornou-se bispo no governo de Pavelic, aberta e constantemente louvava os sucessos de Hitler na política doméstica e estrangeira. Na edição de 12.03.38, a ocupação da Áustria por Hitler foi defendida e louvada. Mais tarde este jornal elogiou os sucessos de Hitler nas Checoslováquia, Polônia e França. O Tjednik Katolicki, órgão da Ação Católica, publicado sob a direção do Arcebispo de Sarajevo, o Dr. Ivan Saric, publicou o artigo intitulado “Uma Nova Ordem Deve Chegar” (por exemplo a edição número 4, 1941), antes de Hitler atacar a Iugoslávia.

A Imprensa Católica ao propagar as idéias Nazi-Ustashis, desempenhou um papel tremendo no condicionamento das pessoas para o que aconteceria eventualmente, alcançando, como de fato se deu, o povo, em todos os estágios da vida. Sua influência foi grande e ajudou grandemente a apresentar Pavelic e a Ustashis como tendo sido enviados por Deus ao povo croata. Ela se tornou especialmente hábil em lançar as sementes do ódio religioso contra os Sérvios, ódio racial contra os judeus e ódio nacional contra a Iugoslávia. Imediatamente após a proclamação do Estado Independente da Croácia, ela se colocou sem reservas ao dispor da Ustashis seguindo, assim, o exemplo do clero católico, o qual tomou parte ativa em ajudar a Ustashis, empunhando armas para a desintegração do Reino Iugoslavo. Em muitos pontos os padres católicos, e até mesmo frades, ajudavam os bandos traidores armados da Ustashis com o objetivo preciso de atacar o exército iugoslavo pela retaguarda. Muitos desses clérigos se gabavam abertamente de suas atividades militares. Os feitos dos outros que caíram na batalha eram lembrados em seus obituários.

O semanário católico Nedelja em sua edição de 22.06.41, descreve em um artigo intitulado “A Última Convulsão da Iugoslávia na Ilha de Pag”, a maneira pela qual o padre tomou parte, naquela ilha, no desarmamento do exército iugoslavo:

Tarde da noite os croatas mais antigos seguiram o desenrolar dos acontecimentos. O reverendo Stipanov, em Vlasici sobre o Pag, devia escutar também as notícias e corria a informar os oficiais e soldados. Assim os novos eventos nos encontraram preparados e entusiasmados. Foi, então, decidido desarmar os oficiais do exército iugoslavo.

O jornal Ustashis, Hrvatski Narod, em 04.07.41, louvou o padre franciscano, Dr. Rodoslav Glavas como um grande organizador da Ustashis. O artigo em parte dizia:

Um jovem e enérgico franciscano, Dr. Rodoslav Glavas, veio para Siroki Greg e se colocou à frente da luta. Foi até traçado um plano para evitar a mobilização do exército iugoslavo. Assim, o dia histórico de 10 de abril foi bem vindo e na noite entre 10 e 11 de abril a Ustashi desarmou a gendarmaria local e capturou o posto dos correios.

O periódico Ustashi Zadom, número 1, de abril 1941, acrescenta:

Outro padre, unindo forças com dois guardas alfandegários, capturou dois generais e quarenta oficiais enquanto um irmão franciscano com o auxílio de alguns jovens, desarmou toda a companhia sérvia.

O Hrvastik Narod número 251, de 04.06.44, veiculou a notícia de morte escrita pelo Padre Eugen Belohan, do capelão Ivan Miletic, o qual descrevendo suas atividades Ustashis afirmava: “Como sacerdote ele assistiu a derrocada do exército iugoslavo durante a revolução”. Existe uma lista interminável de tais registros nos arquivos da Comissão dos Crimes de Guerra.

Após a queda da Iugoslávia e o nascimento do Estado Independente da Croácia a Imprensa Católica voltou-se toda para Pavelic e sua Ustashi. O Vjesnik Pocasne Straze Sca Isusova (Correio dos Honoráveis Guardas do Coração de Cristo) continha, nas edições número 5 e 6, de 1941, um artigo intitulado: “A Insígnia da Croácia – o Coração de Cristo”, no qual a ressurreição da Croácia era comparada à de Cristo:

Ao romper da aurora o povo croata experimentou a sua ressurreição na hora da ressurreição de Cristo. O grande filho do povo croata voltou e deu ao povo a sua liberdade e antigos direitos. E isso também é obra de Deus. O Senhor fez tudo isso e por isso ela parece estranha aos nossos olhos.

O Glasnik Biskopije Bosanisk i Sremske (A Voz dos Bispos da Bósnia e de Srem), número 13 de 15.07.41, imitando Pio XI, que chamou Mussolini “o homem enviado pela Providência”, chamou Pavelic um homem da providência:

Santo é o ano da ressurreição do Estado Independente da Croácia. A galante imagem do nosso Capitão apareceu no arco-íris. Pode e deve-se dizer que ele é o homem da Providência.

O Glasnik Sv. Ante (A Voz de Santo Antônio), em sua edição de 12.12.41, foi mais longe, declarando que o nascimento do Estado Independente da Croácia foi obra de Deus:

Os Croatas, que são na maioria um povo católico, consideram esse grande evento histórico como um acidente da sorte ou um golpe de sorte. Mas não! Ele é a obra de Deus e da Providência.

Mesmo isso ainda não foi bastante. A Ustashi foi comparada a ninguém mais além de Cristo. É o testemunho da voz do Movimento Cruzado, Nedelja, o qual em sua edição de 06.06.41, num artigo intitulado “Cristo e a Croácia” declarou o seguinte:

“Cristo e a Ustashi e Cristo e os Croatas marcham juntos através da história. Desde o primeiro dia de sua existência o Movimento Ustashi tem estado lutando pela vitória dos princípios de Cristo, pela vitória da justiça, liberdade e verdade. Nosso santo Salvador nos ajudará no futuro, como tem feito até agora, daí porque a nossa Croácia Ustashi será de Cristo, nossa e de mais ninguém”.

Aos líderes católicos, sacerdotes e até bispos, foram dadas posições no Estado Ustashi. Imediatamente após ter Pavelic assumido o poder, muitos padres foram nomeados para postos administrativos, locais e provinciais no Estado Ustashi recém criado. Vamos mencionar apenas alguns: o Padre católico Ante Klaric Tepelun, da Vila de Tramske, distrito de Gradacac, que em abril de 1941 tornou-se sargento e tomou parte no

desarmamento do exército iugoslavo. O Padre Emanuel Rajich, sacerdote em Gornji Vakuf, que participou também no desarmamento do exército iugoslavo, organizou as regras da Ustashi em Gornji Vakuf e foi nomeado sargento, em cujo ofício organizou a primeira unidade do exército Ustashi em Gornji Vakuf.

A Novi List número 54 em 1941 registrou a nomeação do Padre Sterjpan Lukic para o posto de ajudante de campo (Lugorni Povocnik) do campo de Zepce. Secelja Martin, sacerdote em Recica, distrito de Karlovac, foi nomeado para o posto de sargento no condado de Recica, o Dr. Dragutin Kamber, sacerdote em Doboj, foi nomeado em abril de 1941 para o posto de Comandante da Ustashi no distrito de Doboj, com todos os poderes políticos e civis concentrados em suas mãos.

O número 34 do mesmo jornal veiculou, em 01.07.41, uma ordem do governo nomeando o Padre Didak Coric para o posto de sargento em Jaska. Ante Djuric, sacerdote na Vila de Divusa, foi nomeado sargento no distrito de Drvar, e o Padre Dragon Petranovic, para o posto de Logornik, no campo do distrito de Ogulin.

Aos líderes católicos diretamente subordinados à Hierarquia foram dadas as mais altas posições – por exemplo, o Presidente dos Cruzados era o Padre Dr. Felix Niedzielsky, o qual foi feito vice-governador da Ustashi na Bósnia, durante os primeiros dias do regime Pavelic. Outro padre católico, Greg Peinovic, Diretor dos Cruzados, foi feito nada menos que Presidente do Escritório Central de Propaganda da Ustashi, conforme registrado no Fledelja, em 10.08.41. Num artigo intitulado “Os Cruzados no Estado Independente da Croácia”, o mesmo jornal apontou para o fato de que muitas pessoas treinadas na organização dos Cruzados estavam ocupando agora altos cargos o que realmente era verdade.

A participação ativa de tantos líderes e clérigos católicos na formação do Estado Ustashi da Croácia só havia se tornado possível graças a uma coisa: ao consentimento e, em verdade, às instruções dos líderes da Hierarquia Católica. Isto ficou provado a partir do próprio início, através do fato indiscutível de que o clero superior e inferior cooperava de todo coração com Pavelic. As paróquias católicas bem como as catedrais e, em verdade, todo sistema radiofônico, foram usados como plataforma para Pavelic e a Ustashi. Para confirmar a Rádio Zagreb em 11.04.41 um dia após que Kvaternik e o exército alemão terem entrado na capital croata, instruiu o povo a dar as boas vindas ao exército alemão e “procurar respostas para todas as questões nos escritórios das paróquias católicas, onde seriam dadas instruções sobre o trabalho a ser feito”.

O órgão oficial do arcebispado de Zagreb, o Katolicki List (Lista Católica) número 16, de 1941 declarou que o Estado Independente da Croácia havia sido criado pela Onipotente Providência. “A Igreja Católica”, concluiu este, “rezou a Deus para que a Nova Croácia fosse conseguida”. O referido jornal foi mais longe, visto como logo em seguida publicou “os princípios do Governo do Estado Independente da Croácia e do Movimento Ustashi”, para informar os seus leitores sobre as diretrizes básicas do regulamento da vida de cada indivíduo no novo Estado fantoche. Essas diretrizes depressa ajudaram Pavelic a converter a Croácia num virtual campo de concentração. O Arcebispo Stepinac em 28.04.41, emitiu uma carta pastoral, na qual pedia ao clero para responder sem hesitação à sua convocação, a fim de poderem tomar parte na exaltada obra de defender e melhorar o Estado Independente da Croácia declarando que, a partir de então, no ressurreto Estado da Croácia a Igreja poderia, em total liberdade, pregar “os invencíveis princípios da verdade e justiça eternas”. A carta pastoral publicada no Nedelja e na Lista Católica de 28.04.41 dizia o seguinte:

“Honoráveis irmãos, não há entre vós quem não tenha testemunhado recentemente o evento mais significativo da vida do povo croata, dentro do qual temos agido como bastiões da palavra de Cristo. Estes são os eventos que cumpriram o ideal há muito sonhado e desejado de nosso povo... vós, portanto, deveis atender prontamente à minha convocação para a obra elevada de salvaguardar o progresso do estado independente da Croácia... provai honoráveis irmãos e cumpri o vosso dever agora em direção ao jovem Estado independente da Croácia”.

A carta pastoral foi lida em todas as paróquias da Croácia. Foi também lida na Rádio. A impressão que ela causou no povo, e especialmente no clero, foi indicada pelo Padre Peter Glavas, o qual, após o seu julgamento, depois da libertação, disse em sua própria defesa: “A ordem dada pelo Arcebispo Stepinac ao povo através do rádio para lutar pelo Estado Independente da Croácia tornou-se uma diretriz política para o clero”. Como qualquer outro sacerdote, ele era obrigado a obedecer.

A seção da Ustashi no clero, que havia sido ativa no terrorismo, mesmo antes da guerra, não precisava dessa circular para dizer-lhe como agir. Contudo, muitos que até então haviam hesitado, depois dessas instruções de Stepinac, aceitaram suas diretrizes e se engajaram completamente no apoio à Ustashi. O clero católico não se juntou à Ustashi meramente para cantar hinos em Latim. Ele se juntou para executar os programas terroristas raciais e religiosos.

Quando Pavelic retornou da Itália para Zagreb, a fim de assumir a liderança da Nova Croácia, ele parou na cidade de Ogulin, em 13.04.41, onde teve uma conferência com um dos seus terroristas mais fanáticos, o padre católico Ustashi, Canon Ivan Mikan. Naquele mesmo dia, em discurso público, Canon Mikan predisse o quadro das coisas porvir: “Haverá expurgos”, gritou Padre Mikan, “Sim haverá expurgos”. Na mesma noite, não longe daquela região, uma expedição punitiva da Ustashi atacou indivíduos sérvios em diversas Vilas.

Foram esses massacres cometidos apenas por seguidores de Pavelic? Eles eram muitas vezes promovidos e executados por padres católicos que afirmavam ser os seguidores de Cristo e os representantes da Igreja; gritando aos quatro ventos que pregavam o amor universal. Basta-nos mencionar alguns. O primeiro Comandante Ustashi no Distrito de Udbina foi um frade franciscano, Mate Mogus, que havia organizado a milícia Ustashi e desarmado as tropas iugoslavas. No comício de 13.06.41 em Udbina, ele fez esta homilia: “olhai, povo, para estes dezesseis bravos Ustashis, que têm 16.000 balas e matarão 16.000 Sérvios, após o que dividiremos entre nós, de maneira fraternal, os campos de Mutilice Krbava” – discurso que foi o sinal para o extermínio dos Sérvios no distrito de Udbina.

Em Dvor na Uni, o Padre Anton Djuric, fez um diário de suas atividades como funcionário da Ustashi. O diário mostra que sob suas ordens a Ustashi derrubou e incendiou a Vila de Segestin, onde 150 Sérvios foram assassinados, e que na Vila de Goricka 117 pessoas foram presas, sendo enviadas para um campo de concentração, onde muitas foram mortas.

Um grupo de frades franciscanos, que torturou e depois matou 25 Sérvios, na Vila de Kasle, tirou fotos das vítimas. Na Vila de Tramosnica, o Padre Ante Klaric tornou-se o primeiro comissário Ustashi, e comandou pessoalmente unidades Ustashis de ataques às Vilas sérvias. Ele organizou a milícia Ustashi e, segundo testemunhas, falou do púlpito o seguinte:

Vós que sois senhoras idosos, deveis vestir camisolas porque não tendes matado um único Sérvio. Não tendes armas, nem facas e devemos forjá-las a partir dos velhos ancinhos e foices, de modo a cortar as gargantas dos sérvios sempre que os verdes.

O Padre Bozo Simless, na Vila de Listani, era um dos membros mais ativos da Ustashi. Ele mantinha o posto de chefe do Distrito de Livno. Durante o extermínio dos Sérvios, no condado de Listani, ele concitou do púlpito as pessoas, afirmando ter chegado a hora de exterminar todos os Sérvios que viviam na Croácia. Ele organizou pessoalmente a milícia Ustashi e obteve armas para ela. Em 27.07.41, ele fez um comício na Vila e, quando lhe informaram que todos os homens Sérvios tinham sido assassinados e que as mulheres e crianças seriam mortas naquela noite, ele os ordenou a não esperar pela noite, pois vinte e quatro horas já haviam se passado desde que o chefe havia dado a ordem de que nenhum Sérvio deveria sobreviver na Croácia.

O Deão católico de Stolac, em Herzegovina, o Padre Marko Zovko, foi o responsável pelo assassinato de 200 pessoas, cujos corpos foram jogados dentro de um canal, no campo de Vidovo. O franciscano Mijo Cujic, de Duvno, deu pessoalmente instruções para o massacre dos Sérvios nas Vilas de Prisoje e Vrila, onde ninguém deveria ficar vivo. Foram estes os feitos abomináveis de alguns indivíduos enlouquecidos pelo fanatismo religioso e racial? Realmente não foram. Eles eram parte integral da política oficial da Igreja Católica, a qual, disfarçada sob o manto do Estado Independente, havia inspirado e promovido todos esses horrores, que ensoparam num mar de sangue a terra histórica da Croácia.

Capítulo 7

FRADES CATÓLICOS, PADRES CARRASCOS, BISPOS E ASSASSINOS

Como o racismo Ustashi havia adotado uma política de extermínio dos Sérvios, segue-se que o seu irmão gêmeo, o Catolicismo, não poderia senão adotar o extermínio do seu principal inimigo – a Igreja Ortodoxa. Estado e Igreja, conseqüentemente, para implementar o seu esquema mútuo de completa exclusividade racial e religiosa, decidiram adotar políticas paralelas epitomizadas no extermínio dos elementos raciais, os Sérvios, pelas autoridades políticas, e dos elementos religiosos, os Ortodoxos, pela Hierarquia Católica.

A Igreja Católica não deixou a execução de uma guerra religiosa ao braço secular, como fizera em circunstâncias semelhantes, durante os séculos passados. Ela foi para o campo da luta, com a maior rapidez, desprezando precauções e brandindo a espada contra os que ela já havia decidido exterminar, com uma presteza jamais vista em tempo algum. Muitas das formações Ustashis eram oficiadas por padres católicos e muitas vezes por frades, que haviam feito um pacto de lutar com punhal e revólver para o “triumfo de Cristo e da Croácia”. Muitos deles não hesitavam em executar as tarefas mais infames, gloriando-se em façanhas que teriam envergonhado a maioria dos “pagãos e bárbaros do Oriente”. Tudo em nome da religião. Assim, enquanto alguns, como já vimos, tomavam conta dos campos de concentração, outros conduziam os Ustashis armados no fechamento de igrejas ortodoxas, no confisco de registros ortodoxos, na perseguição, prisão, e até mesmo no assassinato do povo ortodoxo, inclusive dos sacerdotes ortodoxos.

Em Banjaluka, por exemplo, uma ordem oficial exigia que todos os registros de casamentos, batismos e funerais da Igreja Ortodoxa fossem entregues imediatamente às

paróquias católicas, enquanto em Pakrac, os padres católicos se apoderavam da residência do Bispo Sérvio, depois de fechar e lacrar a catedral ortodoxa, em 12.04.41.

As igrejas ortodoxas eram convertidas em salões – por exemplo, a de Prnjavor, em 10.07.41. Outras eram transformadas em igrejas católicas, quando não eram demolidas todas juntas – por exemplo nas províncias de Lika, Banija e Kordum, onde 172 igrejas foram totalmente demolidas. Os mosteiros ortodoxos compartilhavam a mesma sorte. Em Frusca Gora, 15 mosteiros sérvios ortodoxos e igrejas foram dados aos monges católicos da Ordem Franciscana, o que também foi feito com as propriedades em Orahovick, Pakrac, Lepavina, e outros lugares. O mosteiro de Vrdnik-Ravanica, dentro do qual estavam sepultados os restos mortais do Rei Lazar, que conduzira e foi morto na batalha de Kosovo contra os turcos, em 1389, em defesa do Cristianismo, também foi removido, como foi o de Srmski Karlovci, o ex-coração do patriarcado ortodoxo. Ali a grande catedral foi primeiro pilhada de todos os seus valores, depois fechada, e em seguida, todas as suas propriedades físicas foram tomadas pelo bispo católico. Dentro de um curto período, 250 igrejas ortodoxas foram pilhadas e destruídas. Na diocese de Diakovo, antes mencionada, vinte e oito igrejas ortodoxas tornaram-se igrejas católicas.

Junto com a destruição das igrejas ortodoxas, a ferocidade católica explodiu contra a própria estrutura da Igreja Ortodoxa, isto é, contra o clero ortodoxo. Os sacerdotes ortodoxos foram presos, enviados aos campos de concentração, caçados ou simplesmente massacrados. Centenas deles, incluindo bispos ortodoxos, pereceram, só porque eram sacerdotes da religião considerada hostil à “Igreja verdadeira”.

Os sacerdotes ortodoxos, antes de serem executados e enforcados, eram muitas vezes horrivelmente torturados – como por exemplo o Padre Branko Dobrosavljevich, de Veljun, que foi obrigado a ler o obituário do seu próprio filho, o qual primeiro os Ustashis mataram na presença dele, antes de sua própria tortura e morte, tendo sido este o sinal da execução em massa de centenas de ortodoxos dentro das igrejas ortodoxas de Kladusa, Veljun, Slusnica, Primislje e outros lugares. Em abril de 1941, na Vila de Svinjica, a Ustashi prendeu o sacerdote ortodoxo Babic, e depois de torturá-lo, sepultou-o de pé até à cintura, na terra. Dentro de algumas semanas os padres católicos e a Ustashi haviam assassinado 135 sacerdotes ortodoxos, dos quais 85 vieram de uma diocese.

O clero superior não foi poupado. Na noite de 05.06.41, sob as ordens do chefe Ustashi, Gutic, o bispo ortodoxo Platon, de Banjoluka, na Bósnia Ocidental, junto com vários sacerdotes ortodoxos, alguns dos quais, ex-membros da Casa dos Representantes, foram levados até os arredores da cidade pelos Ustashis. Lá a barba do bispo ancião foi arrancada, fogo colocado em seu peito nu, e em seguida, depois de prolongada tortura, ele e todos os seus companheiros foram mortos com marretas e seus corpos arremessados do Rio Vrbanja.

Dositej, o bispo ortodoxo de Zagreb, capital do Estado Independente da Croácia, onde o Arcebispo Stepinac tinha sua residência, enlouqueceu por causa das torturas a ele infligidas, antes de sua expulsão de Belgrado. Três bispos ortodoxos, Peter Zimonjic, de Sarajevo, Sava Trlapic, de Plaski e Platon, de Banjaluka, foram assassinados (1).

[1. Ver Memorando dos Crimes de Genocídio Cometido contra o Povo Sérvio pelo Governo do Estado Independente da Croácia, durante a II Guerra Mundial, datado de outubro de 1950, enviado à 5ª Assembléia Geral das Nações Unidas, por Adam Pribicevic, Presidente do Partido Independente Democrata da Iugoslávia; Dr. Vladimir Belajicic, ex-Juiz da Suprema Corte da Iugoslávia e Dr. Branko Miljus, ex-Ministro da Iugoslávia].

Numerosos padres e monges católicos, alguns deles nem sequer ligados à Ustashi, levaram a efeito indiscriminadas execuções com as próprias mãos. Muitos deles metodicamente e com precisão, tomaram parte nas mais incríveis orgias de sangue. Canon Ivan Mikan, já mencionado, fazia rondas diárias de prisão e atacava impiedosamente os sérvios ortodoxos com um açoite de couro de touro, censurando os Ustashis por relaxarem no trabalho, e ordenando pessoalmente que o mosteiro ortodoxo de Gomirje fosse pilhado e os seus internos enviados para um campo de concentração, onde foram todos executados. Frade Anton, um padre católico de Tramosnjica, organizou bandos Ustashis com o objetivo de capturar tantos sérvios quanto fosse possível, os quais ele torturava pessoalmente, como fez com Brako. Simic Vjekoslav, um frade do mosteiro de Knin, matou pessoalmente numerosos ortodoxos. Sidonije Sole, um frade do mosteiro franciscano de Nasice, deportou a população ortodoxa de Vilas inteiras, onde os padres católicos Guncevic e Manjanovich Dragutin, além de agirem como oficiais da polícia, ordenaram a prisão de centenas de ortodoxos, os quais torturaram e depois mataram, tomando parte pessoal ativa na execução destes (2).

[2. Ver também O Martírio dos Sérvios, p. 176].

German Castimir, abade do mosteiro em Guntic, dirigiu pessoalmente o assassinato coletivo dos Sérvios Ortodoxos de Glina, cem dos quais foram assassinados dentro da igreja ortodoxa, ali. Os nomes de muitos outros foram postos em registro pela diocese da Igreja Sérvia Ortodoxa Oriental dos Estados Unidos e Canadá, pela Igreja Ortodoxa da Iugoslávia, pelo governo da Iugoslávia e por outras agências oficiais. (3)

[3. Para uma lista de nomes dos padres católicos que praticaram pessoalmente tais crimes, ver O Martírio dos Sérvios, p. 176, preparado pela Diocese Sérvia Ortodoxa Oriental para os Estados Unidos e Canadá. Imprensa Palandech de Chicago, 1943. Se o Arcebispo Stepinac quisesse, poderia tê-los castigado com sanções militares como o seu vigário militar. É sinistramente significativo que o Vaticano permitisse que Stepinac se tornasse vigário militar, em outubro de 1940, antes da Iugoslávia ser invadida. Ver ainda o Tablet, janeiro de 1953].

O propósito de todo esse terror era destruir os inimigos do Catolicismo. Contudo, sempre que a Igreja Católica tem recebido poder total, ela se torna uma impiedosa destruidora dos seus inimigos, arrebatando com sonhos de expansão, e pode, também, simultaneamente seguir uma campanha não menos impiedosa de absorção. A absorção deve ser conseguida por um só meio – através de conversão.

A Igreja Católica jamais acreditou na persuasão, que é usada somente quando ela não pode usufruir de poder absoluto. Suas ações sempre têm sido baseadas em um dos mais indiscutíveis e típicos dogmas – a força bruta. Então não é apenas para esmagar, mas também para converter. Na Croácia ela usou a força bruta para ambas, destruição e conversão, tendo sido estas, em todas as suas guerras de religião, duas facetas da mesma grande estratégia. E foi assim que, enquanto demolia igrejas ortodoxas e ao mesmo tempo massacrava o clero ortodoxo e os bispos, a Igreja estava convertendo congregações ortodoxas ao Catolicismo, usando a “persuasão” através de boicotes, ameaças, força e até mesmo a morte. Os padres católicos tornaram-se os líderes naturais desta especializada operação, quando padres e monges competiam para ver quem poderia converter mais ortodoxos à “única fé verdadeira”. O espírito no qual essa campanha se baseava pode bem ser julgado por um típico folheto editado em 1941, pelo jornal diocesano Djakovo, em que se lia:

O Senhor Jesus Cristo disse que deveria haver um só rebanho e um só pastor. Habitantes de fé grega oriental, ouvi este conselho... O bispo de Djakovo já recebeu milhares de cidadãos na Santa Igreja Católica e estes cidadãos receberam certificados de honestidade das autoridades estaduais. Segui o exemplo desses vossos irmãos e apresentai-vos, o mais cedo possível, para recristianização na Igreja Católica.

Não foi este o único exemplo de “persuasão” católica apoiado por baioneta. Os padres falavam abertamente aos Ortodoxos para se tornarem Católicos, se quisessem evitar a perseguição, os campos de concentração e o extermínio. Franjo Pipinic, sacerdote em Posega, por exemplo, executou conversões de Sérvios em massa, no final de 1941, com a assistência do Capitão Paranovic da Ustashi, dizendo ao povo sérvio que a aceitação do Catolicismo era o único meio pelo qual eles poderiam ser salvos da morte nos campos de concentração. Nos arquivos da Comissão de Investigação de Crimes de Guerra existem centenas de casos dessa “persuasão”, dos quais vamos citar apenas alguns:

Um dos missionários mais fanáticos por conversão foi o Padre Ante Djuric, no distrito de Dvor. Ele ordenou o extermínio, massacre e incêndio de muitas Vilas e enviou centenas de Sérvios para o campo de concentração de Kostajnica. Mutilou pessoalmente e matou os Sérvios de Bosanska Kostajnica. Em seus discursos ele sempre enfatizava que os Sérvios em seu distrito “só tinham três opções: aceitar a fé católica, fugir ou serem esfolados com a escova de metal”.

[4. Katolicki Tjednik número 35 de 31.08.41].

O Padre Ambrozije Novak, guardião do Mosteiro dos Capuchinhos, em Varazdin, em 1941, foi para a Vila de Mostanica, acompanhado pela Ustashi, e ordenou que o povo sérvio se reunisse, dizendo-lhe: “Vocês, Sérvios, estão condenados à morte e só podem dela escapar se aceitarem o Catolicismo”.

O Padre Mate Mogus, da paróquia de Udbina, na província de Lika, foi bem mais explícito, pregando em sua igreja: “Até agora, meus irmãos, nós (católicos) temos trabalhado pela nossa religião católica com a cruz e o livro da missa; mas chegou o dia de trabalharmos com a cruz e o revólver”. Alguns, contudo, desejavam usar somente os revólveres para trazer abundante colheita de conversões forçadas em larga escala. As palavras do Padre Peter Pojic, publicadas no órgão do Arcebispo de Sarajevo, dão testemunho disso:

Até agora Deus tem falado através das encíclicas papais... E? Eles têm fechado os ouvidos. Agora Deus resolveu usar outros métodos. Ele vai preparar missões. Missões européias. Missões mundiais. Elas serão levantadas, não por padres, mas por comandantes dos exércitos conduzidos por Hitler. Os sermões serão ouvidos com a ajuda de canhões, fuzis, tanques e bombardeiros. A linguagem desses sermões será internacional.

Esses sentimentos eram compartilhados por padres que ocupavam as mais altas posições – por exemplo – o Monsenhor Dionizije Juric, um dos chefes do Ministério de Cultos e, o que é mais importante, o confessor do próprio Ante Pavelic. Quando em Staza, no distrito de Banija, o Padre Juric expôs o assunto das conversões forçadas como prioritário: todo Sérvio que se recusasse a tornar-se católico deveria ser condenado à morte, e explicou porque: “hoje não é mais pecado matar uma criança de sete anos, caso essa criança se oponha ao nosso Movimento Ustashi”.

A Ustashi havia cometido e continuava cometendo massacres além da conta. Contudo o devoto católico Mile Budak, num discurso em Karlovac, em 11.07.41, não

hesitou em declarar que “o Movimento Ustashi se baseia na religião”. Os Católicos que tivessem quaisquer dúvidas sobre isto podiam assegurar-se simplesmente pelo exame das profissões de muitos líderes da Ustashi, da qual uma grande proporção era constituída de monges, padres e até mesmo bispos, como por exemplo o Dr. Ivan Saric, Arcebispo de Sarajevo, oficial da Ustashi desde 1934. Este pilar da Santa Igreja Católica, logo que o terror católico desceu sobre a Croácia, falava e agia como verdadeiro Ustashi que era, incitando o seu clero subordinado a agir como Ustashi e, de fato, “a empregar métodos revolucionários a serviço da verdade, da justiça e da honra”, palavras repetidamente por ele impressas em seu *Katolicki Tjednik*, onde jamais se cansou de declarar que “é indigno dos discípulos de Cristo imaginar que a luta contra o mal (sic) poderia ser conduzida de maneira nobre e com luvas de pelica”. Isto vinha junto a poemas escritos em louvor a Pavelic, incitando os católicos a seguirem o exemplo de Pavelic e da Ustashi. (5)

[5. Hrvatski Narod, de 25.12.41. Novilist, de 10.11.42].

Mas se a recusa formal de conversão levava à morte, a aceitação da “verdadeira fé”, embora muitas vezes fosse garantia de vida terrena, nem sempre era de segurança. A mais leve relutância da parte dos indivíduos sérvios, qualquer indicação óbvia de que estavam se tornando católicos apenas para salvar a pele, muito frequentemente levava à vingança católica. Além disso, havia casos em que a convocação à conversão se tornava apenas um pretexto para massacres coletivos.

O cura Ilija Tomas, da Vila de Klepac, por exemplo foi o responsável pela morte de centenas de Sérvios, naquele distrito. A fim de capturar mais facilmente vítimas amedrontadas que fugiam para as montanhas, Tomas prometeu que dano algum lhes causaria, se abraçassem a religião católica. Quando muitas delas nisso acreditando, foram até ele, entregou-as aos Ustashis, que mataram todas. Na Vila de Strikade, em Lika, o padre católico Marber, líder da Ustashi, convidou os Sérvios a se converterem à religião católica. Como estes mostraram relutância, os Ustashis os cercaram e os massacraram com rifles e martelos, arremessando os corpos num fosso. Quando mais tarde esses corpos foram exumados, foi constatado que muitos ainda estavam vivos ao serem sepultados.

Josip Orlic, sacerdote em Sunja, antigo Ustashi juramentado, compeliu os Sérvios em seu distrito a aceitarem o Catolicismo, ameaçando-os com campos de concentração. Uma grande maioria dos Sérvios aderiu, então, ao Catolicismo, temendo por suas vidas. Mas como muitos dos recristianizados deixaram claro que só o haviam feito para salvar a vida, foram levados para o campo de concentração de Jasenovac, em maio de 1942, onde praticamente foram todos liquidados. Alguns padres e monges se especializaram em conversões forçadas em massa. O padre Ustashi Dionizj Juris, franciscano, e amigo íntimo de Pavelic, já mencionado, foi nomeado chefe desta divisão, a qual estabeleceu um plano para a conversão sistemática dos Sérvios que haviam sido poupados de perseguição e massacre.

Os assassinatos coletivos diários, que diante deles aconteciam, tornaram-se a mais poderosa arma de persuasão. Muitos seguiam o “conselho amistoso” se “convertiam”. O caráter das conversões individuais e coletivas se tornou progressivamente freqüente. Muitas eram devidamente anunciadas na imprensa católica. O *Katolicki List*, órgão do bispado de Zagreb, controlado por Stepinac, em sua edição número 38, 1941, - por exemplo - registrou que “uma nova paróquia de mais de duas mil almas” havia sido criada na Vila de Budinci, como resultado de uma Vila inteira ter sido recristianizada à fé católica, e acrescentou que preparações para a recristianização haviam sido feitas por um

franciscano de Nasice, o Padre Sidonije Sole. Uma idêntica conversão em massa na vizinhança de Osijek, executada pelo Padre Peter Berkovic, foi descrita no Ustaska Velika Zupa número 1372 de 27.04.42:

Seu trabalho cobre o período de preparação dos membros da Igreja Ortodoxa Oriental para a conversão ao Catolicismo, até que estejam realmente convertidos e, desse modo, nos condados de Vocin, Cacinci e Seralije, ele converteu mais de seis mil pessoas.

Um administrador Ustashi, Ante Djuric, sacerdote em Divusa, forçou todos os chefes de família a se reunirem ao redor do professor local, trazendo um selo de dez diners, a fim de preencherem petições de conversão para eles e suas famílias. A alternativa: confisco de suas residências e empregos.

O cura de Ogulin, Canon Ivan Mikan, cobrava cento e oitenta diners para cada conversão forçada e, desse modo, em uma única Vila sérvia, em Jasenovac, ele coletou oitenta mil diners.

Uma admissão franca de como essas conversões em massa eram feitas foi dada pelo Nova Hrvatska, jornal da Ustashi, em 25.02.42: “a recristianização foi executada de maneira muito solene pelo cura de Petrinja, Michael Razun. Uma companhia da Ustashi estava presente nessa ocasião solene”.

As recristianizações, como eram eufemisticamente, rotuladas, eram celebradas freqüentemente com água e sangue misturados. O Padre Ivan Ragus não tinha inibição alguma neste sentido. Ele sempre pedia urgência no extermínio de todos os Sérvios, inclusive de crianças dizendo que: “até mesmo os descendentes destes animais não devem ser deixados”. Seu digno colega, o cura Bozidar Brale, de Sarajevo, tomou parte na liquidação sérvia de arma em punho, postulando em alta voz: “liquidação dos sérvios sem compromisso”. O adido espiritual do arcebispado de Sarajevo foi eventualmente ver Brale. Como um criminoso diante do tribunal eclesiástico? Longe disso. Como presidente daquela entidade católica.

Com a Hierarquia Católica como o cérebro dessa política de terror, e os impiedosos bandos católicos armados à sua disposição, aconteceu o esperado. Indivíduos, famílias inteiras, Vilas inteiras e até mesmo pequenas cidades abraçaram o Catolicismo. Sua entrada oficial na “verdadeira Igreja”, igualmente se dava durante as celebrações de missas realizadas por sacerdotes da Ustashi, “observadas” por unidades armadas da Ustashi. A recusa ou mesmo adiamento da parte dos convertidos em perspectiva trazia-lhes imediata requisição de propriedade, ameaças contra eles, seus parentes e suas próprias vidas.

Milhares abraçaram o Catolicismo dessa maneira. Em seguida à sua “conversão”, os novos católicos seguiam em procissão até à Igreja Católica local, geralmente escoltados por unidades armadas de piedosos Ustashis, cantando hinos sobre a felicidade de terem finalmente se tornado filhos “da verdadeira Igreja”, encerrando com Te Deums e orações pelo papa (Pio XII). E como se isso não fosse bastante, as Vilas onde os Sérvios tinham sido recristianizados eram obrigados a enviar telegramas de congratulações a Stepinac. Pois o ansioso arcebispo tinha, como era próprio a um bom pastor, ordenado que as notícias das conversões em massa realizadas em cada paróquia através da Croácia, fossem diretamente enviadas a ele.

Telegramas contendo tão gratas informações eram impressos no jornal Ustashi, Nova Hrvatska, bem como no jornal oficial da diocese, o Katolicki List. Em sua edição de 09.04.42 este último publicou quatro telegramas, todos dirigidos a Stepinac. Nestes as entradas em massa na “Igreja Mãe” eram lacônica e sucintamente descritas – por exemplo – lia-se:

Duas mil e trezentas pessoas se reuniram em Slatinski Drenovac, das Vilas de Drenovac, Pusina, Kraskovic, Prekorecan, Miljani e Gjursic e aceitaram hoje a proteção da Igreja Católica Romana e enviam suas profundas saudações ao seu chefe.

Trinta por cento dos Sérvios Ortodoxos na Nova Croácia se converteram ao Catolicismo dentro de muito pouco tempo. Contudo, o uso do medo de perderem as propriedades ou até mesmo a vida, ainda não foi suficiente para a maior parte da Hierarquia Católica engajada nesse tipo de proselitismo. Sempre que havia resistência, os clérigos católicos ordenavam e, de fato, eles mesmo realizavam execuções de muitos Ortodoxos. Quando a resistência coletiva acontecia, punição coletiva impiedosa era infligida sobre esses Ortodoxos relutantes. Geralmente isso significava tortura e até mesmo execução.

Exemplos desses assassinos sacerdotais existem muitos. Vamos nos reportar a alguns: o Padre Dragutin Kamber, um Ustashi juramentado e também padre jesuíta. O Padre Dragutin ordenou a matança de trezentos Sérvios Ortodoxos em Doboij, e a corte marcial de outros 250, muitos dos quais foram fuzilados. O Padre Dr. Branimir Zupanic, que mandou matar mais de 400 homens, mulheres e crianças, somente numa Vila (Ragorje), o qual era amigo pessoal de Ante Pavelic. Durante um dos seus sermões na igreja de Gorica, o Padre Srecko Peric, do ministério de Gorica, perto de Livno, defendeu os assassinatos coletivos com estas palavras: “matem todos os Sérvios. Antes de todos, matem minha irmã, casada com um Sérvio, depois todos os outros. E quando terminarem o serviço venham até à igreja, façam confissão e então eu lhes darei absolvição dos pecados”. Isso resultou num massacre, em 10.08.41, durante o qual mais de 5.600 Sérvios Ortodoxos, só no distrito de Livno, perderam suas vidas.

O principal assassino eclesiástico, contudo, não era apenas um clérigo, nem mesmo um jesuíta fanático. Ele era nada menos que um membro da Ordem do manso S. Francisco, Nliroslav Filipovic, um Ustashi, muito antes da guerra, e também frade franciscano. Filipovic matou uma criança com as próprias mãos na Vila Drakulic, enquanto dirigia um batalhão da Ustashi. Ele exortava fraternalmente seus comandados: “Ustashis, eu recristianizo estes degenerados em nome de Deus. Sigam o meu exemplo”. Um mil e quinhentos Sérvios Ortodoxos foram executados, em um só dia. Jasenovac, campo de concentração da Ustashi, que se igualava em horrores a Dachau, logo em seguida receberia um novo comandante – o Padre Filipovic. Em seu novo desempenho o Padre Filipovic cooperando com o Padre Zvonko Brekalo, Zvonko Lipovac e o Padre Culina, causou a morte de quarenta mil homens, mulheres e crianças no campo, durante o período de sua administração. (6)

[6. Filipovic era considerado anormal até mesmo por muitos dos seus colegas da Ustashi. Todos os casos que acabamos de narrar são autenticados e podem ser encontrados nos arquivos da Comissão Estadual para Investigação dos Crimes de Guerra.]

As perdas infligidas por essas agitadas tentativas católicas no sentido de destruir a Igreja Ortodoxa foram imensas. O dano material chegou a sete mil milhões de diners ouro, antes da guerra. Dos vinte e um bispos ortodoxos da Iugoslávia, um foi levado para internação na Itália; dois foram removidos à força de suas sé e enviados à Sérvia; um foi preso com o patriarca Gravrilo e depois enviado para o campo de concentração em Dachau; dois foram espancados e enviados para a Sérvia, onde morreram logo em seguida em campos de internação; cinco foram assassinados a sangue frio (7).

[7. Em toda a Iugoslávia apenas seis foram conservados em seus postos].

Cerca de 400 sacerdotes ortodoxos foram enviados aos campos de concentração, enquanto cerca de 700 (1/4) do total de sacerdotes ortodoxos foram mortos. Um quarto dos mosteiros e igrejas foram completamente destruídos, cerca da metade do número total foi danificada, um número desconhecido foi transformado em igrejas católicas e salões católicos. Das 189 igrejas da diocese de Gornjo Karlovachke – por exemplo, 175 foram queimadas e destruídas (8).

[8. Essas perdas incluem toda a Iugoslávia. A maior proporção, contudo, foi causada voluntariamente pelos Católicos da Croácia (números publicados no Glasnik, jornal oficial do Patriarcado Sérvio Ortodoxo, em 1951)]

As maiores perdas, contudo, foram infligidas aos membros humildes da Igreja Ortodoxa. No Novo Estado Ustashi de Pavelic, de fato, entre abril de 1941 e a primavera de 1945, graças às unidades Ustashis, à polícia Ustashi, e aos campos de concentração, pelo menos 850 mil membros da Igreja Ortodoxa e cidadãos da Iugoslávia, além de numerosos croatas, (mais de 30.000 judeus e 40.000 ciganos) pereceram dessa maneira (9). Centenas de padres e frades católicos contribuíram direta ou indiretamente para esse massacre colossal.

[9. Estes números são oficiais, registrados do lado conservador. O Patriarcado Sérvio Ortodoxo estimou as mortes em um milhão e duzentos mil].

Afirmar que esses eram os feitos de indivíduos maníaco-religiosos, ou que esses mesmos indivíduos haviam descartado as mais elementares regras de humanitarismo, agindo sob sua própria iniciativa, após desprezarem as admoestações da Igreja Católica e se rebelarem contra a sua autoridade, não seria verdade.

Os massacres da Ustashi, todas as atrocidades cometidas por oficiais católicos, padres ou monges, faziam parte de um esquema friamente calculado para a total eliminação das massas ortodoxas, ativa e passivamente resistindo à sua absorção pela Igreja Católica no sentido de se tornarem ovelhas do seu rebanho. De fato, esta foi a política premeditada pela Hierarquia Católica, agindo em favor do seu verdadeiro e único inspirador – o Vaticano.

Capítulo 8

O VERDADEIRO INSPIRADOR, PROMOTOR E CARRASCO DOS MASSACRES RELIGIOSOS – O VATICANO

Os mais impiedosos promotores do derramamento de sangue através das eras têm sido invariavelmente o fanatismo político e o fanatismo religioso. A história humana tem comprovado essa verdade, não apenas no passado, porém mais portentosa ainda, agora no presente. A Croácia Ustashi é o exemplo mais aterrorizante dos tempos modernos. Aí a identificação da Igreja com o Estado, da autoridade civil com a religiosa, da impiedade espiritual com a militar foi feita para produzir indivíduos que cometeram barbaridades jamais imaginadas até mesmo por eles próprios. As batinas e tonsuras jamais ofereceram força moral aos clérigos (o hábito não faz o monge), nem os conservaram imunes à leviandade, paixão e vícios humanos. Os padres católicos assassinos da Croácia eram vítimas de um furor primitivo. Como tal eles deviam ser julgados mais com piedade do que com execração. Podem, contudo, as mentes dirigentes em Zagreb e Roma, calmamente explorando o emocionalismo cego e também a maldade de seus subordinados clericais, ser perdoadas de condenação que a história tem-lhes entregue? Sua promoção

planejada do terror Ustashi não pode sequer ser minimizada, desculpada ou perdoada. Pois os assassinatos coletivos levados a efeito por indivíduos aparelhados de trajes clericais foram realmente instigados dos palácios arquiépiscopais da Hierarquia Católica. Essa Hierarquia conhecia e até aprovava e tacitamente encorajava essa tarefa sanguinária. Nem um só membro do seu clero, enquanto durou o Reino Independente da Croácia, foi jamais chamado a prestar contas por tais assassinatos. Nem um só padre foi punido, suspenso ou demitido por causa deles. O Arcebispo Stepinac e qualquer outro bispo poderiam ter feito isso a qualquer tempo, se desejassem não apenas em se tratando dos crimes mais flagrantes, mas também de transgressões menores – como por exemplo, a fomentação do ódio racial e religioso através da palavra oral, da escrita ou de obras. Um padre católico não pode escrever coisa alguma na imprensa sem aprovação episcopal. A Lei Canônica é muito específica neste assunto. O decreto é: “qualquer sacerdote que escrever artigos em jornais ou periódicos diários sem a permissão do seu bispo vai de encontro ao Cânon 1386 do Código de Lei Canônica”. Contudo, o que aconteceu? Incitamentos clericais ao ódio, conversões pela força, e aos massacres apareciam na imprensa comum sem que o bispo pronunciasse uma única palavra de reprimenda. Estes eram publicados na própria imprensa eclesiástica da Hierarquia Católica. De fato, muitos bispos se tornaram abertamente defensores das conversões forçadas, como ficou provado pelo Monsenhor Aksamovic, bispo de Drjakovo, o qual enviou a seguinte proclamação aos Sérvios ortodoxos de sua diocese:

Até o momento recebi no rebanho da Igreja Católica várias dúzias de milhares de Ortodoxos. Sigam o exemplo desses irmãos e enviem, sem mais demora, seu pedido de pronta conversão ao Catolicismo. Ao se converterem a Igreja Católica vocês serão deixados em paz em seus lares... e terão assegurado a salvação e imortalidade de suas almas...

Alguns padres, para fazer média, protestavam abertamente, declarando que tais instruções não se harmonizavam com o espírito do ensino cristão. Seus bispos faziam pressão sobre eles, a fim de compeli-los a executarem a política das conversões forçadas. Isso foi testificado pelo capelão do Bispo Aksamovic, o Dr. Djuke Maric diante das autoridades iugoslavas:

“Eu e meu amigo e colega Stejpan Bogutovac” disse o capelão, “fomos forçados pelo nosso bispo Aksamovic a ir como missionários às cidades ortodoxas de Pancje e Cenkovo, a fim de lá realizar os rituais de recristianização de todos os seus habitantes, dentro de uma semana”.

O resultado foi que, no Bispado de Djakovo, sob a liderança pessoal do Bispo Aksamovic, aconteceu uma das maiores obras de conversões coletivas de Ortodoxos em toda a Croácia.

A responsabilidade do chefe da Hierarquia Católica é demonstrada ainda pelo fato de que ela poderia ter usado autoridade disciplinar, tendo a seu favor o poder canônico. Stepinac, de fato, não era apenas o Presidente da Conferência dos Bispos, ele tinha o controle supremo sobre toda a imprensa católica escrita como Presidente da Ação Católica. Se ele tivesse desejado fazê-lo, poderia ter silenciado qualquer membro do seu clero na pregação do extermínio dos não católicos. Acrescente-se o fato de que o Arcebispo Stepinac fora investido do poder civil, que ele poderia ter usado como Membro do Parlamento completamente empossado. Esse poder era compartilhado com outros prelados, dentre eles, Monsenhor Aksamovic, Bispo de Djakovo; Padre Irgolitch, de Farkosic; Padre Ante Lonacic, de Senj; Padre Stejpan Pavunitich, de Koprivnica; Padre

Juraj Mikan, de Ogulin; Padre Matija Politch, de Bakar; Padre Tome Severovitch, de Krizevci; Ir. Bonifaze Sipitch, de Tucepa; Ir. Franjo Skrinjar, de Djelekovac; Stipe Vucetitch, de Ledenice. Com essa autoridade Stepinac poderia facilmente controlar e dirigir o clero católico. Se tivesse feito um desafio aberto, poderia simplesmente aplicar sanções militares. Pois Stepinac era não apenas a maior autoridade eclesiástica na terra; ele havia sido feito Supremo Vigário Militar Apostólico do Exército Ustashi, a partir de 1942. Todos os padres ligados à Ustashi estavam diretamente sob o seu comando como subordinados militares. E geralmente eram esses os que mais incitavam os soldados a cometer crimes ou os cometiam eles próprios.

Que a Hierarquia Católica era a verdadeira promotora da campanha de conversões forçadas é demonstrado também pelo fato de que o amembramento forçado ao Catolicismo fora tornado legal pelo governo através do Decreto de 03.05.41, quando o governo Ustashi publicou uma “Lei concernente à conversão de uma religião para outra”. Logo se seguiram medidas adicionais sobre este assunto. Por exemplo, em junho de 1941, o Primeiro Ministro da Ustashi estabeleceu (Decreto nº 11.689) um Escritório de Assuntos Religiosos encarregado de “todos os assuntos referentes a questões conectadas com a conversão de membros da Igreja Ortodoxa Oriental”. Será que Stepinac e a Hierarquia Católica protestaram contra esse decreto? Longe disso. Eles apoiaram de todo o coração essa lei. De fato, até agiram no sentido de que esse Departamento tivesse em sua liderança um padre, o mesmo amigo íntimo de Pavelic, que já encontramos antes – o Padre Dionizije Juricev. Este ofício veio como resultado de uma audiência muito privada com Pio XII tida com Pavelic, um mês antes. E talvez de maior significação seja o fato de que em 30.06.41, o Ministro da Justiça e da Religião tenha enviado uma carta a todos os bispos católicos, na qual o governo Ustashi confirmou que já havia combinado com o Arcebispo Stepinac – a saber, a perseguição de uma política de liquidação de toda a nata influente da população ortodoxa – a ser executada através da recusa em aceitar a Igreja Católica. “É desejo do governo – dizia a circular – que todos os sacerdotes, professores e, de fato, intelectuais que pertençam a Igreja Ortodoxa, bem como homens de negócio, industriais e camponeses ricos, não devem em hipótese alguma ser aceitos na Igreja Católica. Somente a população pobre deve ser convertida”.

A fanática determinação da Hierarquia Católica em destruir a religião ortodoxa pela raiz é demonstrada pela sua atitude a sangue frio com relação às crianças ortodoxas sobreviventes, as quais, ao contrário de seus pais, haviam escapado do extermínio. Todas essas crianças eram colocadas em orfanatos dirigidos por padres e freiras católicas sob o disfarce da Caritas (caridade) organização dirigida pela Hierarquia Romana. Em muitos casos elas eram entregues aos cuidados de famílias católicas. Qual era o objetivo real dessa extraordinária compaixão católica? Implantar em suas “almas perdidas” a “verdadeira fé”, como pré requisito para a salvação de seus corpos. Sua assimilação religiosa era rápida, impiedosa e eficiente. Oficialmente convertidas ao Catolicismo, elas eram rebatizadas com nomes católicos, crescendo em vizinhanças católicas, de modo que estas crianças, sob contínua e forte pressão logo perdiam o contato com o seu grupo étnico e religioso original. O resultado inevitável é que eram depressa absorvidas pelo rebanho católico. A assimilação era tão completa que após o colapso de Pavelic tornou-se impossível localizar muitas delas, visto como os documentos relativos à sua origem haviam sido propositadamente destruídos.

Os Ustashis fugitivos levaram várias dessas crianças com eles para o principal país de refúgio – a Argentina. Outras foram levadas para a Itália. O rapto em massa de

crianças ortodoxas foi um exemplo característico da conversão forçada através do terror exercido contra os adultos ortodoxos.

O ex-Administrador Apostólico e Bispo de Krisevci, o Dr. Simrak, como muitos de seus colegas episcopais publicamente promoveu, discutiu e encorajou os planos para a campanha completa publicando diretrizes para o seu clero no jornal oficial “Notícias do Bispado” número 2, de 1942. Parte do texto assim dizia:

Diretriz referente à conversão de membros da Igreja Ortodoxa em Slavona, Srijem e Bósnia:

Escritórios especiais e comitês da Igreja devem ser criados imediatamente para os que serão convertidos. Que todo o cura se lembre de que estes são dias históricos para nossas missões e não devemos, em circunstância alguma, deixar passar essa oportunidade... agora devemos mostrar com nosso próprio trabalho aquilo de que temos falado em teoria durante séculos. Até agora temos feito muito pouco porque... temos temido as queixas do povo. Toda grande obra sempre encontra obstáculos. Nossa missão universal, a salvação das almas, e a maior glória de nosso Senhor Jesus Cristo, estão nisso envolvidas. Nosso trabalho é legal porque está de acordo com a política oficial do Vaticano e com as diretrizes das santas congregações dos cardeais para a Igreja Oriental (1).

[1. Glasnik Krisevacke Nadbiskupife número 2, 1942].

Se estas extraordinárias diretrizes fossem emitidas por um só bispo, ou mesmo por vários bispos, sua significação já teria incriminado a Igreja Católica, além de qualquer escusa, mas quando se considera que o Bispo Krizevch, longe de agir por conta própria estava seguindo instruções dadas pelo seu próprio primaz, então a gravidade dessas instruções assume uma significação que extrapola os feitos da Hierarquia e traspassa os campos que afetam os mais sagrados princípios da liberdade religiosa de todos os homens. O programa das conversões forçadas recebeu sanção canônica depois que o Arcebispo Stepinac havia convocado a Conferência Nacional dos Bispos em Zagreb, em 17.11.41 – isto é, um ano antes. A partir dessa data toda a Hierarquia católica adotou um programa que foi seguido oficialmente até a queda de Pavelic. De fato o programa que deu sanção hierárquica à política de conversões forçadas foi até mais fortalecido pelo recente estabelecimento do Comitê dos Três. Qual era a tarefa desse santo triunvirato? Fortalecer a política das conversões forçadas em conjunto com o Ministro Ustashi da Justiça e da Religião. Os nomes dos membros do Comitê dispensam comentário: o Bispo Senj, o Administrador Apostólico Dr. Janko Simrac, e o Arcebispo de Zagreb, Stepinac. Algumas das causas reveladoras do decreto assim diziam:

O Conselho dos Bispos Croatas, na conferência realizada em Zagreb, no dia 17.12.41, após deliberação com referência à conversão dos Sérvios ortodoxos à fé católica romana, promulga o seguinte decreto:

1. Concernente à questão vital da conversão, desses sérvios ortodoxos à fé do Catolicismo Romano a Hierarquia Eclesiástica Católica, de acordo com os seus direitos divinos, e os cânones da Igreja, retêm única e exclusiva jurisdição na emissão das prescrições necessárias para tais propósitos e conseqüentemente, fica excluída qualquer ação de outra autoridade que não seja a eclesiástica.

2. A Hierarquia Eclesiástica Católica tem o exclusivo direito de nomear e empossar os missionários com o objetivo de converter os Sérvios ortodoxos à fé católica. Cada missionário terá permissão para o seu trabalho espiritual da autoridade da Igreja local mais próxima...

3. É necessário que para se obterem conversões uma base psicológica seja criada entre servidores sérvios ortodoxos. Tendo em vista esse objetivo a eles devem ser concedidos não apenas os direitos humanos, mas em particular o direito de liberdade pessoal, e também o direito de manter propriedade (2).

[2. Outras cláusulas do Decreto: 3. Esses missionários devem ser responsáveis somente diante das autoridades das igrejas locais ou diretamente aos padres católicos locais. 4. A Igreja Católica Romana reconhecerá como adesões somente aquelas conversões que tiverem sido feitas de acordo com este princípios dogmáticos; 5. As autoridades seculares não terão direito às conversões anuais feitas pelos representantes da Igreja. 6. Os bispos católicos croatas constituem um diretório consistente de três pessoas... elas são autorizadas a se consultarem com o Ministro da Religião em todas as questões relativas ao procedimento necessário e apropriado... 9. Com referência aos ritos a serem aplicados nas conversões, os bispos croatas católicos romanos adotarão por completo as regras prescritas pela Sagrada Congregação das Igrejas Orientais, como a de julho de 1941, a qual foi comunicada ao Presidente do Conselho de Bispos... 10. O Comitê de Bispos Croatas Católicos para conversões organizará cursos para aqueles padres que devem agir como instrumentos nas conversões dos sérvios ortodoxos à Igreja Católica. Nesses cursos eles receberão instruções teóricas e práticas para o desempenho do seu trabalho].

Daí que a Conferência desses santos homens liberou uma resolução complementar (número 253). Nesta eles explicaram com mais detalhes como certas conversões forçadas deveriam ser executadas. Em seguida, um segundo Comitê que estava diretamente sob as ordens da Conferência Nacional dos Bispos Católicos foi estabelecida com a tarefa de esclarecer na prática a política das conversões forçadas. A lista de seus cinco membros é significativa: Dr. Franjo Hermann, Professor de Teologia da Faculdade de Zagreb; Dr. Augustin Juretitch, Conselheiro da Conferência Nacional dos Bispos; Dr. Janko Kalaj, Professor de Religião e Educação; Dr. Kunoslav Draganovtch, Professor de Teologia da Faculdade de Zagreb; Monsenhor Nikola Boritch, Diretor da Administração do Arcebispado de Zagreb.

Quando examinadas sem os floreios e disfarces da fraseologia oficial, as várias diretrizes emitidas por esse Corpo Hierárquico transformam-se em simples cópias de instruções idênticas, repetidamente entregues durante séculos à cristandade da negra Idade Média. Pois é isso o que elas representam em verdade. Que uma Hierarquia Católica tivesse recebido a permissão de emiti-las novamente em meados do século vinte é certamente um dos fenômenos sociais mais sinistros de uma civilização em rápida decadência.

O reavivamento de uma política de conversões forçadas assume uma significação ainda mais grave se nos lembrarmos de que ela se deu com a tácita aprovação do Vaticano. Se o Vaticano a tivesse reprovado, nem sequer um sacerdote poderia ter tomado parte nos massacres ou conversões forçadas. Um sacerdote local só pode agir com a aprovação dos hierarcas menores, os quais, por sua vez, não podem agir sem a permissão do bispo; o bispo, por sua vez, deve agir conforme as instruções do seu arcebispo; o arcebispo só pode agir sob instruções do primaz e o primaz recebe instruções diretas do Vaticano. O Vaticano é o domínio pessoal do papa. Sendo o papa o pivô central da vasta máquina hierárquica segue-se que a responsabilidade final por todos os membros do clero, isto é, pela ação coletiva de qualquer hierarquia nacional repousa sobre o papa. Não pode ser de outra maneira. Pois as políticas de grande importância

devem a ele ser submetidas antes de promovidas por todos os hierarcas em todo o mundo, visto como o papa é a única autoridade. Se a responsabilidade por tão monstruosas perseguições repousa sobre o cabeça da hierarquia nacional – isto é, Stepinac – ela tem de repousar automaticamente sobre o cabeça da Igreja Católica, sem cujo consentimento a Hierarquia Católica jamais se atreveria a agir – isto é, Pio XII.

Pio XII jamais poderia alegar ignorância do que estava acontecendo na Croácia apresentando como desculpa os obstáculos da guerra. A comunicação entre Roma e a Croácia era fácil e tão livre como em tempos de paz. Desde o exato princípio das hostilidades o Embaixador Nazista no Vaticano era tratado com muito mais deferência do que todos os diplomatas aliados. Em 1940 –42, o Vaticano estava nas mais cordiais relações diplomáticas com Hitler. Os líderes políticos e religiosos da Ustashi iam e vinham entre Roma e Zagreb tão livremente como o faziam os alemães e os italianos, visto como o Estado Ustashi era um satélite da Alemanha nazista e, desse modo, uma província do Império Nazista. Além do mais, o papa sabia o que estava acontecendo na Croácia não apenas através da máquina administrativa da Hierarquia que o colocava a par de todos os eventos croatas, mas também através de outras fontes confiáveis. Eram estas:

a) Não se deve esquecer que o legado papal de Pio XII tinha um representante oficial na Croácia, cuja tarefa era implementar a política do Vaticano e coordená-la com a de Pavelic, bem como relatar os assuntos religiosos e políticos ao próprio papa. O legado papal na Croácia era o Monsenhor Marcone, que abençoava abertamente a Ustashi, fazendo publicamente a saudação fascista e encorajando os católicos (por exemplo quando esteve em Mostar) a se manterem “fiéis à Santa Sé a qual tinha ajudado aquele mesmo povo durante séculos contra o barbarismo oriental” – ou seja contra Igreja Ortodoxa e os Sérvios. Desse modo, o representante oficial do papa instigava a perseguição religiosa, bem como rezava pela vitória “sob a liderança do Chefe de Estado” Ante Pavelic contra o exército Iugoslavo de Libertação Nacional, em 1944-1945.

b) O Cardeal Tiseram era o líder da Sagrada Congregação das Igrejas Orientais. A tarefa específica dessa Congregação era negociar com as igrejas orientais. O Cardeal Tiseram recebia detalhados registros de cada conversão forçada e de cada massacre na Croácia. Entre abril e junho de 1941 mais de cem mil sérvios ortodoxos foram massacrados; contudo o Cardeal Tiseram em 17.07.41, teve a audácia de declarar que o Arcebispo Stepinac faria agora um grande trabalho para o desenvolvimento do Catolicismo no “Estado Independente da Croácia... onde há tão grandes esperanças de conversão dos que não professam a verdadeira fé”.

c) Ante Pavelic que através do seu representante no Vaticano, pelo qual o papa Pio XII enviara “bênção especial ao líder (Pavelic)” recebia registros regulares de tempos em tempos diretamente do Ministro da Religião, a respeito do “rápido” progresso da catolicização da Nova Croácia.

d) E finalmente, o próprio Arcebispo Stepinac, que visitou pessoalmente Pio XII duas vezes, e supriu Sua Santidade com os algarismos das conversões forçadas. Em documento oficial datado, o mais tardar, de 08.05.44, Sua Eminência, o Arcebispo Stepinac, chefe da Hierarquia Católica, de fato informou o Santo Padre que até aquela data “duzentos e quarenta e quatro mil sérvios ortodoxos tinham sido convertidos à Igreja de Deus”(3).

[3. A autenticidade dessa resposta foi confirmada pessoalmente pelo filho do Dr. Grizogono, o Dr. N. Grizogono, católico praticante. Para mais detalhes ver Allay Betrayed (Os aliados traídos), do Dr. David Martin, 1946. O Arcebispo Stepinac escreveu

a Pavelic sobre as conversões, mais de uma vez. Ver a longa carta de Stepinac sobre conversões traduzida e publicada primeiramente por Hubert Butler].

Capítulo 9

CAMPANHA CATÓLICA DE NEGAÇÃO, DESCONSIDERAÇÃO E FALSIFICAÇÃO

Os rumores sobre as conversões forçadas e os massacres ustashis começaram a vazar fora do Estado Católico Independente da Croácia, desde o seu primeiro estágio. A princípio quase não receberam crédito algum. Que aquele povo estivesse sendo morto por causa de sua religião era uma coisa inconcebível, nos meados do século 20. Contudo, as narrativas de testemunhas oculares anexadas às histórias das tropas fascistas, e até mesmo nazistas, não poderiam ficar ignoradas para sempre. Também em vista do fato de que muitos descreviam os horrores croatas em suas cartas para a família, tendo alguns deles até mesmo tirado “instantâneos” desses feitos. Quando, finalmente, já não podiam ser negados, começaram a circular os contra rumores, afirmando que se tratava de propaganda anti-católica e de mentiras anti-croatas. De fato, até mesmo invenções criadas pela Gestapo. Os Croatas e seus apoiadores católicos acusavam os Nazistas, os Comunistas, os Sérvios e, até mesmo, os Aliados de terem começado essas histórias de atrocidades.

Entretanto, visto como as evidências iam se acumulando, eles foram finalmente obrigados a adotar três táticas bem definidas, as quais executaram com simultânea consistência: 1) a prevenção da chegada de notícias recentes; 2) o jogo da minimização e até mesmo negação daquilo que já se tornara conhecido; 3) uma campanha de desconsideração contra todos os que estivessem comprometidos em narrar os eventos da Croácia.

As intrigas, mentiras, complôs e até grosseiras falsificações dirigidas a esses fins tornaram-se uma grande estratégia deles próprios. Contentar-nos-emos com alguns exemplos característicos, visto como cada um deles é típico dos métodos adotados desde o princípio.

Em 1941, o Dr. Milosh Sekulich, então na Iugoslávia ocupada pelos nazistas, foi encarregado de uma missão de natureza militar, política e eclesiástica, que era a de levar certos documentos importantes até o Quartel General dos Aliados em Londres. Os que os enviaram foram o General Mihailovich, líder das forças das guerrilhas balcânicas e o Bispo da Igreja Ortodoxa Sérvia.

Tendo aceitado esta incumbência, ele iniciou a perigosa jornada, deixando a Iugoslávia e alcançando Istambul, na Turquia em 27.09.41. O governo iugoslavo exilado em Londres, tendo sido informado da perigosa tarefa do Dr. Sekulich, propôs no dia 06.10.41, sob iniciativa do Premier, General Simovich, que a viagem até Londres fosse financiada pelo governo. Tendo em vista a importância da missão do Doutor, a moção do Premier foi unanimemente aceita. Certo da proteção do governo iugoslavo, o Doutor Sekulich seguiu, então, para o Egito. Do Egito ele seguiu para o Sudão, de lá para o Congo e finalmente, para Laos. Deve-se lembrar que neste período os exércitos fascistas e nazistas estavam no controle da África do Norte e do Mediterrâneo. Contudo uma vez em Laos, ele teve de parar, pois os recursos da viagem foram poucos. O que aconteceu? O Ministro da Iugoslávia encarregado do financiamento era um devoto Católico croata e por

isso havia cortado os mesmos. Impossibilitado de continuar a viagem, o Dr. Sekulich e os documentos teriam de permanecer na África por “um tempão”. As evidências das conversões forçadas e dos massacres católicos, desse modo, jamais chegariam até os Aliados, ou, pelo menos, seriam grandemente retardados. O plano croata quase funcionou. Se não fosse a generosidade de um checoslovaco, Prefeito de Bata, no Laos. O Dr. Sekulich trouxe para Londres dois documentos importantes: um fora escondido na sola do sapato e o outro, costurado em seu casaco. 1) Um mapa do quartel general das forças de guerrilha balcânicas de Mihailovich; 2) dois apelos da Igreja Ortodoxa Sérvia enviados, primeiro ao General Schroeder, Comandante em Chefe das Forças de Ocupação Nazista na Sérvia e depois para o general Dunkelmann, que havia substituído o General Schroeder. Neste dois apelos a Igreja ortodoxa Sérvia pedia aos generais nazistas para intervir junto a Ante Pavelic no sentido de deter o massacre dos sérvios. Os documentos principiavam assim:

As perseguições aos Ortodoxos Sérvios começaram desde o princípio da existência do Estado Independente da Croácia. Depois da partida das tropas alemãs e italianas de ocupação (1941), a perseguição, a eliminação e a tortura contra os Sérvios, que até então eram examinadas, transformaram-se num programa oficial dirigido ao completo extermínio do povo ortodoxo sérvio. O ministro católico da Croácia, Dr. Lile Budak, o Dr. Milovan Zanick e o Dr. Mirko Puk e o líder Ustashi, Dr. Victor Gutic, competiam entre si para incitar os Croatas contra os ortodoxos Sérvios. Como resultado dessa política milhares de sérvios foram levados para os campos de concentração, sacerdotes ortodoxos e suas famílias foram presos, enquanto os registros de nascimentos, casamentos e falecimentos da Igreja ortodoxa foram entregues nas mãos das autoridades católicas diocesanas; as igrejas ortodoxas foram destruídas, os mosteiros foram arrasados e o povo sérvio forçado a abandonar a religião ortodoxa e adotar o Catolicismo. Lamentamos ter de relatar que de todos esses mal feitos o clero católico também participou...

Calculamos que até agora (08.08.41), o número de pessoas mortas ultrapassa 180.000.... Uma das primeiras vítimas do terror Ustashi foi Platon, Bispo de Banjaluka junto com o ortodoxo Canon Dusan Subotich, de Bosanska Gradiska. Ele foram assassinados na noite de 05 para 06 de junho de 1941, na estrada entre Banjaluka e Cotor Varos. Seus corpos foram jogados no rio Vrbanja...

Canon Branko Dobosavljevic, de Vljuna, distrito de Slunj, que fora ordenado pelos Ustashis a cavar a sepultura do próprio filho, um estudante... no final foi torturado e morto no mesmo local. Seu assassino foi o Ustashi Ivan Scheifer, um professor...

O sacerdote ortodoxo, Djordje Bojic, de Nasice, morto em 18.06.41, foi amarrado a uma árvore e torturado até à morte. Primeiro deceparam-lhe as orelhas, o nariz e a língua, em seguida arrancaram-lhe a barba junto com a pele. Ele morreu depois que lhe abriram o peito...

Busan Brankovic, membro do parlamento, teve a garganta cortada, no dia 19.06.41. O Dr. Veljko Torbica, o qual antes de ter sido morto perto de Gracica, teve sua carne retalhada e sal colocado nos ferimentos.

Milos Teslitch, um fabricante de Sisak, cujo corpo foi pescado no rio Sava com os olhos arrancados, a face e todo o corpo retalhados a faca... Os próprios Ustashis tiraram fotos junto ao seu corpo desfigurado... o Bispo metropolitano de Zagreb, Dositej, o Bispo Nikolaj de Mostar e o Bispo Sava Trlajic, de Plasko, junto com muitos dos seus sacerdotes, foram deportados... Hoje não existem mais sacerdotes ortodoxos na Croácia,

exceto os que estão presos. Para verificar a seriedade destas medidas deveria ser lembrado que existem oito dioceses ortodoxas no Estado Independente da Croácia, com um grande número de clérigos, dos quais todos agora desapareceram... deixados à mercê dos Ustashis e do clero católico.

Os apelos davam em seguida contas de inúmeros crimes cometidos até então pelos Ustashis, alguns dos quais já foram examinados. Confrontados por tais evidências circunstanciais, os propagandistas católicos se engajaram, então, numa campanha de vituperação e distorção. Começaram afirmando que o Dr. Sekulich era um agente da Gestapo. Isso, embora logo que tenha chegado a Londres, o Dr. Sekulich tenha sido recebido pelo Dr. Leopold Amery, Ministro de Estado para a Índia e braço direito de Winston Churchill, que era, então, o Primeiro Ministro Britânico.

Ao mesmo tempo afirmavam que essas “histórias de atrocidades” eram mentiras. Sava Kosanovich, Ministro da Iugoslávia declarou nos Estados Unidos: “Isso é obra da propaganda nazi-fascista... na qual as pessoas têm-se deixado enredar como tolas” (novembro de 1941). Outros afirmaram que somente a Ustashi havia cometido esses crimes: “repudiamos todas as tentativas de associar o povo croata com Pavelic e sua Ustashi”, disse o croata católico Dr. Sabavich governador da Croácia no exílio, “ou acusá-los dos massacres que prosseguem... se é que prosseguem”, acrescentou ele (15.11.41). Apesar dessas negações e distorções, o fato é que as atrocidades na Croácia realmente aconteciam. E ninguém para admitir a autenticidade, melhor do que os membros do governo iugoslavo. Por acaso ergueram sua voz autoritária aos apelos da Igreja Ortodoxa Sérvia? Seguiu-se uma séria crise. Membros croatas e eslovenos, todos católicos ameaçaram o governo com uma cisão irreparável.

Nesse tempo, não se deve esquecer que a principal preocupação do governo exilado era continuar unido, isto é, conservar unidas as três nacionalidades – Sérvios, Croatas e Eslovenos – que compunham a Iugoslávia e, desse modo, evitar a desintegração do reino, oferecendo, ao mesmo tempo, uma resistência unida contra Hitler. Para evitar uma cisão maior o governo decidiu, finalmente, NÃO publicar as notícias dos massacres. De fato, ficou em silêncio e até mesmo chegou ao ponto de negar que tais atrocidades tivessem acontecido.

Contudo, sem levar em conta esta decisão, as notícias logo se espalharam. O News Chronicle publicou um artigo sobre elas (03.01.42), o qual dizia:

Cento e oitenta mil pessoas morreram no terror contra os Sérvios. Assassinatos em massa de homens, mulheres e crianças são descritos pelo Arcebispo da Igreja Ortodoxa Sérvia, num documento que chegou à Legação Iugoslava em Londres. É o mais repugnante registro de bestialidade já compilado durante esta guerra... na Vila de Korito os arcebispos registraram que 163 camponeses foram torturados, atados em feixes de três e arremessados num abismo. Como alguns continuaram vivos os Ustashis lhes atiraram bombas a fim de liquidá-los... 266 corpos foram atirados neste abismo. Depois nele jogaram gasolina e atearam fogo. Mais de 600 pessoas foram mortas em Krupa e nos arredores, entre 25 e 30 de julho. A maior parte delas foi despedaçadas com facas, machados e foices. Em certo lugar quatro Sérvios Ortodoxos foram crucificados nas portas de suas próprias casas, torturados e finalmente mortos com facas. O Daily Telegraph registrou (03.01.42): tem sido sugerido que os nomes (dos criminosos) deveriam ir a uma corte de justiça internacional a ser convocada após a guerra...

A imprensa livre criou uma sensação. Houve protestos de ambos os lados do Atlântico, liderados pelo Arcebispo de Canterbury. Um dos seus promotores mais bem

sucedidos foi o católico de esquerda americana, de origem eslovena, Louis Adamic. Adamic se dispôs a provar ao povo americano que esses massacres não eram verdadeiros. Ou que, se o fossem, eles haviam sido manipulados fraudulentamente. E o que é certo, o “Chetnik Courier” (Correio Guerrilheiro), Dr. Sekulich, era um agente nazista. Uma vez que as táticas de Adamic foram universalmente adotadas, durante e após a guerra, seria instrutivo dar uma olhada nelas. Conforme estas “as atrocidades eram todas propaganda... para instigar o anti-catolicismo...” Contudo, para dar a impressão de imparcialidade Adamic eventualmente explicou num livro intitulado My Native Land (Minha Terra Natal) como estava lidando com o problema:

O que se poderia fazer, ele escreveu referindo-se aos horrores croatas:

Deveria haver algumas bases para essa história horrível... (notem sua relutância e admissão)... nenhum dos nossos pequenos grupos em Nova Iorque poderia entrar na Iugoslávia ocupada, a fim de investigar os fatos; o mais perto que poderíamos chegar seria Londres.

O resumo seguinte inclui fatos conhecidos e corroborados. Grandes massacres coletivos de Sérvios na Croácia realmente aconteceram. Contudo, o número total de vítimas jamais chegaria próximo de 180.000 (o número mais baixo registrado). A estimativa confiável dentro da Iugoslávia chega APENAS A DEZENAS DE MILHARES.

Segundo, os massacres não foram perpetrados pelo povo croata, mas pela Ustashi.

Terceiro, sim, os padres católicos converteram os Ortodoxos... mas aqueles padres na Croácia acompanharam os esquadrões assassinos ustashis e “converteram” milhares de Sérvios Ortodoxos ao Catolicismo sob ameaças de morte dos fuzis ustashis, exatamente como os padres espanhóis, que acompanhavam os conquistadores “converteram” os índios nas Américas Central e do Sul.

Adamic não poderia ignorar a existência das fotos. Mas ninguém poderia dar-lhes crédito, ele comentou, com estas palavras:

Fotos dos massacres existem. Eu as vi. Algumas eram horrendas demais. Havia fotos de grandes pilhas de corpos, de cabeças decepadas, de colares feitos com olhos humanos... Mas apenas algumas me pareceram autênticas... Está claro que a maior parte delas foram montagens de fotografos da Gestapo. Em duas ou três fotos, homens vestidos de padres se encontravam entre os Ustashis.

Depois disso Adamic tirou suas próprias conclusões:

TODAS OU A MAIOR PARTE das fotos foram tiradas por agentes da Gestapo, que as levaram até os clérigos ortodoxos sérvios... Esses sacerdotes reagiram exatamente como a Gestapo esperava... Eles devem levar esta informação ao governador iugoslavo em Londres... Foi a Gestapo quem arranjou tudo isso. Um mensageiro sérvio, Dr. Sekulich, saiu da Iugoslávia ocupada pelo Eixo, com um passaporte alemão e um Quisling... e entregou as fotos, o registro de um bispo robô e outros documentos – todos aprovados pela Gestapo – aos oficiais diplomáticos em Istambul. O material foi depressa enviado a Londres, pelo mesmo mensageiro, Dr. Sekulich... As autoridades britânicas o prenderam... como agente nazista... mas ele foi libertado por insistência do governo iugoslavo. O “inner clique” liberou a informação da Gestapo sobre os massacres pelo pouch diplomático de Fotich, em Washington e em toda parte... Também submeteu a história ao Bispo de Canterbury, que reagiu exatamente como o “clique” e Hitler desejavam... etc.

As táticas de Adamic eram boas demais para serem ignoradas. Ele era o testa de ferro de um outro chefe católico deturpador da verdade, o qual iria prejudicar os Estados Unidos, uma década mais tarde, o Senador Joseph Mcarthy, também, como Adamic, uma peça da possante máquina católica que iria centrar em ação, a fim de promover a linha Adamic.

A Imprensa Católica controlada, o Rádio dos Estados Unidos e os governos aliados reagiram concordemente. Resultado: as atrocidades foram minimizadas, sua genuinidade questionada, quando não atribuída à propaganda anti-católica e, finalmente, foram esquecidas. Se o lobby de Adamic tivesse ficado a isso confinado já seria bastante mau. Mas ele teve sucesso no sentido de evitar que a verdade chegasse aos quartéis com autoridade suficiente para evitar o prolongamento da situação, isto é, o Presidente dos Estados Unidos. Pois Adamic e os que o apoiavam haviam, sem dúvida, conseguido que ela não chegasse aos ouvidos do Presidente Roosevelt.

A insídia da técnica de Adamic pode ser julgada pelo fato de que ele teve eventualmente de prestar contas da mesma ao Dr. Sekulich, no tribunal. Outra vítima erroneamente acusada foi Winston Churchill. O livro de Adamic “Dinner at the White House” – Jantar na Casa Branca - (para citarmos o Law Report, de 15/01/47, da Alta Corte de Justiça): “propunha-se a ser a descrição de um jantar festivo oferecido na Casa Branca pelo falecido Pres. Roosevelt, no qual Winston Churchill, então Primeiro Ministro Britânico, e o autor do referido livro estavam presentes. Com este jantar como ponto de partida, o livro prosseguia numa crítica tanto a Churchill, pessoalmente... como às suas ações e suposta política em relação à guerra...”

Neste livro Adamic insinuava que “os motivos da política britânica na Grécia estavam, pelo menos em parte, ligados ao fato de que o Hambro’s Bank of London, principal credor da Grécia, (atingindo 17% dos seus loans) havia salvo Winston Churchill da bancarrota, em 1912...” Um libelo tão grosseiro contra um homem público ocupando uma posição tão elevada como a de Churchill era inconcebível... Mas o reflexo sobre sua solvência era nada menos que a sugestão de que em seu exercício como Primeiro Ministro ele havia permitido que seus sentimentos pessoais interferissem no governo do qual era o cabeça, especialmente em relação às operações de uma guerra na qual fora derramado sangue (1).

[1. The Times – Londres, 16/01/47. Law Report, 15/01/47, Alta Corte de Justiça].

Churchill, como Sekulich, moveram uma ação judicial. Quatro anos mais tarde, em 1951, Adamic foi morto a tiros, em Milford, USA. A realidade dos massacres e conversões católicas forçadas continuaram parecendo ridículas para muitas pessoas, não apenas pela sua natureza inacreditável, mas por causa do lobby católico. O próprio autor deste livro permaneceu céptico. Usado como foi pela técnica de propaganda de guerra (que nesse tempo era empregada na Intelligenza de Beligerância Política da máquina dos Aliados), mesmo depois de encontrar-se com o Dr. Sekulich, ele aceitou as atrocidades com algum ceticismo. Passaram-se alguns anos até que, finalmente, ele se convenceu de sua veracidade. Durante esse tempo ele esteve em contato com iugoslavos de todas as classes. Desde o General Mirkovich, o homem que causou a derrocada do governo iugoslavo, quando assinou um pacto com Hitler, levando, assim, o seu país ao campo dos Aliados, em 1941, até o mais humilde dos trabalhadores manuais.

Não contente com isso, o autor pessoalmente interrogou inúmeros Sérvios Ortodoxos e até mesmo Croatas católicos, que haviam sido testemunhas oculares dos massacres ustashis. De fato, ele até se encontrou com vítimas que deles haviam escapado.

Além disso, no dia 20/05/51, o Dr. Sekulich e o General Mirkovich com ele tiveram um encontro especial em Londres. Esse encontro foi assistido por vítimas da Ustashi residentes na Inglaterra, das quais mais documentação foi recebida, toda autenticada, com nomes, datas e lugares. Um caso típico foi o relatado por um sobrevivente da Ustashi, Vojislav Zivanic (o pai, Duko; o irmão, Bujoljub), de Dukovsko, diante de testemunhas e sob juramento, o qual já foi antes mencionado. Em junho de 1943, um contingente Ustashi, quando atravessava uma Vila em Zijimet, cercou setenta e quatro aldeões, colocou-os dentro de um armazém e o incendiou. Entre as vítimas estavam a tia da testemunha com seus dois filhos. Este homem perdeu vinte e cinco membros da família, todos queimados vivos.

O autor deste livro não foi o único a duvidar do pesadelo croata. Milhares de outras pessoas compartilharam deste ceticismo. Foi o resultado da insidiosa lavagem cerebral feita pela propaganda católica, que adotou as técnicas de Adamic. Uma das primeiras vítimas foi uma personagem ilustre, que, em razão da posição do seu marido, trouxe significação especial ao dano causado pela falsificação histórica de Adamic, a qual funcionou em lugares de responsabilidade. Não muito depois de Churchill ter levado Adamic ao tribunal (1947), o autor deste livro, num jantar particular, na Upper Brook Street, em Mayfair, Londres, encontrou-se com a Sra. Eleanor Roosevelt, esposa do falecido Presidente. Visto como nesse período o autor estava empenhado em suas pesquisas com referência à autenticidade dos massacres da Ustashi, ele indagou a Sra. Roosevelt se ela já havia escutado algo a respeito.

“Um dos piores, senão o pior dos crimes de guerra”, ela respondeu prontamente. “Ouvi falar a respeito no inverno de 1941-1942. Contudo, nem eu nem meu marido, a princípio, lhes demos crédito”. Respondi-lhe: “Também eu não acreditei... Achei que se tratava de mera propaganda”. Ela replicou: “Nós pensamos o mesmo. O lobby católico tem sido o mais bem sucedido dentro da Casa Branca, nos últimos anos”.

Teria ela ouvido falar do autor americano L. Adamic? Claro que sim. Ele foi um dos muitos que haviam persuadido o seu marido de que as histórias de atrocidades na Croácia haviam sido engendradas pela máquina de propaganda nazista. Poderia ela explicar por que atrocidades semelhantes não eram tão conhecidas como as dos Nazistas? A Sra. Roosevelt respondeu: “A Alemanha Nazista já não existe... A Igreja Católica ainda está aqui conosco, mais poderosa do que nunca, com a sua própria imprensa e com a imprensa mundial à sua disposição. Qualquer coisa publicada sobre as atrocidades, no futuro não serão acreditadas...” Quando lhe disse que estava escrevendo um livro sobre o assunto ela respondeu: “Seu livro poderia convencer alguns. Mas o que dizer de centenas de milhões de pessoas já mentalmente lavadas pela propaganda católica?” Alguns anos mais tarde, em 1953, quando este livro foi publicado, embora duas edições tenham se esgotado em apenas duas semanas, ninguém na imprensa Britânica ou Americana se atreveu sequer a mencionar o mesmo.

O Governo Iugoslavo comprou alguns milhares, os quais foram distribuídos na Casa dos Comuns e na Casa dos Lords. À parte de um silêncio maciço, os únicos comentários que chegaram até o autor foram: “tolice absurda”; “ridículo”; “coisas do passado”; “mesmo que fosse verdade, para que reviver isso agora?” Tinha razão a Sra. Eleanor Roosevelt (2).

[2. Terror Sobre a Iugoslávia – Watts, Londres, 1953].

Durante 1942, contudo, notícias dos massacres haviam finalmente atingido o mundo lá fora. Enquanto a maior parte dos católicos a negava ou minimizava, não poucos

os condenavam, como por exemplo, o Dr. Ivan Chok, um Esloveno católico, o qual, em 15/03/42 encerrou uma mensagem radiofônica: “O longo braço da justiça, sem dúvida, há de alcançar os culpados, a fim de puni-los sem misericórdia”. Outro Esloveno, o Dr. Kuhar, padre católico, no Catholic Herald, de 20/02/42, e no Catholic Times, de 22/02/42, repudiou os métodos croatas de conversões forçadas: “Nós, como Católicos... temos o direito e o dever de condenar, com toda a nossa força, qualquer conversão forçada à nossa fé”, ele escreveu. O Dr. Vilder, um croata católico, durante uma transmissão radiofônica, condenou não apenas as atrocidades, mas ainda quem tacitamente as encorajou: “O povo ortodoxo, sendo forçado a se converter ao Catolicismo e, contudo, não se ouviu sequer uma palavra de protesto do Arcebispo Stepinac”, ele falou (16/03/42). Outro Croata católico, Mr. Jerich, que escapara da Iugoslávia, emitiu uma declaração conjunta com o croata da Dalmácia, Mate Rascovich (23/07/43): “Protestamos contra os massacres coletivos e catolicização forçada da população sérvia ortodoxa...”

Católicos e não católicos não apenas protestaram, como eles próprios dirigiram-se às autoridades católicas, tanto na Croácia como em Roma. Seus protestos, contudo, caíram em ouvidos surdos. Enquanto o Arcebispo Stepinac e o Papa Pio XII continuavam dando cada vez mais graças ao misericordioso Deus pelo aumento das conversões forçadas, vozes adicionais de protesto começaram a ser ouvidas com crescente insistência, dentro e fora da Croácia.

O pouco caso daqueles que antes haviam considerado as notícias como grosseira propaganda anti-católica, logo que as informações confiáveis começaram a vazar, pararam e foram levados, primeiro ao espanto e em seguida ao horror. Apelos foram feitos a Stepinac, ao papa e aos Aliados de toda a Europa. Não apenas da parte dos Sérvios, que tinham razão de sobra para deixar que o mundo soubesse, mas também de Católicos que não poderiam aceitar essa degradação sanguinolenta de sua religião. Alguns emitiram protestos horrorizados contra o Arcebispo Stepinac e, também, contra o Vaticano. Talvez um dos mais relevantes foi escrito por Prvislav Grizogono. Ele fora um Ministro do Reino da Iugoslávia, e era um devoto Católico Croata. Contudo, nada poderia condenar mais eloqüentemente sua Igreja do que esta carta, cujas palavras foram por demais cuidadosa e escrupulosamente consideradas:

Vossa Graça: Eu vos escrevo esta carta de homem para homem; de cristão para cristão. Desde o primeiro dia do Estado Independente da Croácia, os Sérvios têm sido massacrados (em Gospich, Gudovac, Bósnia Krajina, etc), e estes massacres ainda prosseguem atualmente.

Então ele prossegue com detalhada enumeração de alguns dos crimes perpetrados, após o que ele conclui:

Por que vos escrevo? Aqui está. Em todos estes crimes sem precedentes, pior do que pagã, a Igreja Católica tem participado também de duas maneiras: Primeiro, um grande número de padres, clérigos, freiras e a juventude católica organizada têm participado ativamente de todos os crimes, porém o mais terrível é que alguns padres católicos até mesmo se tornaram comandantes de campos de concentração e de grupos de extermínio e, como tais, têm ordenado ou tolerado as horríveis torturas, assassinatos e massacres de um povo batizado. Nada disso poderia ter sido feito sem a permissão dos seus bispos e, se assim aconteceu, deveriam ter sido despojados de seus hábitos e levados à Corte Eclesiástica. Visto como tal não aconteceu, então é sinal de que o bispo deu-lhes, no mínimo, claro consentimento. A Igreja Católica tem usado todos os meios para fazer conversões forçadas entre os Ortodoxos Sérvios que permaneceram... A província de

Stem está cheia de folhetos do Bispo Aksamovitch, impressos em sua própria oficina, em Djakovo. Ele concita os Sérvios, através desses folhetos, a salvarem suas vidas e propriedades, aceitando a fé católica. O que nos acontecerá, a nós, Croatas, se dermos a impressão de ter participado desses crimes até o final? Novamente é o dever da Igreja levantar a voz: primeiro por ser a Igreja de Cristo, segundo porque é poderosa. Eu vos escrevo a respeito desses crimes terríveis, a fim de salvar a minha alma e dar-vos oportunidade de salvar, também, a vossa. Assinado: Prvislav Grizogono, Primeiro Ministro do Reino da Iugoslávia. Zemun, 08 de fevereiro de 1941.

Não contente ainda, o Dr. Grizogono despachou outra carta ao Arcebispo Católico de Belgrado, Dr. Ujchich, o qual demonstrou simpatia pelo assunto. Na primeira carta, o Ministro da Iugoslávia solicitava ao Arcebispo para pedir que o papa ordenasse à hierarquia católica que mandasse parar o crescente terror da Ustashi, pelo pronto reforço de uma disciplina eclesiástica. E, se necessário, o uso da autoridade papal. Por acaso o Arcebispo de Belgrado declarou que essas perseguições eram invenções, ou pelo menos, que eram grosseiramente exageradas? O Arcebispo não negou coisa alguma. De fato, pela sua resposta, ele até confirmou a autenticidade das mesmas. Aqui está o que ele escreveu ao Dr. Grizogono:

Grato por vossa carta. Já temos recebido informações sobre os massacres de muitas outras partes. Já tomei providências junto ao Vaticano e farão todo o possível (3).

[3. A autenticidade desta resposta foi pessoalmente confirmada pelo filho do Dr. Grizogono, o Dr. N. Grizogono, católico praticante. Para maiores detalhes, ver “Ally Betrayed” (Aliados Traídos, Dr. David Martin, 1946. O Arcebispo Stepinac escreveu a Pavelic sobre as conversões, mais de uma vez. Ver a longa carta de Stepinac a Pavelic sobre o assunto, traduzidas primeiramente por Hubert Butler.)

Os gritos do mundo civilizado ecoaram tão sem eficácia nos corredores da hierarquia católica como nos do Vaticano. O Santo Padre e digno arcebispo continuaram mudos. O silêncio destes custou a vida de 850 mil homens, mulheres e crianças, no mais sangrento massacre religioso do século 20. Tantum religio potuit suadere malorum (Tais eram os efeitos que a religião podia inspirar).

Capítulo 10

O PAPA, STEPINAC E PAVELIC TENTAM SALVAR A CROÁCIA

Como na mais negra Idade Média, assim, também a Igreja Católica crê firmemente que o impiedoso brandir da espada católica é o meio mais seguro de salvar as almas dos homens. Isso, não tanto para conferir-lhes bênção eterna, como para aumentar a militância – isto é, expandir o seu domínio sobre a terra. O Arcebispo Stepinac e o Papa Pio XII, portanto, permitiram que o terror na oculta Croácia continuasse em curso até o final. De fato, em vez de tentar detê-lo, eles o mantiveram vivo, até que o reino caísse com a queda do Fascismo.

E contudo, antes deixam de ser ouvidos em Roma os ecos dos ditadores, repentinamente eles apareceram ao lado dos vencedores, numa secreta tentativa de salvar o moribundo Fascismo, onde quer que pudessem.

Depois de consultar Roma, o Arcebispo Stepinac e Ante Pavelic organizaram um plano conjunto com a Europa Fascista e todos os que a circundavam. Este consistia de:

a) Evitar que o governo iugoslavo dispersasse os exércitos ustashis.

b) Persuadir os Aliados a ocuparem a Iugoslávia, de modo a evitar que o governo central se apoderasse do Estado Católico Independente da Croácia.

Os dois decidiram com desesperada determinação implementar sua nova política, baseados na crença de que o Vaticano usaria sua influência entre os grandes poderes para salvá-los. Contudo, enquanto aguardavam, começaram a reorganizar os exércitos ustashis, com o específico objetivo de: a) evitar o colapso da Croácia Ustashi e b) resistir e possivelmente destruir o novo Governo Central Iugoslavo.

Para o último, sua rompante hostilidade era de maior seriedade, visto que naquele período ele estava seriamente engajado em livrar o país dos focos de uma resistência das tropas nazistas. A luta que tinha de manter simultaneamente contra os bandos ustashis era mais uma carga considerável sobre o novo Governo Central. Isso era mais grave ainda pelo fato de que na esfera internacional a Iugoslávia era considerada um brinquedo para os já militarmente vitoriosos Grandes Poderes, cada um dos quais pronto a negociar com qualquer um, dentro ou fora desse país, para adiantar seus próprios projetos.

Stepinac e Pavelic fizeram o possível para que a Iugoslávia fosse ocupada pelos Aliados “certos”- isto é, pelos que desejassem negociar com o Vaticano sobre a continuação da “independência” da Croácia. A verdadeira natureza de seus esforços pode ser calculada se nos lembrarmos que desde 1941 a própria Iugoslávia tinha sido um dos próprios Aliados. Stepinac e Pavelic se aproximaram do Supremo Comando Aliado para o Mediterrâneo, e submeteram devidamente um Memorando, declarando abertamente sua política; de fato pedindo especificamente uma pronta ocupação dos Aliados em todo o país. Os exércitos anglo-americanos deveriam ser despachados com rapidez, disseram eles. As tropas ustashis lhes deviam as boas vindas e até se juntariam a eles. Os Aliados “certos” não deveriam perder um dia. A guerra civil havia irrompido por toda a Iugoslávia. Eles deviam intervir.

Tendo invocados os fuzis dos Aliados “certos”, o bom arcebispo resolveu usar as armas espirituais da Igreja. No dia 24/03/45, ele convocou os seus próprios bispos para uma conferência. Resultado: O uso ostensivo da autoridade espiritual da Igreja para a promoção dos seus desígnios políticos e militares. Stepinac, apoiado pela maioria dos bispos, emitiu uma carta pastoral. Depois de louvar devidamente Ante Pavelic, suas senhorias atacaram o Movimento Nacional Iugoslavo de Libertação com todo o piedoso veneno de que eram capazes. Em seguida, ordenaram que todos os Croatas ajudassem os bandos da Ustashi a lutar contra as tropas iugoslavas. Achavam ele que somente assim a Croácia Ustashi poderia sobreviver. Como a situação se agravou, foi preciso dar outro passo. Após rápidas consultas com o Vaticano logo antes da desintegração total, Ante Pavelic pediu a um amigo de confiança para tomar as rédeas do Governo Ustashi. Seu nome? Arcebispo Stepinac (1). Foi um movimento astuto. Uma última tentativa desesperada de unir o Estado Croata numa unidade verdadeiramente compacta. Stepinac – ou talvez o Vaticano, que o havia inspirado – haviam fantasiado que uma vez que as forças espirituais, políticas e militares do Estado fossem centralizadas, sob a liderança da hierarquia católica, a autoridade do Arcebispo atrasaria a desintegração do Estado – em verdade fortalecendo essa fabricação, até poderia evitar o colapso do mesmo e, desse modo, possibilitar a diplomacia do Vaticano, nesse mesmo tempo, a exercer pressão crescente sobre certos Aliados, até que estes concordassem em salvar o Estado Ustashi do desaparecimento.

[1. Isso foi feito dez dias antes do colapso final].

O movimento não parou o rápido avanço do Exército Iugoslavo, nem salvou o Fascismo Europeu em declínio do colapso total. O Estado Ustashi tinha sido condenado muito antes de Stepinac tentar salvá-lo. Numa batalha perdida para evitar sua imutável sorte, Pavelic e seus bandos sanguinolentos, meses antes haviam desencadeado um total reino de terror ao ponto de quase ultrapassar a sua ferocidade anterior. Pessoas eram enforcadas, ou liquidadas como inimigas, sob as menores suspeitas.

Para tomar a cidade de Zagreb e seus arredores mais próximos, no decorrer de apenas sete meses (de agosto de 1944 a fevereiro de 1945), 379 seguranças foram enforcados publicamente. No dia 07 de agosto de 1944, entre as Vilas de Precec e Ostrono dez pessoas foram enforcadas; em 26 de agosto, em Jablanac, perto de Zapresic, trinta e seis pessoas, no dia 30 de setembro, nos trilhos entre as estações de pesca Pruska, Bistra e Luka dez pessoas; no dia 04 de outubro, em St. Ivan, 29 pessoas, em 05 de outubro, também, em Zapresic 5 pessoas; em 06 de outubro, Cucerje 20 pessoas, em 09 de outubro, em Velika Gorica, 13 pessoas; em 28 de outubro, Djurinac, 20 pessoas; no mesmo dia, em Sveta Neddeslja, perto de Somobor, 18 pessoas; em 01 de dezembro, em Brezovica, 10 pessoas; em 20 de dezembro em Odra, 13 pessoas; em 28 de dezembro, em Krusljevo Selo, 50 pessoas; em 04 de janeiro de 1945, em Zitnjak, 25 pessoas; em 25 de janeiro, em Konscina, 40 pessoas; em 03 de fevereiro, novamente em Zitnjac, 10 pessoas; em 10 de fevereiro, em Remetinac, 30 pessoas; em 13 de fevereiro em Vrapce, 20 pessoas, em 22 de fevereiro novamente em Vrapce, outras 20 pessoas.

Sem levar em conta tudo isso, o fim chegou depressa. Dentro de alguns dias, Zagreb, capital da Croácia, foi libertada. Os Ustashis tentaram salvar o que podiam. No final de abril de 1945, Pavelic, com pleno consentimento do Arcebispo Stepinac, ordenou o sepultamento, no mosteiro franciscano da capital Zagreb, de 36 sacolas de ouro confiscado e valores – anéis, jóias, relógios de ouro, dentes de ouro, obturações de ouro, que haviam sido tirados das arcadas dentárias das vítimas massacradas pelos Ustashis – e a carga de cerca de dois caminhões de prata. Em seguida, quando veio o colapso total, tendo entregue aos cuidados do próprio Stepinac seus documentos mais importantes (2).

[2. Os Ministros Ustashis deixaram seus pertences aos cuidados de Stepinac. O Ministro Alajibegovic, mais tarde extraditado pelas autoridades anglo-americanas e condenado à morte em Zagreb, no dia 07/06/47, por exemplo, enterrou os arquivos do Ministro dos Assuntos Estrangeiros no palácio do Arcebispo, enquanto o próprio Pavelic tinha todos os registros fonográficos de seus próprios discursos cuidadosamente escondidos entre os arquivos do Escritório Espiritual do Arcebispo Stepinac em Zagreb.]

Os Ustashis fugiram para salvar suas vidas. Alguns foram executados. Muitos escaparam. Pavelic fugiu para a Áustria, onde foi preso pelas forças americanas, em Salzburgo. Enquanto se faziam preparações para o seu julgamento oficial, uma “intervenção misteriosa” deteve os procedimentos. Por que? Pavelic foi libertado incondicionalmente. Pio XII, através de Stepinac, e do Arcebispo de Salzburgo, haviam tomado providências para que o seu protegido não sofresse a sorte de muitos outros criminosos de guerra, que foram enforcados. Pavelic ficou imune pela poderosa proteção do papa, viajou para a Itália e se escondeu no Vaticano, onde aguardou tempos mais fáceis.

Depois de algum tempo, para evitar um escândalo, o papa, agora pousando de pilar das democracias vitoriosas, exigiu que Pavelic saísse de Roma. Este foi de um mosteiro para outro disfarçado de monge, sob vários nomes falsos, Padre Benares ou Padre Gomez, etc.

Entrementes, na Croácia – Stepinac, de acordo com o Santo Padre, continuava a sua sinistra preparação para que a guerra. A Ustashi, em vez de debandar, transformou-se em guerrilhas. Foram, como nos velhos tempos, lutar nos montes e florestas da “Croácia ocupada”. Seu novo inimigo, o Governo Central da República Federal Popular da Iugoslávia. Suas novas atividades terroristas eram disfarçadas novamente sob o manto de inocentes organizações religiosas. O antigo nome de “Os Cruzados” foi adotado. Depois de ter se encontrado clandestinamente com o Chefe de Polícia Ustashi, em setembro de 1945, Stepinac convocou outra Conferência dos Bispos em Zagreb. Uma vez mais suas graças, afirmando serem homens de paz, incitavam a guerra. Numa carta pastoral, eles pediam ao povo em muitas palavras suntuosas para se levantar e expulsar o governo.

Antes que tais ordens de batalha fossem emitidas, uma bandeira, símbolo do grande exército sagrado da Ustashi foi consagrada às forças dos Cruzados Ustashis. Onde a cerimônia aconteceu? Na capela de Stepinac. No dia 08.11.45, o bondoso Arcebispo recebeu um agente, que trouxe de Salzburgo a “Petição dos Intelectuais da Ustashi” – para lutar contra o Governo Iugoslavo até o fim, pela “libertação do povo croata”. As petições dos Ustashis sobreviventes, as atividades do Arcebispo Stepinac não eram ensaios de resistência, mas eram concretas e reais. Stepinac empregava indivíduos perigosos e ímpios para citar apenas um, o ex-Chefe de Polícia Ustashi. Este indivíduo deslanchou um programa de sabotagem e assassinato dos oficiais da Nova República Iugoslava, com a aprovação do arcebispo. Além disso, Stepinac estabeleceu contato com os bandos dispersos da Ustashi, dirigindo padres e monges para agirem como intermediários. Estes santos homens percorriam todo o país, colocando os grupos ilegais de Cruzados em intercomunicação. Eles registravam cuidadosamente suas posições, força e equipamentos para Stepinac, em Zagreb. O quartel general arquiépiscopal fazia com que esses registros chegassem ao Vaticano, o qual como um genuíno campeão de todas as democracias, enviava-os aos Estados Unidos (3).

[3. Muito freqüentemente era uma via de mão dupla. Isso foi abertamente admitido pelos diplomatas americanos. Para uma franca apreciação do tráfico de espionagem entre os Estados Unidos e o Vaticano, ver *Lying in State* (publicado em 1952), as Memórias de Mr. Stanton Griffis, que era o Embaixador dos Estados Unidos em Varsóvia, em 1957 e 1948. Neste, Monsenhor Griffis descreve como as cartas transmitidas dos bispos poloneses para o Vaticano, dando os nomes dos representantes da Igreja aos quais ele também entregava somas de dólares, embora a posse ilegal de dólares fosse, então, considerada pecado mortal.]

A corrente – Ustashi, Stepinac, Vaticano, USA – não era apenas agência clandestina de notícias. Era algo mais: um tentáculo para induzir certas forças aliadas a produzir uma oportuna intervenção militar contra a Iugoslávia. Pois, de fato, Stepinac e seus bandos ilegais baseavam sua esperança de um sucesso final sobre esta. O Vaticano, longe de aconselhar moderação, encorajava a resistência Ustashi e adicionava continuamente combustível às suas ferventes esperanças com repetidas garantias de que logo chegaria uma intervenção militar. Os Aliados viriam em seu favor. Eles deviam agüentar, pois a situação internacional estava comprometida a mudar em favor deles. Os poderes Ocidentais iriam se voltar contra o recente aliado, a Rússia Soviética. Uma guerra de libertação estava sendo preparada. Uma vez iniciada, a Iugoslávia seria dominada e a Croácia Ustashi brotaria de novo. As guerrilhas ustashis não falavam de outra coisa. Stepinac fez com que as expectativas destas fossem mantidas no nível mais alto, a fim de

que o seu entusiasmo não se transformasse em desespero, causando, assim, o colapso total da resistência militar organizada.

Para esse fim, o prestígio e autoridade da religião era mais uma vez inescrupulosamente empregados. “Os Padres”, isto é, vários padres católicos aos quais o Arcebispo de Zagreb havia devidamente ligado aos bandos terroristas ilegais da Ustashi – iam de esconderijo em esconderijo encorajando as impacientes tropas da Ustashi a suportar mais um pouco. Os Ingleses e Americanos já estavam chegando. Mas eles deviam ter paciência, pois, naturalmente, organizar uma boa expedição militar requeria tempo. As garantias dos padres católicos eram repetidas dia após dia, até que se tornaram um refrão para os grupos da Ustashi, esperando “o dia”, como simultaneamente, seu dia de libertação e novo nascimento de uma Croácia Ustashi ainda mais gloriosa. Essa não era a mera convicção de formações ustashis subterrâneas ou dos padres. Era do próprio Stepinac, certo de que logo os Aliados interviriam, a Ustashi teria a ajuda dos camponeses, os quais “algum dia se levantariam”(4).

[4. Declaração de Stepinac ao oficial intermediário britânico. Ver New Statesman & Nation London – (Novo Estadista e Nação Londres) – 26 de outubro de 1946].

Contudo, o Arcebispo não estava contente apenas com a destruição da Iugoslávia como uma unidade política a fim de assegurar o ressurgimento de uma nova Croácia católica. Ele foi iludido por visões de super grandeza – nada menos do que a de que uma intervenção dos Aliados seria uma pedra no charco conduzindo-os a Belgrado e, então, Moscou. A emissão, conforme uma profecia conservadora, repousava sobre as armas militares convencionais. Contudo, Stepinac embora sendo um Arcebispo Católico, era um homem de idéias progressistas. Ele acreditava no poder das realizações científicas, tais como a energia atômica recém descoberta. As bombas atômicas jogadas sem um aviso sobre Hiroshima e Nagasaki tinham em poucos segundos aniquilado a vida de 100.000 homens, mulheres e crianças. A Providência Católica não havia dado ao Ocidente Cristão as bombas sem motivo. Era dever dos Aliados Ocidentais usá-las. Stepinac era um homem de lógica. Se ele tinha usado a Ustashi para impor o Catolicismo aos Sérvios Ortodoxos, era perfeitamente natural que ele providenciasse “para que o Ocidente usasse o seu poder atômico para impor a civilização ocidental sobre Moscou e Belgrado, antes que fosse tarde demais”.

A impiedade de tal advocacia era tipicamente católica. O Cristianismo (isto é, o Catolicismo) poderia ser – de fato, teria de ser – imposto sobre aquela civilização cristã rejeitada e, falhando a persuasão, teria de fazê-la à força. Tal racionalização católica agora visualizava horizontes mais amplos para fazer um novo regime Ustashi de um continente inteiro. Era aquele o capricho de Stepinac? Era a política básica católica provinda diretamente do Vaticano. Isso ficou provado somente três anos mais tarde (1949) quando outro pilar da Igreja Católica – o Cardeal Mindszenty da Hungria – tendo planejado a eliminação do governo húngaro, apostou na intervenção militar do tipo “certo” dos Aliados. Essa intervenção teria significado uma guerra geral e daí o uso de bombas atômicas. O Cardeal Mindszenty tinha agido sobre a suposição de que a aniquilação do governo húngaro, com a conseqüente “restauração da monarquia da Hungria Católica de Rabsburgo em seu lugar, poderia ser atingida com o auxílio de fora... no caso de uma nova guerra mundial ensejar tal situação”, para citar suas próprias palavras: (5)

[5. Para mais detalhes, ver *Catholic Imperialism and World Freedom* (Imperialismo Católico e Liberdade Mundial), do autor, (Watts) capítulo 20 do “O Caso Espetacular do Cardeal Mindszenty”.

“Considero-a (a explosão da III Guerra Mundial) como uma base”... disse o Cardeal Mindszenty, poderia bem pensar e agir deste modo, no confortante conhecimento que atrás dele permanecia o Vaticano, preocupado em aumentar seus vastos esquemas políticos, na suposição do conflito de uma III Guerra Mundial. A política do Vaticano nos desígnios do pós guerra tinham precisamente isso “como base”.

Isso é especulação? As ações falam mais alto do que as palavras. Pio XII, nesse mesmo período, não ficou inativo. Ele manteve diálogo com eminentes líderes da “direita” dos Aliados, com a qual primeiro Stepinac, depois Mindszenty havia contado tanto. Os britânicos e, acima de tudo, os generais americanos vinham e iam em interminável procissão diante de Sua Santidade. Para dar um exemplo típico: num único dia de junho de 1949, Pio XII recebeu cinco generais americanos em sucessivas audiências. O General Mark Clark, Comandante do Quinto Exército Americano na Itália no tempo de guerra, e subseqüentemente Comandante na Guerra da Coréia; o Tenente Coronel J. Canon, Comandante Geral da Força Aérea Americana na Europa; Major General Robert Douglas, Chefe do Staff das Forças Armadas Americanas na Europa; Major General Maxwell Taylor, Deputado Comandante Europeu; e o Tenente Coronel Geoffrey Keyes, Comandante Geral das Forças dos Estados Unidos na Áustria (6). Todos estes foram para ver, não o que se chamava a si mesmo Príncipe da Paz; foram falar com o papa, como eles, um homem de guerra.

[6. Ver anúncio no *Osservatore Romano*, também *Universe*, 10/06/1949].

Com o Vaticano como um centro ocupado em vastos desígnios de guerra, seria inevitável que alguns dos seus dignatários em vários países se tornassem seus próprios reflexos ou porta-vozes políticos. Arcebispos e Cardeais conseqüentemente falavam e agiam sob a suposição da guerra e daí o uso das bombas atômicas. O Vaticano, o qual dentro de um período espantosamente curto havia desenvolvido as mais íntimas relações com certas forças malignas dos Estados Unidos, não estava meramente condescendente no pensamento desejoso quando passou tal emissão aos seus emissários no exterior. Ele os informou, do que estava acontecendo por trás das cenas em certos quartéis. Que isso era a mais sinistra incrível realidade, foi demonstrado a um mundo espantado no ano seguinte. No dia 27 de agosto de 1950, o Monsenhor Francis Mathews, durante um discurso em Boston, convocou os Estados Unidos para se tornarem o primeiro agressor da paz. Em claras palavras, para deslanchar um terceiro conflito mundial. Isto é, iniciar uma guerra atômica. Monsenhor Francis Mathews não era um vigarista nem um cidadão irresponsável. Ele era um poderoso homem no Governo Americano; não outro senão o Secretário da Marinha Americana. Mas Monsenhor Mathews tinha também outro ofício que nessa conjuntura era talvez mais sinistro. Era um católico fanático, muitas vezes honrado por seus serviços ao negócio católico de guerra; e mais que isso, Monsenhor Mathews tinha sido o cabeça mais vil de todas as organizações católicas em todos os Estados Unidos – os Cavaleiros de Colombo. E, se não fosse o bastante, ele era nada menos que o camareiro secreto do Papa Pio XII.

Com indivíduos tão altamente colocados, o Vaticano não poderia deixar de estar bem informado do que estava sendo cogitado em certos quartéis preparando-se para ser os primeiros agressores da paz. As informações transmitidas aos escravos da Igreja, portanto moldavam a política dos bispos e cardeais, tais como Stepinac e Mindszenty, jogando o

complicado jogo do Vaticano no tabuleiro de xadrez da Europa pós guerra. As declarações dos camareiros secretos papais, de Cardeais e Arcebispos conseqüentemente, longe de ser a opinião pessoal de indivíduos, eram as expressões de esperanças e políticas acalentadas na fonte, as quais nos idos de 1946 já haviam inspirado todos os principais esquemas e crenças de Stepinac – a saber, o Vaticano.

Capítulo 11

A IGREJA CATÓLICA SE PREPARA PARA O FUTURO

É dever de cada Estado, independentemente de sua natureza religiosa ou ideológica, defender-se quando ameaçado por inimigos internos ou externos. O Governo Central da Iugoslávia, avisado das atividades do Arcebispo Stepinac, passadas e presentes, não poderia continuar a observá-las indefinidamente com indiferença. Mais cedo ou mais tarde ele teria de agir para dar-lhes um fim.

Se o governo tivesse de tratar com um simples líder político ou militar, a solução teria sido mais fácil. Mas aqui o caso se complicava pelo fato de que esse líder político era também o chefe da Hierarquia da Igreja Católica. Sua prisão poderia acarretar complexas repercussões religiosas em Roma e, desse modo, praticamente em todo o mundo ocidental.

O Governo Iugoslavo resolveu solucionar o problema taticamente, removendo Stepinac sem causar problema no seio religioso. Para esse fim, aproximou-se de Pio XII exigindo a retirada do Arcebispo de Zagreb. O Vaticano fiel à sua reputação de mestre em movimentos sibilinos, em outubro de 1945, encorajou um americano na Iugoslávia, o Bispo J.C. Hurley, da Flórida, agindo naquele tempo como Núncio Apostólico na Iugoslávia, de investigar o caso e registrar tudo diretamente ao papa. O Bispo Hurley fez extensos inquéritos e escreveu um memorando compreensivo, o qual foi rapidamente enviado a Pio XII. O papa leu-o, refletiu sobre o mesmo e então decidiu proceder conforme havia planejado com respeito a Stepinac. As descobertas de Hurley foram prontamente arquivadas e delas nunca mais se ouviu falar.

O Governo Iugoslavo esperou. Como o próprio chefe do governo testemunhou, “esperou quatro meses sem receber resposta alguma”(1).

[1. Nas palavras do Marechal Tito:

Quando o representante do papa ao nosso governo, Bispo Hurley, me fez sua primeira visita, levantei a questão Stepinac. “Ele teria de ser transferido da Iugoslávia”, eu disse, “pois de outro modo seremos obrigados a prendê-lo”. Esperamos quatro meses sem receber resposta alguma. Tito, Zagreb, 31/10/46].

O Vaticano ficou calado porque o Papa estava planejando sua própria guerra, na qual o Arcebispo Stepinac iria representar um papel importante. Era o começo de uma guerra fria psicológica papal. Nesta guerra a religião seria usada como principal instrumento dirigido no sentido de acirrar o ódio emocional para fins políticos. Stepinac tinha de ser sacrificado às exigências da diplomacia católica mundial (2). Tendo embarcado nesta meta, o Vaticano contactou primeiro, não o Governo Iugoslavo que aguardava, mas o Arcebispo Stepinac, a quem ordenou continuar.

[2. Isto foi confirmado mais tarde pelo próprio Stepinac, quando durante uma entrevista com C. L. Salzberger, do New York Times, tendo sido informado que Tito pretendia libertá-lo ou transferi-lo para um mosteiro, Stepinac replicou que “quer eu

renuncie ou não ao meu ofício, quer eu vá mosteiro ou permaneça aqui (na prisão), isso só depende do Santo Padre. Essas coisas não dependem do Marechal Tito. Elas só dependem do Santo Padre, o Papa, e de ninguém mais”. Ver também Universe, 17/11/50. Esta política subsequente levou ao rompimento das relações diplomáticas entre a Iugoslávia e o Vaticano (18/12/52), antes e depois de Stepinac ter sido elevado a Cardeal (janeiro de 53) e a projetada visita do Marechal Tito à Grã-Bretanha, em 1953. Numa tentativa de embaraçar o governo britânico e as Nações Unidas, a hierarquia britânica atacou o Marechal como perseguidor dos Católicos. Ao mesmo tempo foi feito um esforço para limpar a reputação de Stepinac. Artigos com esses objetivos apareceram no *Tablet* e foram reimpressos em forma de panfletos pelo *Espada do Espírito*. Tais esforços teriam sido cômicos, se o público britânico não estivesse pronto a acreditar neles.]

Quando a Comissão dos Crimes de Guerra, a qual, entretantes, colhia documentação sobre criminosos de guerra, conseguiu evidência referente ao líder da hierarquia católica e apresentou ao Governo Iugoslavo, este, após várias tentativas com o Vaticano, decidiu agir. No dia 18/09/46, o Arcebispo Stepinac foi preso. O máximo cuidado foi tomado para que o julgamento fosse limpo, pelo fato de que isso levantaria todo tipo de complicações religiosas e políticas dentro e fora da Iugoslávia. Embora somente cerca um terço da população iugoslava fosse católica, o Governo providenciou para que todos os oficiais do julgamento fossem católicos croatas. A imprensa mundial foi convidada para assistir, o que ela fez. No dia 11 de outubro de 1946, após dez dias de audiência, a Corte composta de católicos sentenciou o Arcebispo Stepinac a dezesseis anos de prisão.

O Vaticano soltou um grito de horror, instantaneamente ampliado milhares de vezes pelas hierarquias católicas, agências católicas e imprensa católica por todo o mundo. Pio XII ordenou a excomunhão de todos os que tomaram parte no julgamento, do próprio Tito para baixo até o último oficial ligado de qualquer maneira com a condenação de Stepinac. Todos receberam a solene garantia católica de condenação eterna no genuíno lago de fogo e enxofre inextinguível do inferno católico. A coisa foi tornada ainda mais aterrorizante através de um pensamento seguinte do papa, que prometia a atenção pessoal do próprio Lúcifer sobre todos aqueles excomungados. O príncipe dos demônios iria torturar todos aqueles perseguidores anti-cristãos do Arcebispo, durante eras sem fim. Se a autoridade papal havia decretado assim, Amém!

Se essa autoridade fosse exercida apenas no inferno teria amedrontado menos Cristãos do que geralmente se crê. Os candidatos ao inferno precisam antes emigrar para o outro mundo e em hipótese alguma tem sido autenticado que alguém morresse por causa dos efeitos escorchantes dos projéteis espirituais do papa. Com os milhões que ainda estão vivos, contudo, esta mesma autoridade não é problemática nem fictícia. Ela é real, amplamente espalhada e muito perigosa. Ela pode sacar, à vontade, vastas fontes de poder, para ajudar os amigos ou para destruir os inimigos. Além disso, ela pode engendrar as mais negras correntes de emocionalismo religioso e político, a fim de controlar e usar as massas enganadas de católicos e não católicos, do mesmo modo, a fim de apoiar seus próprios interesses. O caso de Stepinac demonstra mais uma vez essa verdade, de um modo chocante.

O papa colocou em ação a vasta máquina de propaganda católica, a qual em tempo algum havia inundado o mundo com distorções tão montanhosas e com tão óbvia desonestidade, ao ponto de envergonhar os mais enganadores de todos os demônios do

inferno. Repentinamente, Stepinac, o líder autoritário, o engendrador de complôs políticos, o promotor de conversões forçadas, o tolerante investigador de massacres ustashis, aparecia como o defensor da legítima democracia, o arcebispo mais santo, o campeão da liberdade religiosa, o perseguido mártir da Igreja. Milhões de pessoas aceitaram a versão católica. O resultado foi que depressa grandes seguimentos do mundo ocidental, que até o momento nem mesmo tinham dado a mínima importância a tudo aquilo, começaram a louvar Stepinac como a grande vítima do barbarismo anti-cristão.

A imprensa logo agiu do mesmo modo, exaltando Stepinac como o campeão da luta cristã contra os poderes das trevas. Líderes políticos e religiosos se uniram em coro. Escritórios estrangeiros, chefes de Estado e, até mesmo todos os governos das nações católicas, e não católicas, enviaram protestos oficiais contra “tamanho exemplo de perseguição religiosa”. Perguntas eram ardorosamente feitas à Casa dos Comuns na Inglaterra, nas Câmaras dos Deputados da França, Itália, Bélgica, e na Casa dos Representantes Americanos e no Senado Americano. Nos Estados Unidos, o Presidente Truman foi submetido a tremenda pressão no sentido de se colocar a favor do martirizado Stepinac”. Um movimento mundial foi estabelecido para induzir as Nações Unidas a libertar um homem que havia defendido as liberdades civis e religiosas pelas quais as Nações Unidas lutavam. A distorção emocional coletiva engendrada pelas mentes do Vaticano logo começaram a produzir sua colheita venenosa, não apenas no âmbito religioso, mas onde ela era potencialmente mil vezes mais perigosa, isto é, no campo político. Nesse período, deve-se lembrar, a Guerra Fria ainda estava no primeiro estágio. O emocionalismo cego engendrado pelo julgamento e o resultado do mesmo foi usado para alargar a brecha entre os Comunistas Russos de um lado e o mundo capitalista dirigido pelos Americanos, do outro.

A Rússia Soviética retardara a sua desmobilização e permanecera como um grande exército em pé de guerra. Os Estados Unidos adiantaram suas preparações de guerra a tal ponto que, após o julgamento de Stepinac, já haviam gasto a soma colossal de quase um bilhão de dólares na armazenagem de material bélico (3).

[3. Os Estados Unidos começaram suas preparações para a guerra menos de um ano após a morte de Hitler (1945). Estas consistiam em armazenar material 100% essencial para a guerra. No dia 23/07/46, os Estados Unidos passaram a Lei Pública 520 do 79º Congresso, aprovada por ambas as Casas, para esse propósito. O combinado armazenamento de material em 1946 já alcançava os 4.536.000.000 (quatro bilhões, quinhentos e trinta e seis milhões) de dólares. De 1946 a 1950, antes da guerra na Coreia, que começou em junho, os Estados Unidos já estocavam 8.300.000.000 (oito bilhões e trezentos milhões de dólares). Não havia conhecimento dos estoques da Rússia].

Em 1947, as forças militares do mundo atingiam a dezenove milhões de ativos e eram mantidas a um custo anual de vinte e sete milhões de dólares. Isso, menos de dois anos após a queda de Hitler. A partir de então, os orçamentos militares alcançaram somas astronômicas. No tempo em que a Iugoslávia, que, entretanto devido aos seus desenvolvimentos ideológicos, havia se inclinado para o Ocidente, deixando imediatamente o Arcebispo Stepinac livre (inverno 1951-52) e Stepinac, de Arcebispo tornou-se Cardeal (1953), o mundo já havia se fendido em dois blocos (4).

[4. Em razão do rompimento da Iugoslávia com a Rússia, a Iugoslávia tornou-se parcialmente financeira e militarmente dependente dos Estados Unidos. Empréstimos americanos foram pedidos e recebidos. O próprio Tito reconheceu que a Iugoslávia tinha recebido mais de mil milhões de dólares de ajuda do Ocidente (Marechal Tito, Belgrado,

16/03/52). O Vaticano tentou influenciar as negociações, por meio da pressão católica nos Estados Unidos, colocando-as como condição o incondicional livramento do Arcebispo Stepinac].

As fábricas americanas foram transformadas em colméias, enquanto a Força Aérea Americana, o Exército e a Marinha foram colocados no mundo inteiro, nos principais lugares estratégicos, prontos para a luta. Colossais orçamentos de guerra foram votados pela administração americana, isto é, 129.000 milhões de dólares, pelo Congresso, em menos de dois anos (1950-1952), fora armamentos e construções militares (5). [5. Ver The Times, Londres, 10/10/52]. No início de 1953, somente na Europa os Estados Unidos já haviam construído mais de cem bases aéreas, muitas delas equipadas especialmente para operações atômicas, como bases ofensivas/defensivas contra a Rússia (6).

[6. Oficialmente revelado pelo Tratado da Organização do Atlântico Norte (OTAN), Paris, 25/11/52. Isto não incluía as muitas bases na Grã Bretanha, África do Norte, Grécia e Turquia. Ver The Times, Londres, Manchester Guardian, 26/11/52, New York Times e outros jornais].

Na Rússia Comunista preparações de igual magnitude, como política ofensiva/defensiva de guerra foram levadas a efeito, com ímpeto, no sentido de alcançar seus contra-partidários ocidentais. Dentro de poucos anos, a partir do final da II Guerra Mundial, milhões de rublos foram gastos para fins militares. Em tempo mínimo, enquanto a Rússia Soviética se tornava o arsenal do Oriente, os Estados Unidos se tornavam o arsenal do Ocidente e o seu mais poderoso líder militar. As nações do mundo, embora ainda mal tivessem se livrado do massacre da II Guerra Mundial, preparavam-se para a III Guerra Mundial vindoura. Políticos, generais, líderes de governos, falavam de guerras atômicas. Os exércitos se reuniam novamente, prontos para marchar. Um sangrento treinamento para outro Genocídio global, imitando a Guerra Civil Espanhola de 1939, onde os exércitos americanos ideologicamente hostis treinaram um pequeno conflito, a fim de ficarem preparados para o maior, foi ensaiado na Coréia, no verão de 1950. Uma gigantesca corrida armamentista minou a economia de nações inteiras, interpretando, desse modo, a guerra entre os dois poderosos blocos Oriental e Ocidental, não apenas provável, como inevitável.

Enquanto os poderes militares cada vez mais crescentes exigiam sempre mais apropriações colossais, do Monte Vaticano vinham os mais hipócritas slogans pela paz, mesclados de veladas ameaças, invocações da religião e sentimentos de condenações contra os “inimigos ateus do Cristianismo”. Em cínica traição às massas de crentes honestos e humildes, o Vaticano estava se esforçando fervorosamente nos campos políticos e diplomáticos para ampliar os seus propósitos. Então um dia, além de tudo isso, vozes foram ouvidas – as vozes oficiais dos bandos reorganizados da Ustashi – conclamando os seus membros a não se dispersarem, pois a hora em que ela, a Croácia Católica Ustashi, lutaria lado a lado com os defensores da civilização ocidental, estava se aproximando. Os gloriosos batalhões da Ustashi precisavam estar prontos. Mas, conquanto estivessem querendo lutar pela liberdade mundial, eles deveriam preparar-se para fazê-lo em nome da Croácia Católica, em unidades católicas e sob a bandeira croata. A nenhum Ustashi, portanto, era permitido juntar-se a qualquer exército estrangeiro. O apelo dos bandos terroristas ressuscitados – com o quartel general dos Estados Unidos – assim funcionava:

Quartel General da V Assembléia das Forças Armadas Croatas, com jurisdição sobre todos os súditos dessas forças (homem ou mulher), residindo em todos os Estados da Europa.

Temos sabido que algumas pessoas, sem autorização, estão se esforçando para persuadir indivíduos a se alistarem em exércitos estrangeiros. Por ordem do Supremo Comando das Forças Armadas da Croácia, a todos os súditos residentes em qualquer Estado Europeu, seja notificado de que pessoa alguma como indivíduo está autorizada para essa atividade, nem é permitido alistar-se em exército estrangeiro, em qualquer função, sem permissão especial. O Supremo Comando das Forças Armadas da Croácia convocará suas forças para a luta contra o Bolchevismo, quando chegar a hora, para lutar lado a lado contra todas as nações anti-comunistas sob a nossa própria bandeira e dentro de nossos próprios exércitos croatas.

Quartel General, V Assembléia.

General Drinyanin, agosto de 1950. (7)[7. Publicado no jornal Ustashi Danitza, Chicago, Illinois, nº 13, 09/50].

Estas eram palavras nobres. Palavras de um idealista almejando que a liberdade prevalecesse na terra. Muitas pessoas aclamaram os novos defensores da liberdade. Em certos quadrantes, contudo, eles sabiam melhor. Pois o General Drinyanin era o mediador do ex-comandante-em-chefe de todos os terríveis campos de concentração da Croácia, líder da sanguinolenta “Defesa Ustashi”, formação responsável pelo massacre de 200.000 prisioneiros no campo de Jasenovac, o protetor de todos os monstros fardados ou embatinados que, poucos anos antes, estiveram engajados nas conversões forçadas ao Catolicismo, sob a égide de Stepinac, agora Cardeal.

Enquanto a Ustashi estava protegida no Hemisfério Ocidental, novas trombetas eram ouvidas do Norte, e o seu líder Ante Pavelic se ocupava no Sul, no mesmo tipo de atividade em que estivera engajado antes da II Guerra Mundial. Pois Ante Pavelic havia conseguido, em 1948, escapar da Europa, novamente graças à ajuda do Vaticano. Munidos de documentos falsos, que lhe foram dados em Roma, e de um passaporte internacional da Cruz Vermelha, ele foi para outro país católico, que acolhia os líderes nazistas (8) – a Argentina (9).

[8. A Espanha Católica de Franco, após a derrota da Alemanha Nazista, deu asilo a numerosos líderes e criminosos de guerra nazista – por exemplo – o Dr. Schacht, Ministro da Finanças de Hitler; Otto Skorzeny, Agente da SS, o qual libertou Mussolini em 1943; Von Papen, Vice Chanceler do governo de Hitler, em 1933. É digno de observação que o católico Von Papen, como muitos líderes ustashis, usou o disfarce religioso para executar renovadas intrigas nazistas para o reavivamento do Fascismo Europeu. Quando ostensivamente, foi um participante particular do Congresso Eucarístico, em Barcelona, ele manteve longas entrevistas particulares como o General Franco (maio de 52). Ver o complô Nazista na Alemanha Ocidental, 1953, e também The Times, etc].

[9. Pavelic chegou a Buenos Aires no dia 06/11/48, como passageiro do navio italiano SS Sestiere, com o nome de Dal Aranyos. O número do seu bilhete era 16. A Legação argentina em Roma conhecia muito bem a sua verdadeira identidade. Ela fora repetidamente pressionada pelas autoridades do Vaticano a conceder um visto a Pavelic. A Coordenação Federal da Argentina, a Polícia da Contra Espionagem também tinham sido informadas com antecedência de sua identidade].

O passaporte falso que o havia levado à segurança fora fornecido por outro padre católico, um ex-Ustashi, o Padre Draganovic, residente em Roma. O Padre Draganovic,

para ter certeza de que o ex-líder chegaria salvo na Argentina, acompanhou-o pessoalmente até Buenos Aires. Ali ele apressou certos autos hierarcas argentinos após o que retornou devidamente a Roma (final de 1949). O Padre Draganovic tinha atuado não apenas como um católico zeloso, como um sacerdote católico da Ustashi, mas também como o representante do Vaticano, que estava preocupado com o futuro de um homem, Ante Pavelic e comum ideal, a impiedosa Ustashi, ambos porque haviam conseguido estabelecer um Estado Católico modelar uma vez, poderiam conseguir restabelecê-lo em um futuro não muito distante.

Pavelic imediatamente entrou em atividade. A maior parte de seus comícios era realizada em salões paroquiais católicos em Buenos Aires.

Padres e freiras católicos deles participavam – por exemplo, no encontro realizado em 05/02/51, cinco frades católicos compareceram (10).

[10. Registros do Serviço de Inteligência, arquivos do governo iugoslavo. “Pavelic, Dr. Ante – algumas notas biográficas e atividades desde 1945”].

A maior parte desses encontros e atividades similares era organizada por padres, sendo importante dentre eles o padre católico Mato Luketa (11). Pavelic levou para a Argentina três coisas:

[11. Este padre serviu na Igreja Católica, na Av. Belgrano nº 1151, Buenos Aires. Ver o inditamento do governo iugoslavo contra Pavelic].

1. A bênção papal, com boa apresentação à hierarquia católica argentina e daí, ao governo, como a outros.

2. Espólios da Croácia (12)

3. Programa da Ustashi.

[12. Consistindo de doze sacolas de ouro e uma sacola de jóias. Isso conforme a declaração oficial do governo iugoslavo em seu inditamento de Ante Pavelic].

Enquanto alguns dos seus tenentes mantinham vivo os ideais da Ustashi nos Estados Unidos e na Europa, Pavelic começou a coordenar o mesmo na Argentina. Reuniões foram feitas, jornais foram publicados, a Ustashi estrangeira estava organizada. Em 1949, Pavelic estabeleceu a Hrvatska Drzavotvorna Stranka. No mesmo ano ele manteve seus grandes encontros da Ustashi, muitos deles em salões paroquiais, tais como o Salão Paroquial Católico croata, na Av. Belgrano. Pavelic aconselhou que “todos os Croatas honestos no exílio deviam pertencer” a este movimento. Em seguida, ele os instruiu a receber a nacionalidade argentina, de modo que pudessem sair do país sem impedimento algum.

Pavelic só falava de guerra e sangue. Os títulos de seus artigos falam por si mesmos: “A Guerra Ideológica”(13), [13. Dinâmica Social – nºs 5 e 6, 1951]. “A Vocação de Sangue”, sendo este último uma introdução à proclamação do partido ressurreto. A base da nova política de Pavelic era a guerra. Como outro pilar do Catolicismo político, antes dele, isto é, o Cardeal Mindszenty, assim também Pavelic aguardava a explosão da III Guerra Mundial. “A Guerra logo eclodirá”, ele profetizava, em 13/05/49, “e então virá a libertação da Croácia”.

No ano seguinte, como já vimos, o Secretário da Marinha dos Estados Unidos, camareiro secreto do papa, chocou o mundo ao pedir abertamente que os Estados Unidos iniciassem uma “guerra atômica preventiva” contra a Rússia, a fim de “libertar” o povo da terra.

A plataforma republicana adotada em Chicago (julho de 1952), após exigir um fim “da política negativa fútil e imoral de contenção, que abandona os incontáveis seres

humanos ao despotismo do terrorismo ateu” (14)[14. Ver Manchester Guardian – 22.07.52]. Ela exigia uma política dirigida à promoção específica da sabotagem, aumento de movimentos de resistência, distúrbios industriais e, também, o estabelecimento de governos emigrados.

O povo americano foi às urnas (04 de novembro de 1952) e colocou no poder o Partido Republicano. Com poucas exceções inseguras, regozijaram-se, saudando a vitória republicana, através do mundo católico. O próprio papa ao ouvir que o General Eisenhower havia sido eleito presidente, apressou-se em telegrafar-lhe com a sua “divina bênção sobre Vossa Excelência e vossa administração” (15).

[15. Telegrama enviado pelo Papa Pio XII ao General Eisenhower o qual o Presidente reeleito respondeu: “Profundamente grato a Vossa Santidade pela vossa bênção e expressão de boa vontade”. Ver Universe, 14.11.52]

Na Argentina, Pavelic pediu que todos os Ustashis saudassem o triunfo republicano. Os padres ustashis deram ações de graças especiais nas Américas do Sul e do Norte, bem como na Europa. Te Deums foram cantados. A Divina Providência estava vindo novamente para o resgate. Ela havia levado ao poder um governo americano, que estava determinado a criar “forças tarefas políticas” para libertar os países “cativos”. De fato, para estabelecer os “governos emigrantes”. Não era a reorganizada Ustashi uma “força tarefa política”? Não era a Croácia um país “cativo”? Ninguém podia negar que o novo governo Ustashi de Pavelic era um “governo emigrante”. Pois, verdadeiramente, Pavelic havia estabelecido um novo governo Ustashi. O novo governo Ustashi havia sido oficialmente estabelecido por ele na Argentina, em 1951. O seu programa religioso e político não havia mudado sequer um til daquele da antiga ditadura Ustashi. Com a administração republicana na Casa Branca, com o General Eisenhower determinado a manter uma forte política exterior como presidente, com uma ímpia Rússia se preparando cada vez mais com medidas ímpias, o mundo continuava a se mover depressa em direção à catástrofe. Grupos fanáticos se preparavam e aguardavam “O Dia” da deflagração da III Guerra Mundial, quando o estabelecimento do “governo emigrante” teria lugar entre eles, o novo governo da Croácia, governado pela Ustashi e pela Igreja.

Ante Pavelic na América do Sul, o General Drinyamin nos Estados Unidos, o Padre Draganovic em Roma, como centenas de padres e freiras, e leigos em toda parte, haviam começado mais uma vez, como antes da II Guerra Mundial, a “rezar” e trabalhar pela III Guerra Mundial, de modo que poderiam colaborar também para trazer liberdade, isto é, recuperar o seu reinado na terra, na recém-devastada Croácia. A tais profundezas podia o ideal de liberdade ser levado ao abismo!

Capítulo 12

O VATICANO E OS ESTADOS UNIDOS COMO DEFENSORES DOS CRIMINOSOS FASCISTAS DA II GUERRA MUNDIAL

O Vaticano, bem como os protetores da Croácia Nazi-Fascista e outros ditadores da extrema direita européia após o colapso do Mundo Fascista, transformaram-se em auxiliares secretos dos que haviam sido sepultados sob as ruínas do Império Hitlerista.

Depois que os principais atores do regime nazista foram executados pelos Aliados Vitoriosos, após o julgamento de Nuremberg, milhares de criminosos menores de guerra conseguiram cobertura sob as asas protetoras da Igreja Católica. Muitos procuraram

refúgio literalmente em conventos, mosteiros, seminários e outras instituições religiosas ou semi-religiosas. As autoridades católicas agiam na maioria das vezes sob o disfarce de caridade “cristã” ou sobre bases humanitárias, como muitas delas haviam feito com os judeus, durante a perseguição nazista. Outros, contudo, ajudavam a fuga de criminosos de guerra por motivos puramente ideológicos. Dentre estes havia, não apenas líderes de instituições católicas, como também bispos e de fato até mesmo cardeais. Por causa destes últimos muitos importantes criminosos de guerra que haviam assistido potencialmente o Vaticano a fixar as satrapias católicas da Croácia e Eslováquia, foram bem vindos dentro dos muros do próprio Vaticano.

O resultado dessa “hospitalidade” foi que em pouquíssimo tempo a cidade do Vaticano ficou apinhada de “hóspedes”, cujo motivo principal não devia ser a piedade, mas a óbvia ansiedade de evitar identificação. Graças à tácita cooperação das autoridades do Vaticano os “hóspedes” obtiveram imunidade prática de qualquer investigação oficial ou semi oficial.

Mesmo assim contudo, a curiosidade dos jornalistas ou das organizações e indivíduos pesquisadores anti-fascistas foi cuidadosamente evitada e afastada com sucesso. A campanha do Vaticano no sentido de proteger a privacidade destes criminosos foi mantida devido ao fato de que a cidade do Vaticano era considerada um estado soberano. E também pelo fato de que muitos dos aliados vitoriosos não queriam antagonizar o papa, cujo notório passado havia se tornado parte da recente história em seu relacionamento com o Regime Nazista.

A imunidade dada pelo Vaticano oferecia a melhor esperança para muitos criminosos de guerra, que haviam sido oficialmente assim rotulados, de não caírem nas mãos dos Aliados. Visto como a proteção do Vaticano era a melhor garantia para evitar prisão e perseguição, o número dos que buscaram essa proteção aumentou, até que os corredores secretos do Vaticano já não podiam comportar tantos deles.

Muitos, portanto, foram entregues a anfitriões romanos ou colocados com famílias católicas, onde poderiam ficar sem ser detectados; protegidos como estavam pela discrição dos seus hospedeiros, todos esses católicos piedosos, quando não piedosos pelo menos estavam ansiosos pelo dinheiro pago pelos clérigos sendo sustentados pelos seus proventos. O discreto patrocínio das paróquias locais e dos ocupados mosenhores indo e vindo dos escritórios do Vaticano, e a mais discreta ainda mobilização dos institutos católicos, logo acomodaram um grande número de “refugiados”, que procuravam ansiosamente por esconderijo. Entrementes, a cidade do Vaticano tornou-se uma verdadeira colméia de operações burocráticas mais centralizada na emissão de documentos. Certificados de nascimento, vistos, passaportes e documentação semelhante eram manufaturados, preparados e entregues com eficiência profissional. Mais importante ainda é que esses documentos eram “ativados” com tal eficiência a ponto de desafiar o mais escrupuloso escrutínio da parte de qualquer oficial super zeloso das várias fronteiras dos Aliados Vitoriosos. A eficiência desses falsos documentos espantava as autoridades e os próprios Aliados. Logo se tornou uma indústria, até mesmo fora dos muros do Vaticano. A explicação era simples. Primeiro os Aliados, ou talvez certos departamentos dos Aliados haviam dado discretas instruções para que certos passaportes mesmo de natureza suspeita não fossem muito escrutinados. As instruções foram tacitamente obedecidas. Isso resultou em que milhares de criminosos de guerra, oficialmente rotulados como menores pudessem escapar através da rede oficial. Milhares conseguiram fugir para as repúblicas da América do Sul, para a Austrália e até mesmo para os Estados

Unidos. O influxo de “refugiados procurados” naqueles países tornou-se um assunto tão controverso que afetou as relações de vários governos aliados, quando se tornou óbvio que havia sido posta em operação uma política geral dirigida para salvar os fugitivos criminosos de guerra da Europa.

As suspeitas tinham sido um tanto sem base. A política tinha sido posta a operar desde o colapso nazista e, bastante curioso, é que ela havia sido concebida exatamente por algumas sessões do Serviço de Inteligência dos Estados Unidos. A CIA, naquele tempo ainda não existia, mas o seu antecessor equivalente existia; certos elementos dentro deste já estavam fazendo preparações para uma futura guerra contra a União Soviética. Daí, a discreta ajuda a potenciais recrutas para uma potencial invasão pelos Estados Unidos e Aliados às províncias russas soviéticas, conforme veremos a seguir.

O sucesso da política conjunta do Vaticano e Estados Unidos dirigida ao esconderijo de milhares de criminosos de guerra deveu-se ao fato de que portões secretos haviam sido criados através das fronteiras para esse específico propósito. Os oficiais das fronteiras haviam sido levemente encarregados da tarefa de “deter e proteger” indivíduos portando “documentos específicos” isto é, falsos documentos, vistos e vários documentos, a começar de falsos passaportes. Estes, se e quando reconhecidos como falsos por oficiais não prevenidos, deveriam se tornar “positivos”. Em outras palavras, certos oficiais estavam autorizados a aceitá-los como “oficialmente” genuínos, permitindo, assim, que os seus portadores entrassem nos vários países de destino, inclusive nos Estados Unidos.

Essa paródia geral teria sido impossível se tivesse sido deixada exclusivamente a cargo das várias fábricas de “documentação” falsa da Europa, a começar daquelas localizadas na Itália principalmente dentro do Vaticano.

Capítulo 13

A MÁFIA, O VATICANO E OS ESTADOS UNIDOS. POR QUE ELES ALISTARAM CRIMINOSOS DE GUERRA. STALIN E UM TERÇO DA EUROPA

Uma das principais agências ligadas a essa operação foi a Máfia. A Máfia fora revitalizada pelos Estados Unidos mesmo antes destes invadirem a Sicília. De fato os Estados Unidos “recrutaram” a Máfia junto com o exército dos Estados Unidos. Ela se tornou uma parcela do comando americano. Os mafiosos se tornaram os principais estrategistas dos inexperientes americanos. Eles exploraram os americanos com as falsas raposas sicilianas e a esperteza dos ansiosos homens de negócios, ávidos de qualquer oportunidade de fazer dinheiro. Eles “aconselhavam” os oficiais americanos, que nada sabiam a respeito da política local e italiana, levando-os a cometer deslizes da maior gravidade. Os mafiosos jamais deixavam escapar uma ocasião de ouro para fazer o dinheiro fluir. Logo que souberam dos passaportes e fábricas de vistos, eles entraram em campo com uma vingança. Sua esperteza na arte sutil de falsificação não conhecia igual. Eles trabalhavam para o Vaticano e até mesmo para os Estados Unidos. Graças à proteção dos Estados Unidos e a sua histórica falsificação, a Máfia eventualmente prosperou até o ponto, que no processo ela se tornou o poderoso Império Máfia do futuro, o qual se expandiria pelo Atlântico durante as décadas futuras. Ela teve resultados políticos do maior alcance e importância para a própria Itália. Ajudou poderosamente a transformar a Sicília numa ilha semi autônoma, onde a Máfia imperava como soberana, afetando Roma

e a Administração Italiana, inclusive a política externa da Itália. A relação da Máfia com o Vaticano foi muito íntima durante muitos anos, não somente após a guerra, mas também durante a mesma. De fato, a Máfia, em mais de uma ocasião agiu como uma fada madrinha para o Vaticano. O caso mais chocante foi quando ela ajudou o Vaticano a transferir toneladas de prata de lei de Nápoles para Roma, a fim de evitar que os alemães a fundissem para pagar as despesas da ocupação alemã.

O autor deste livro, que durante a guerra tinha um programa radiofônico diário para os partidários, avisando-os para atrapaalhar os alemães que já estavam na Itália, foi para Nápoles em 1975 e visitou a catedral. Lá ele ficou chocado com um altar aparentemente feito de sólida prata de lei. As toneladas de prata – o homem então lhe explicou – haviam sido salvas dos alemães que então ocupavam Nápoles, graças à Máfia. Diante da estupefação do autor o indivíduo então lhe contou o seguinte:

“O Vaticano, tendo ouvido rumores de que os alemães que ocupavam a Itália haviam planejado fundir a prata do altar de S. Genaro, para pagar as despesas de ocupação na Itália do sul, contactou a Máfia e pediu-lhe ajuda. A Máfia, cujos membros além de serem espertos homens de negócios são também muitíssimo religiosos, aceitaram a proposta do Vaticano com piedosa alegria. Visto como estavam cooperando com os alemães em várias operações secretas eles foram permitidos por estes, a transportar seus objetos, alimentos, artigos do mercado negro e congêneres, para o norte, isto é, até Roma. O resultado foi que a prata do altar foi transportada em caminhões da Máfia até a própria entrada do Vaticano, onde foi depositada com segurança”.

Este autor, fez indagações quanto a veracidade desta história. (Durante a guerra ele havia feito muitas transmissões radiofônicas sobre os alemães, tendo testado a “liqüefação” do sangue de S. Genaro, que de acordo com a Igreja Católica era um “milagre”. Isso é tido como tal pela população napolitana. A última considerava com um bom presságio, se o “milagre acontecesse” e como um mau presságio se o sangue não se liqüefizesse). Ele descobriu que a Máfia, pela sua reputação tinha trabalhado simultaneamente para três empregadores: os alemães, o Vaticano e os Estados Unidos. Essa era uma verdadeira obra prima de “cooperação internacional”. O recrutamento da Máfia deveria ter sido repreensível, tanto da parte dos Estados Unidos como do Vaticano se não fora pelo fato de que ao facilitar a fuga dos criminosos de guerra da Europa, cada um deles tinha o seu próprio objetivo.

Ao mesmo tempo em que os Estados Unidos desejavam resgatar esses criminosos para executar operações políticas contra a Rússia soviética e na iminente Guerra Fria, o Vaticano, conquanto pensando do mesmo modo fora motivado por um objetivo a mais. Era o de ajudar os ex-cooperadores políticos e religiosos que ele havia abençoado durante o reinado de terror sob o império nazista. As atitudes protetoras do Vaticano tinham sido aprontadas não apenas como aparente “caridade cristã”, mas também para a consolidação de sua recém nascida aliança com Washington.

A motivação básica de aliança tão estranha – Vaticano e Washington – que à primeira vista parecia muitíssimo improvável poderia ser incompreensível se não fora a motivação levada em conta. Suas motivações conjuntas derivaram-se da necessidade de recrutar, tão enérgica como rapidamente, batalhões confiáveis e anti comunistas prontos para a luta contra a Rússia Bochevista. E onde poderiam o Vaticano e o Departamento de Estado Americano encontrar prontos esses recrutas anti-comunistas, a não ser, nas fileiras e nos arquivos dos derrotados anti-comunistas da Europa, a saber, os fugitivos criminosos de guerra, que agora buscavam asilo nas Américas e nos Estados Unidos? Não

tinham eles e seus camaradas atacado, ocupado e quase derrotado as hordas russas, em primeira mão, enquanto a América estava enviando bilhões para ajudar Stálin? Talvez agora os Estados Unidos, que tinham estado face a face com Stálin, tivessem finalmente verificado seu erro. Os fugitivos da Europa vencida agora estavam prontos para ajudar os Estados Unidos a retificarem esse erro, ou seja, ajudando-os a lutar contra a Rússia soviética, seu ex-aliado.

Milhares, não necessariamente pró-nazismo, simpatizavam com os seus pensamentos. Muitos nos Estados Unidos diziam isso abertamente. O próprio Churchill concordava. O consenso geral era que Stálin havia se tornado uma ameaça não menos horrenda do que Hitler. O consenso foi apoiado, não por especulação, mas por fatos ameaçadores. A realidade encarada pelos Aliados vitoriosos foi que Stálin havia engolido regiões inteiras. De fato, além de extinguir países independentes como a Estônia, Letônia e outros, ele havia ocupado já um terço da própria Europa. Ele havia transformado antigas nações soberanas como a Polônia, Romênia, Checoslováquia, Bulgária e Hungria em satélites russos. Movimentos foram feitos por Moscou para fazer o mesmo na Ásia, no Oriente Próximo, na África e até mesmo no Hemisfério Ocidental, como Cuba provaria eventualmente, não muito depois.

Os Estados Unidos e o Vaticano se alarmaram e decidiram agir em uníssono. Os resultados foram os primeiros movimentos secretos, os quais, dentro de um curto período, ficaram conhecidos como a Guerra Fria. Esta culminou com a Guerra da Coreia dos anos 50 e a Guerra dos Vietnã nos anos 60 e 70. O recrutamento de comprovados anti-comunistas, entre os fugitivos criminosos de guerra, desse modo, fazia parte da grande estratégia pós-guerra do Vaticano e Estados Unidos. Mais do que caridade ou compaixão, ou até mesmo simpatia ideológica isto se tornou uma campanha positiva estratégica para ambos os lados. Eles queriam recrutar o material certo para a iminente cruzada anti-soviética do futuro próximo. Os batalhões compostos dos criminosos de guerra ainda radicalmente anti-vermelhos e anti-russos, tornar-se-iam o rebanho da nova grande cruzada não contra a Europa Hitlerista, mas contra a Rússia Soviética Stalinista, e um terço da Europa, agora sob o jugo do controle soviético.

Nota do Editor Americano:

A Rússia ocupava apenas os países que estavam na rota de uma invasão direta contra Moscou. A Áustria foi liberada pelos soviéticos, mas foi devolvida aos mesmos logo após a guerra e não se tornou um satélite soviético.

Capítulo 14

AS CAMPANHAS SECRETAS DOS ESTADOS UNIDOS E O VATICANO PARA RESGATAR OS CRIMINOSOS DE GUERRA.

Enquanto a Cidade do Vaticano e seus muitos edifícios extra-territoriais em Roma, tornaram-se refúgio semi-oficial de centenas de criminosos de guerra, o Departamento de Estado dos Estados Unidos tornou-se ocupado, na integração de muitos deles, dentro de seus multi-variados ramos da máquina subterrânea, operando fora da legalidade oficial. As operações, embora secretas, eventualmente se tornaram conhecidas. O resultado imediato foi uma crescente oposição a todos eles. Em virtude disso, milhares de criminosos fugitivos de guerra foram rapidamente desviados para os países da

América do Sul, com a conivência dos Serviços Secretos dos Estados Unidos. Muitos foram auxiliados a entrar nos próprios Estados Unidos e lá se fixaram, sob nomes diferentes, com falsas identidades.

O Departamento de Estado e os Serviços Secretos tentaram minimizar as descobertas que entrementes haviam começado a vaziar cada vez mais freqüentemente através da mídia, para um mundo chocado de após guerra. Para dois milhões de veteranos de guerra e vítimas da guerra de ambos os continentes, toda política de proteção aos criminosos de guerra tornava-se ofensiva. Foi repudiada e condenada por todos, com raras exceções. Os Judeus foram a vanguarda dessa condenação universal. A revelação dos campos de concentração nazistas havia chocado o mundo e, sem dúvida, o Judaísmo mundial. Os Judeus da Europa, muitos dos quais haviam emigrado para os Estados Unidos, por certo não iriam aceitar essa forma ambígua de apaziguamento católico americano em favor dos seus ex-atormentadores. As décadas do pesadelo fascista estavam ainda vívidas demais para serem esquecidas, perdoadas ou relegadas a uma história passada.

As aterrorizadas e feridas almas dos Judeus tinham sede de vingança rápida e sem misericórdia. Esta ficou encapsulada dentro do slogan atávico “olho por olho”. A experiência dos campos de concentração e muitos dos seus sobreviventes maximizavam o slogan para “mil olhos de Arianos – Cristãos – Nazistas – pelo olho de um Judeu”. Sua sede de vingança, longe de ficar encapsulada em mera exigência de sangue retórico da citação bíblica, tornou-se sua sólida política ameaçadora desde o princípio. Ela ajudou a delinear as políticas do após-guerra, antes que a II Guerra Mundial estivesse acabado. Isso foi feito através das atividades do lobby judaico em Washington. Uma presença da qual nenhum Departamento de Estado, Serviço Secreto, partido político ou até mesmo o Presidente Americano queriam ignorar para o seu próprio perigo.

A emergência de Israel como o cumprimento messiânico do sonho judaico, além da tangível dimensão religiosa do Judaísmo mundial fez dos Judeus americanos Judeus a mais persuasiva influência étnica da América. Isso foi assim, uma vez que o Judaísmo Americano como o Catolicismo Americano, tendo penetrado ambos nos partidos políticos, podiam afetar as políticas de qualquer administração americana. A campanha judaica, conduzida com férrea persistência, através de uma mídia nacional, da qual uma grande proporção era controlada pelos interesses judaicos, afetou a política dos Estados Unidos. As operações dirigidas para ajudar e recrutar os criminosos de guerra foram abreviadas. A discrição tornou-se a palavra chave tanto do Departamento de Estado como do Serviço Secreto Americano. Ainda mais quando os Judeus resolveram caçar os criminosos de guerra, onde e quando conseguiram, muitas vezes com chocantes resultados, independentemente de ambos.

No Vaticano a campanha tinha sido muito mal recebida, mais ainda porque os Judeus haviam condenado abertamente o papa, não apenas por não tê-los ajudado durante o terror hitlerista, mas também por ter sido pró Nazismo. Contudo, o Vaticano se ressentiu da campanha judaica por causa de suas implicações a longo alcance. Isto é, ela estava colocando em perigo a preparação conjunta secreta Vaticano – Estados Unidos para uma cruzada anti-Rússia, que eventualmente se identificaria com a Guerra Fria. Por causa desta interferência judaica, em seus planos, o Vaticano e o Departamento de Estado formularam então uma campanha promocional de recrutamento muitíssimo secreta, cuja palavra de ordem tornou-se “imensa prudência”. A nova política permitia que seus

recrutamentos operassem, como no passado, com eficiência e impunidade, apesar da vigilância judaica.

A nova campanha Vaticano – Estados Unidos logo se identificou com o incentivo de uma coletiva promulgação de legislação equívoca destinada com todo tipo de informação conectada com o recrutamento recente e acelerado de proteção aos criminosos de guerra. Medidas legislativas, e por conseguinte uma lei fecharam a porta a qualquer investigador curioso ou intrometido. O resultado desse fechamento de porta com cunhos legais, foi que a identificação dos criminosos de guerra já nos Estados Unidos ou quase lá chegando, tornou-se ainda mais difícil. Muito mais significativo ainda, tornou-se um guarda-chuva protetor sob o qual potenciais e verdadeiros criminosos de guerra se escondiam para não serem descobertos. A tarefa de identificá-los e prendê-los tornou-se quase impossível, protegidos como eram por especificações oficiais obscuras. Muitos destes jamais viram a luz. De fato, centenas se tornaram tão secretos, que ninguém, com exceção de certos militares ou mandarins da Inteligência poderia colocar as mãos sobre eles. A maior parte desses documentos, isto é, os que tratavam dos criminosos de guerra, foram declarados “classificados”, isto é, tornaram-se inacessíveis a qualquer um, exceto à Inteligência dos Estados Unidos.

Contudo, a medida em que se passaram anos e décadas, esses “classificados” se tornaram “desclassificados”. A “desclassificação” revelou aquilo de que há muito se suspeitava o tempo inteiro, isto é, que os Estados Unidos e o Vaticano tinham ajudado e de fato tinham embarcado milhares de criminosos de guerra para a Austrália, América Latina e até mesmo para os Estados Unidos e Canadá, mesmo antes do término da guerra.

A “desclassificação”, embora útil, continuava, contudo, a ser obstruída pela rígida legislação que permitia apenas um lampejo a ser visto quando o lapso de tempo expirava. Como aconteceu durante uma conferência de notícias, em maio de 1986, por exemplo, quando documentos do Corpo da Contra Inteligência do Exército dos Estados Unidos foram “desclassificados” e interpretados (1).

[1. The Times, Londres – 05.12.1986. Também UPI, Rockland, Massachusetts, 11.05.1986 – sobre documentos de guerra americanos desclassificados antes do natal de 1985].

O porta-voz, que estivera traçando o envolvimento do governo dos Estados Unidos em ajudar os criminosos de guerra nazistas durante sete anos, disse que a investigação sobre os criminosos de guerra conduzida pelos Estados Unidos após a guerra, “tinha sido uma piada”. Como a de maio de 1986, havia provavelmente 6.500 dos estimados 10.000 colaboradores nazistas que haviam sido assistidos pelas organizações criminosas pró guerra, vivendo ainda nos Estados Unidos. Conforme o The Times, de Londres:

Os Estados Unidos tinham classificado os documentos até agora, a fim de proteger os governos aliados e o Vaticano de revelações embaraçosas contidas nos mesmos” – ele disse.

“Eles mostravam que as agências de Inteligência da França e Grã-Bretanha, imediatamente após a guerra, reviveram uma antiga organização nazista, chamada Intermarium, ele disse. A organização fora originalmente formada por um general czarista russo logo após a Revolução Bolchevista, para lutar contra o comunismo.

As agências de espionagem da França, Grã-Bretanha, Austrália, Canadá, Áustria, Alemanha Ocidental e Itália, bem como altos oficiais do Vaticano, tinham se envolvido então no recrutamento dos ex-criminosos de guerra nazistas para essa organização. Eles os rearmaram e custearam, enquanto os ajudavam a emigrar, disse o Sr. Loftus.

Os governos centrais destes países aparentemente não conheciam as atividades das suas agências de espionagem. O corpo da contra espionagem do Exército dos Estados Unidos decidiu se envolver e manter toda a operação em segredo (2).

[02. Declarações de John Loftus, UPI – 15.05.86]

A Intermarium era apenas uma das muitas organizações destinadas a ajudar os criminosos de guerra. A Inteligência dos Estados Unidos tinha pelo menos uma dúzia, várias das quais ainda continuam sob nomes equívocos. O Vaticano, contudo, era o parceiro principal, visto como tinha a multiplicidade dessas agências. Isso acontecia porque ele tinha vantagem da Igreja Católica, que permitia ao Vaticano aparelhar suas organizações sob o disfarce da religião. O resultado foi que se tornou praticamente impossível traçar a identidade deles ou a natureza das operações, se tinham sido classificadas ou desclassificadas. Os esforços teriam acionado um ninho de vespas no mundo católico americano, que nem mesmo os Judeus americanos acharam prudente perturbar. Essas organizações religiosas e semi religiosas ainda estão dispensando somas em pensões para os criminosos de guerra idosos ou para suas famílias, sob o disfarce de organizações de caridade. A troca oficial de Embaixadores dos Estados Unidos com o Vaticano, em 1984, tratou do problema para satisfação de ambas as partes. Este é um dos muitos itens secretos do qual o público americano nada sabe.

Capítulo 15

O VATICANO SALVA OS CRIMINOSOS DE GUERRA CATÓLICOS DA CROÁCIA. MOSTEIROS ROMANOS COMO SEUS ASILOS. O HOLOCAUSTO CROATA MINIMIZADO

O Papa Pio XII (1939 a 1958), que durante a II Guerra Mundial havia mudado secretamente de lado e formulara uma política contra o Comunismo mundial, alistando, assim, a ajuda dos Estados Unidos, logo que o edifício nazista começara a desmoronar, tomou providências no sentido de salvar muitos dos que haviam apoiado o Vaticano durante a guerra.

Os nazistas importantes que haviam caído nas mãos dos Aliados, foram levados ao tribunal de Nuremberg. Muitos deles foram enforcados. Vários escaparam. Um destes foi Franz von Papen, um criminoso oficial de guerra. Pio XII rogou por ele por trás das cenas e von Papen, não apenas escapou da morte, como alguns dias depois foi libertado. Von Papen era o líder do partido católico alemão. Em certo tempo ele fora Chanceler. Ele ajudara a subida de Hitler ao poder, a tal ponto que após ter Hitler se tornado o chefe da Alemanha ele tornou von Papen seu vice-Chanceler. Von Papen foi um dos mais importantes criminosos de guerra salvos pelo Vaticano. As hierarquias católicas de muitos países fizeram o mesmo com oficiais menores. Por conseguinte, quando os líderes do Estado Católico da Croácia fugiram do país, procuraram refúgio no Vaticano. Muitos deles foram auxiliados em sua fuga pelo clero local ou por católicos comuns. Como já vimos antes, Pavelic, após muitas dificuldades, conseguiu chegar a Roma onde se escondeu, usando hábito de monge. Quando lhe foi dado um passaporte e identidade falsos, ele zarpar para a América do Sul, onde se tornou ativo com o público apoio da Igreja. Os criminosos de guerra menores da Croácia foram recebidos com especial cordialidade, desde que possuíssem uma clara distinção que a maioria dos demais criminosos de guerra não tinha. Os refugiados croatas haviam apoiado um regime

inspirado e abençoado por Pio XII. Um Estado Católico Croata que no caso de Hitler ter vencido a guerra, iria se tornar o Estado Católico modelar na região dos Balcãs.

Aos refugiados croatas foi dado o privilégio das boas vindas pelas autoridades católicas em toda a Roma. Foram-lhes dadas facilidades que poucos tinham. Quando os mosteiros e seminários já não podiam contê-los eles foram permitidos entrar em vários conventos habitados exclusivamente por freiras. No princípio o rápido aumento do número de internos surpreendeu muita gente. Então, sem dúvida, verificou-se que a verdade não era o que parecia ser. Observadores inocentes tinham notado que “várias freiras” tinham aparência grosseira, gestos masculinizados e pareciam estar barbadas. Depois de um período que variou de semanas a meses a população de “freiras” diminuiu com a mesma rapidez com que havia aumentado. Os falsos documentos possibilitaram-nos a sair da Itália. Tempo em que viajaram para vários países, inclusive a Austrália. O sucesso e rapidez dessa evacuação e a falta de detecção por certas autoridades, que deveriam saber melhor, indicava a eficiência da campanha do Vaticano. Não se deve esquecer que muitos oficiais do governo vitorioso eram católicos devotos. Estes, em cooperação com as várias hierarquias nacionais, trabalharam juntos para dar garantia de fuga aos “refugiados” católicos croatas.

No tempo em que os Aliados começaram a procurá-los, eles já tinham sido dispersos para longe do seu alcance. Se muitos deles ainda continuavam escondidos, em algum lugar na Europa, com certeza estavam escondidos em Instituições católicas, sob vários disfarces e sob o patrocínio de leigos e autoridades católicas. O genocídio na Croácia, embora de imenso horror, não obteve, contudo, a publicidade que deveria ter obtido. Sua realidade, quando amplamente apreciada pelo mundo, foi depressa minimizada. Exceto pelos que foram pessoal ou coletivamente afetados por ela, ficou quase esquecido no mundo após guerra. A causa de tal esquecimento foi devido a vários fatores. O primeiro entre estes foi o pano de fundo geral do mundo após guerra, que desejava esquecer as atrocidades do conflito. Porém, mais que isso, o esquecimento do massacre croata foi causado pelos dois mais poderosos lobbies em existência – o dos Judeus e o do Vaticano – cada um competindo com o outro em minimizar as vítimas da Croácia.

O primeiro, para magnificar o número de judeus vitimados nos campos de concentração nazistas; e o segundo ao dizer que as vítimas da Croácia jamais foram tantas, pelo fato de que nem sequer existiram. Mas, exatamente como as forças anti semitas negaram o número de judeus nos campos de concentração, para desculpar os nazistas, também o Vaticano seguia a mesma tática, para desculpar os croatas católicos e seu sustentáculo, a Igreja Católica.

Muitos Aliados caíram na lábia do Vaticano tentando minimizar as atrocidades da Croácia. Os maiores culpados foram os oficiais e funcionários católicos americanos, para não mencionar o Departamento de Estado, que já trabalhava com Pio XII na preparação da iminente Guerra Fria. O processo de “minimização” das atrocidades na Croácia, muito curiosamente havia começado antes do fim da guerra. De fato, logo depois que as atrocidades foram reportadas aos Aliados. Este autor, é triste relatar, tinha sido um dos primeiros culpados. Enquanto falava pelo rádio para os simpatizantes da Europa ocupada de uma estação secreta na Inglaterra, ele havia cruzado com um homem que tinha escapado da Europa ocupada, especificamente para relatar o que estava acontecendo na Jugoslávia ou talvez, naquela parte da Jugoslávia que não tinha sido ocupada por Hitler, isto é, a Croácia. Seu nome era Dr. M. Sekulich, um sérvio, membro da Igreja Ortodoxa

Sérvia. O Dr. Sekulich havia conseguido entrar na Grécia ocupada graças à ajuda da Igreja Ortodoxa Sérvia que o havia recomendado aos membros da Igreja Ortodoxa Grega. Dali ele foi para a Turquia e da Turquia para o Egito. Os Aliados, conforme informação dele próprio, haviam-no então, ajudado a chegar na Inglaterra. Ele tinha sido um firme auxiliador de Mirkovich que fora acusado de ter colaborado com os nazistas. Os britânicos acreditaram na acusação e então se tornaram parcialmente responsáveis pela execução de Mirkovich por Tito. A acusação, conforme mais tarde registrado, tinha sido feita, entre outros, por Randolph Churchill, filho de Winston Churchill.

Capítulo 16

O HOLOCAUSTO CROATA, INVENÇÃO OU REALIDADE? O EMBAIXADOR E O CARDEAL. A REAÇÃO TEMPERAMENTAL DO ARCEBISPO DE CANTERBURY.

Os antecedentes do Dr. Sekulich tinham no mínimo algo de suspeito. Ele tinha muitas fotos tarde das atrocidades croatas, algumas das quais conforme se provou mais tarde eram autênticas. Isso foi no início da guerra, em 1942. Os horrores dos campos de concentração ainda não tinham sido revelados. De fato, em geral, ninguém acreditava que eles realmente existissem. Ou caso existissem, teriam sido apenas inconveniências de detenção. As fotos croatas portanto, eram uma grosseira propaganda maquinada e como tal aceita pela maioria. Quando, após meses de dúvidas este autor finalmente sugeriu ao Sr. Hulton, da Hulton Press, um magnata da Fleet Street, fazer uma artigo sobre tudo isso em sua revista, o World Review, o Sr. Hulton logo recusou alegando que tudo isso era propaganda do inimigo. É interessante notar que o Sr. Hulton era um católico. Católicos, ele tinha deixado claro, jamais poderiam fazer coisas assim.

Contudo, uma de suas secretárias, que era uma princesa russa insistiu, em que as fotos eram autênticas. Ela era membro da Igreja ortodoxa e se preocupava com a sorte dos crentes ortodoxos. Durante a sua campanha, o Sr. Hulton acabou se apaixonando pela princesa e com ela se casou. Nesse meio tempo, o Dr. Sekulich tinha estado a fazer lobby com muitos governos aliados então residindo em Londres, no que obteve algum sucesso. Quando foi apresentada uma prova adicional através de outro material trazido a Londres por pessoas que escaparam da Iugoslávia, este autor finalmente aceitou a evidência dos fatos, como o fizeram também muitos outros, inclusive o próprio Sr. Hulton. Logo depois da guerra, este autor tinha feito amizade com o representante do papa na Inglaterra, Monsenhor Godfrei, legado papal. Ele o havia encontrado casualmente enquanto andava em Wimbledon Commons, onde ambos iam regularmente passear à tarde. Monsenhor Godfrei havia discutido com este autor a respeito do livro que ele estava escrevendo – The Vatican in World Politics (O Vaticano na Política Mundial). Monsenhor Godfrei ficou muito interessado no livro e tendo uma mente aberta até sugeriu alguns acréscimos.

Entretanto, quando os massacres croatas foram mencionados ele obviamente recusou-se a acreditar que realmente tivessem ocorrido. Monsenhor Godfrei era basicamente um homem muito honesto e devoto. Mas era o representante oficial do Vaticano. Eventualmente, ele foi feito arcebispo e mais tarde se tornou o cardeal primaz de toda a Inglaterra. Se Monsenhor Godfrei colocou a reputação do Vaticano diante de sua consciência ou se ele não pôde aceitar que a sua Igreja fosse conivente com os

massacres croatas, jamais ficou claro. Sua reação provavelmente deve ter sido a mesma que este autor iria encontrar novamente entre católicos e outros.

Com isso em vista, este autor foi a encontros com muitos dos que haviam escapado da morte na Croácia. Alguns estavam horrivelmente mutilados, deformados, horrivelmente queimados por todo o corpo. Um jovem de quase 17 anos havia escapado de ser queimado vivo, simplesmente porque, ao ver um grupo de ustashis entrando sorrateiramente em sua Vila, havia se escondido num canal próximo. Ele testemunhou um feito horrível. Os ustashis cercaram toda a sua família, prenderam todos os membros num celeiro cheio de feno e o incendiaram. Todos foram queimados vivos.

Estas foram algumas das muitas narrativas relatadas de viva voz por muitos dos sobreviventes. Eventualmente um livro referente aos horrores croatas foi compilado por este autor. A imprensa britânica o ignorou. A pressão católica agiu contra qualquer aceitação da obra. Muitas livrarias, incluindo as protestantes recusaram-se a vender o livro, temendo ofender os interesses católicos, que já se haviam tornado enormes.

O Governo Iugoslavo finalmente decidiu quebrar esse boicote generalizado. Comprou duas mil cópias do livro e ofereceu uma cópia grátis a quase cada membro da Casa dos Lordes e Casa dos Comuns, bem como aos membros do governo britânico. O livro se chamava Terror sobre a Iugoslávia. Lord Alexander, de Hillborough, líder da oposição na Câmara dos Lordes ficou horrorizado. Sem levar em conta a sua defesa da causa croata ele foi boicotado pelos colegas, muitos deles temendo os poderosos lobbies católico e judeu.

Sem levar em conta, ou talvez, por causa do boicote britânico, este autor e o líder dos protestantes da Irlanda do Norte, Reverendo Ian Paisley, decidiram, então, espalhar o livro por toda a Irlanda do Norte. Interessante é que os protestantes do norte apoiaram a cruzada croata com entusiasmo. Eles se identificaram com os sérvios ortodoxos que haviam sido exterminados pelos croatas católicos. Por causa da Guerra Civil que iria engolfar a Irlanda do Norte, que já havia começado, o Exército Republicano Irlandês, melhor conhecido como IRA, iniciara um reinado de terror com bombardeios e mortes numa escala sem precedentes durante anos.

O Reverendo Paisley, este autor e o Dr. Sekulich, que também fora convidado, tinham de andar protegidos com guarda de segurança. A reunião aconteceu no Ulster Hall (Salão de Conferência), o maior de Belfast, capital da Irlanda do Norte. Este ficou completamente lotado com mais de 2.600 pessoas. Quase duas mil cópias do livro foram vendidas. Embora o salão estivesse completamente lotado e a reunião tivesse sido unanimemente apoiada com uma moção, nem um só jornal britânico se atreveu a mencionar o propósito da reunião e muito menos o nome do livro. Este foi outro exemplo típico da corrupção da mídia britânica, a qual já estava completamente influenciada pela Igreja Católica, como continua ainda hoje.

Os eventos mais chocantes e sensacionais referentes às vicissitudes do livro aconteceu quando este foi oferecido ao próprio arcebispo de Canterbury. Isso aconteceu na noite de 02.01.1969. A data foi histórica pois era a primeira vez que um cardeal católico Romano fora convidado a entrar e pregar na catedral de S. Paulo desde a Reforma Protestante. Esse era um verdadeiro triunfo para a Igreja Católica e mais um sopro para a ampla desintegração do protestantismo.

Naquela noite o arcebispo de Canterbury estava conduzindo solenemente a procissão a fim de encontrar o Cardeal Heenam, Primaz Católico da Inglaterra (o qual havia sucedido o Cardeal Godfrei antes mencionado), dentro da Catedral de S. Paulo.

Embora sendo a maior Catedral Protestante da Inglaterra, agora estava repleta de padres e freiras católicas para a ocasião, quando a procissão chegava rapidamente a uma pausa na metade do percurso, a partir dos portais principais. Foi aí que uma londrina, Miss Amy Phillips, vindo do seu lugar, entregou cordialmente ao Arcebispo de Canterbury um exemplar do livro. O Arcebispo sorriu, pegou o livro, agradeceu amistosamente àquela senhora e, em seguida, segurando a sua mitra, leu o título do mesmo. Depois disso, “seu maxilar foi pressionado como se ele estivesse mastigando um antigo cristão”. Em seguida, após um momento de estupefação, na mais anti ecumênica demonstração de raiva, ele arremessou o livro através da catedral. O livro atingiu duas freiras que fizeram várias vezes o sinal da cruz. A reação do arcebispo de Canterbury e das duas freiras católicas não eram exceções. Cópias do livro que alguns protestantes conseguiram colocar nas livrarias da Escócia foram devolvidas com a maior parte das páginas e gravuras das atrocidades croatas muito queimadas.

Um estudante católico, depois da reunião do Ulster Hall, ao notar a cópia do livro na mão de um colega seu na Queen’s University, Belfast, tomou o livro, jogou-o na grama, pulou sobre ele e pisoteou-o com fúria incontrolável. Foi uma demonstração adicional do objetivo inteligente do Serviço de Inteligência Católica na Irlanda, Grã-Bretanha e até nos Estados Unidos.

As evidências das atrocidades na Croácia, em resumo, tinham de se tornar inaceitáveis. A Igreja Católica não poderia ter sido conivente com aqueles acontecimentos. Era essa, também, a reação natural de muitos não católicos. Contudo, as atrocidades aconteceram. Os Católicos ficaram chocados mais do que ninguém por causa delas, pois, acostumados a associar a sua Igreja com paz, orações e perdão, jamais poderiam associar a mesma com aquelas horrendas atitudes políticas e raciais e isso acontecia também na Irlanda, onde Católicos e Protestantes estavam se matando uns aos outros durante décadas, antes, durante e após a II Guerra Mundial e onde a guerra entre as duas facções irlandesas – do Norte, a Protestante e do Sul, a Católica – está continuando mais feroz do que nunca.

Capítulo 17

O EMBAIXADOR E NÚNCIO PAPAL NUMA EMBAIXADA VERMELHA, UMA VITÓRIA DO VATICANO

A Embaixada da Iugoslávia havia apoiado a revelação do livro (Terror Over Yugoslavia) e o próprio livro, durante muitos anos, como um veículo de tornar conhecidos os massacres na Croácia. Por causa disso, este autor fora bem vindo à Embaixada durante várias celebrações e durante a recepção de personalidades políticas famosas.

Foi durante uma dessas recepções que este autor deu de cara com uma surpresa inesperada. Após ter sido apresentado ao novo Embaixador da Iugoslávia e ter com ele discutido a necessidade uma nova edição sérvia do livro, o Embaixador replicou num tom glacial que essa edição já não era necessária. Não apenas uma edição sérvia, ele acrescentou, mas ainda menos uma edição inglesa. Indagado sobre a razão de tão repentina mudança de política, o Embaixador explicou que já não era mais necessário expor o problema Croata. De fato, ele repetiu, essa exposição traria um bocado de prejuízo às relações internacionais da Iugoslávia. Quando o autor frisou que, em vez de

cessar de relatar e expor os massacres nazistas nos campos de concentração da Alemanha, os Judeus estavam organizando campanhas cada vez mais vigorosas por todo o mundo, para que os horrores nazistas não fossem esquecidos, o Embaixador repetiu que o “problema” croata, como ele chamava, era algo diferente e já não precisava ser lembrado.

A atitude do Embaixador fora tão repentina e radical que este autor verificou imediatamente aquilo de que suspeitava há meses, isto é, que uma reaproximação entre o Vaticano e o Presidente Tito havia acontecido e Tito fora nascido católico! Os dois, de fato, estiveram conduzindo negociações secretas durante muito tempo, tendo em vista a solução dos dissidentes católicos dentro da Iugoslávia Comunista, isto é, o clero católico que tinha sido aprisionado e os Croatas Católicos que Tito considerava “criminosos de guerra”. Eles haviam concordado com uma anistia geral para uma porção, incluindo anistia para os católicos que haviam colaborado com a ocupação nazista. O mais comentado, contudo, foi uma anistia geral para os padres, monges e outros clérigos que haviam apoiado o Estado Independente da Croácia. Isto significava mudança nas relações com o Vaticano, no país e no estrangeiro. Daí, uma pronta minimização das atrocidades na Croácia em cooperação com o recém “reformado” Catolicismo Croata. Um verdadeiro trunfo diplomático para o Vaticano.

As negociações tinham sido executadas pelo Monsenhor F. Seper, que havia sido nomeado chefe da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, (ex-Santo Ofício da Inquisição). Monsenhor Seper como já mencionamos fora nomeado Arcebispo de Zagreb, como sucessor do Arcebispo Stepinac, que também fora amigo pessoal e sócio de Pavelic e Artukovic, Ministro do Interior do Estado Católico da Croácia. Monsenhor Seper, que pessoalmente era um homem honesto e capaz, provou ser um negociador ainda mais esperto. Ele convenceu o fanático comunista anti Vaticano Tito, que uma reconciliação com o Vaticano proporcionaria à Iugoslávia Comunista o apoio tão necessário dos Estados Unidos. A ajuda financeira dos Estados Unidos, para não dizer, proteção diplomática, se tornara uma obrigação, visto como a Rússia Soviética tinha desígnios sinistros sobre a Iugoslávia, a qual se havia desligado do bloco soviético da Europa Oriental, que tinha sido reduzida à condição de estados satélites russos.

O argumento visto em termos políticos fora válido, portanto aceitável. Tito decidira aceitar a oferta do Vaticano. Daí veio a mudança radical na política referente ao problema da Croácia. A Iugoslávia desejava esquecer o Holocausto e não queria mais se lembrar do mesmo, mas, acima de tudo, ela não queria aborrecer o Vaticano com a memória deste.

A surpresa deste autor no encontro com o novo Embaixador logo foi seguida por outra quando ele veio à frente do mesmo em companhia de um indivíduo usando um colarinho clerical e camisa roxa. Um oficial da Embaixada logo em seguida o apresentou a este autor. Ele era nada menos que o Núncio papal na Grã-Bretanha, isto é, o Embaixador do papa. Seu nome era Monsenhor Cardinale, um sujeito agradável que, enquanto lhe apertava a mão deu-lhe um enigmático sorriso de vitória. O encontro foi o primeiro e também o último, tanto com o Embaixador Iugoslavo como com o Núncio papal na Grã-Bretanha. Foi também o último convite que o autor recebeu para ir àquela Embaixada.

Logo depois o Vaticano fez uma reconciliação oficial com o Marechal Tito. Oficiais católicos e clérigos romanos foram libertados e uma política de reconciliação foi iniciada, a qual, conforme antes imaginada culminou com o Monsenhor Seper sendo

colocado dentro do Vaticano e promovido a cardeal. De fato, como conselheiro do próprio papa. Muitos croatas gostaram da mudança dos acontecimentos, mas centenas de milhares de sérvios, que haviam perdido mais de 675.000 parentes e amigos, não ficaram. Eles continuaram fazer reuniões e lembrar individual e coletivamente o Holocausto Croata, sempre que possível. A constante máquina pressionadora do Vaticano, contudo, continuou a perseguir, até que mesmo essas inocentes reuniões foram dissolvidas pela polícia. O tratamento não foi mais severo porque não estava acontecendo em países católicos, mas em países protestantes, sendo a Inglaterra a principal culpada. O encontro oficial do Arcebispo de Canterbury com o Cardeal Primaz da Inglaterra na Catedral de São Paulo foi o início da silenciosa perseguição contra os que desejavam lembrar o Holocausto da Croácia. Em outros países, contudo, os sérvios podiam lembrar seus mártires sem impedimento algum, embora mesmo aí, apesar da silenciosa mão da Igreja Católica colocar um controle ameaçador sobre suas atividades. Mas conquanto a silenciosa vigilância ameaçadora das hierarquias católicas da Austrália, Canadá e Estados Unidos, sobre o Holocausto da Croácia fosse discreta, a dos ex-católicos ustashis não era. Os Ustashis que haviam escapado daqueles países graças a ajuda da Igreja Católica, agora tinham se organizado em grupos étnicos, os quais se tornaram muito ativos nos assuntos políticos, religiosos e croatas. Eles se organizaram em unidades paramilitares. Estas apoiavam a independência da Croácia com a mesma contundência de sempre, e eram discretamente auxiliadas pelas autoridades e clérigos católicos dos países onde haviam se refugiado. Muito freqüentemente eles não apenas entravam em choque com as atividades sérvias ou iugoslavas locais como com os problemas políticos que em sua opinião fossem contrários aos interesses croatas.

Para esse fim eles organizaram células terroristas por toda a Europa, Austrália, Nova Zelândia, Canadá e Estados Unidos. Na Austrália eles entravam em choque com o povo do lugar e causavam sérios prejuízos aos interesses da Iugoslávia Comunista. Para tornar seus protestos mais efetivos eles explodiam negócios, escritórios comunistas ou liberais. Bombas e explosões tornaram-se cada vez mais uma constante marca registrada de sua presença.

Capítulo 18

O TERRORISMO USTASHI DEPOIS DA II GUERRA MUNDIAL

A Ustashi se especializou no assassinato de pessoas importantes. Diplomatas iugoslavos e adidos militares eram assassinados. O Embaixador da Iugoslávia na Suécia foi assassinado na própria Embaixada em plena luz do dia, um dos muitos atos de terrorismo que, então, havia se tornado a marca registrada das atividades da Ustashi no exterior.

Assassinatos menores, embora comuns, muitas vezes nem sequer eram mencionados pela imprensa mundial. Um deles foi aquele em que o próprio Dr. Sekulich esteve envolvido. Ele havia estado tratando com certos partidos interessados numa formulação preliminar da política de cooperação entre sérvios e croatas, após o falecimento do Marechal Tito. Como as negociações vazaram e desse modo levantaram a suspeita dos ustashis, ele e seus associados decidiram fazer a sua reunião em Israel. Escolheram Israel por ser o país mais bem guardado e seguro, onde os terroristas teriam chance mínima de executar suas atividades. Contudo, ele estava enganado. Tendo ido a

um encontro secreto em Jerusalém, após algumas poucas reuniões, ele encontrou o principal negociador assassinado próximo à sua porta. Isso foi um choque não apenas para o Dr. Sekulich, mas também para as autoridades da segurança.

Este autor, embora jamais tenha experimentado um exemplo tão dramático das atividades da Ustashi, teve, contudo, um gosto disso, mas apropriadamente em Chicago do que em todas as cidades. Em 1978 ele tinha voado de Los Angeles para Chicago, a fim de assistir uma convenção organizada pelos sérvios residentes nos Estados Unidos. Ele fora convidado até lá para fazer um discurso e promover o seu livro que acabara de ser publicado nos Estados Unidos, sob o título de *The Vatican – Moscow, Washington Alliance*. Logo que chegou a Chicago, ele foi conduzido a um salão onde estava acontecendo uma reunião e o orador estava fazendo um discurso. Quando algumas pessoas da multidão reconheceram o autor, pediram-lhe que subisse até o palco e dissesse algumas palavras. Ele atendeu. Contudo, logo em seguida, algumas daquelas pessoas ali presentes, vieram até ele e o avisaram: “por favor, não aceite esses convites, a não ser que sejam planejados de antemão”. A admoestação fora motivada pelo fato de que, alguns meses antes, um escritor que havia feito um discurso naquele mesmo palco fora alvejado e morto, enquanto falava. Sua sobrinha que estava na platéia e que subira para ajudá-lo, também foi alvejada. “Não aceite convites imediatos a não ser que sejam examinados pelo comitê”, ele foi avisado.

Dois dias depois aconteceu uma grande reunião exatamente nos arredores de Chicago. A reunião fora atrasada por quase uma hora devido a ausência do principal organizador da mesma. Finalmente ele chegou de táxi, explicando a causa do atraso: uma bomba havia sido encontrada sob o seu cadillac e teve de ser desarmada pela polícia.

Desde o princípio um indivíduo robusto começou a seguir este autor, andando sempre para qualquer parte onde ele ia, ombro a ombro. O indivíduo se tornou tão irritante, que finalmente o autor lhe pediu que fosse embora. Ele se recusou. Quando indagado se era um câmera man ou técnico de TV, ele se recusou a responder. Finalmente, quando pressionado por um funcionário da convenção, ele abriu uma maleta de couro que estava pendurada em seus ombros e lá apareceu um grande revólver alemão. Ele virou a roleta do revólver para mostrar as balas e então explicou decididamente que havia sido designado como guarda-costas do escritor, até o final da convenção. Havia um intervalo para o lanche, durante o qual indivíduos grosseiros ficavam sobre os convidados como anjos ameaçadores em silenciosa observação quando depois do lanche os discursos começavam. Estes eram pronunciados de um palco vazio sobre o qual havia uma simples plataforma e um microfone. O palco era escurecido e o orador ficava iluminado por um simples foco de luz, dirigindo-se à platéia em semi escuridão.

Vários oradores participavam. Dentre estes, alguns ortodoxos e bispos sérvios. O palestrante que antecedeu este escritor era um tal de Adams, que acabara de escrever um grande livro sobre a vida do herói sérvio General Mirkovic. Sr. Adams era um oficial da Segurança do Senado em Washington. Na opinião deste autor ele falou certas coisas totalmente inexatas; certos eventos por ele mencionados foram distorcidos. O autor fora implicado durante a guerra por ter tratado com os rebeldes da Europa ocupada, dentre estes os partidários da Iugoslávia. Certo clérigo católico havia desempenhado um papel nocivo que resultara na prisão e execução de muitos indivíduos da parte dos Ustashis. Quando este autor finalmente chegou à plataforma, agradeceu ao Sr. Adams a informação, mas disse que ela não era exata, ou, pelo menos, ele tinha minimizado certos fatos, inclusive a cooperação do clero católico com a Ustashi e os eventos conhecidos.

Após ter destacado este e outros eventos, contudo, este autor disse à platéia composta de sérvios, muitos dos quais haviam fugido para os Estados Unidos por terem sido ameaçados pela Ustashi, que mesmo que não devessem esquecer jamais o Holocausto da Croácia, eles deveriam perdoar. E, de fato, deveriam olhar para o futuro como cidadãos dos Estados Unidos, um país que lhes dera as boas vindas oferecendo-lhes segurança e paz. A platéia pôs-se de pé e deu a este autor uma grande ovação. A performance havia sido ainda mais impressionante porque no meio da audiência havia quatro membros da Casa dos Representantes e dois Senadores, que tinham vindo expressamente de Washington para assistir a convenção. Sem dúvida para conseguir votos dos sérvios dos Estados Unidos. Em seguida, enquanto estava rodeado por um grande círculo de pessoas, que lhe expressavam satisfação pelo discurso, muitos destacaram que a apologia ao direito da Croácia Católica existir como identidade étnica, religiosa e cultural, fora uma coisa arriscada de falar para os sérvios. (De fato, o autor repetira isso várias vezes, dizendo que tanto a Sérvia como a Croácia poderiam coexistir, apesar de seus diferentes credos religiosos e poderiam cooperar mutuamente na construção de uma nova Iugoslávia). O indivíduo que estivera de pé sozinho, à distância, abriu passagem entre a multidão, veio diretamente até o autor e apertou-lhe a mão com tal força que quase lhe causou uma contusão. O homem, um sujeito rude parecendo um boxer profissional, foi breve, abrupto e direto: “é de gente como você que se precisa neste país”, ele disse.”É pena” que você seja americano, é pena. Depois disso, o homem foi embora. A multidão pareceu impressionada. Então revelou a identidade dele. Era um dos líderes do Senado. Mas, se os seus comentários tinham sido elogiosos, o próximo encontro, meia hora depois não foi. Depois que a multidão se dispersou e muitos terem comprado um exemplar do livro, autografado pelo autor, ele estava tomando um drinque no bar quando notou um homem usando um chapéu, cuja aba lhe cobria parte dos olhos. Ele tinha estado observando-o, como se estivesse bebendo. Depois de um instante, quando o autor ficou sozinho, ele se aproximou com felina discrição. Depois de alguns segundos, ele cochichou algumas palavras, olhando para o outro lado do bar: “vim a esta convenção para matá-lo. Ainda bem que você falou o que falou”. O indivíduo havia murmurado estas palavras num tom de voz decidido e frio, que parecia irreal. Ele tinha a mão direita sob a jaqueta e olhava significativamente para ela. Então, como as pessoas estavam vindo em nossa direção, ele pediu um exemplar do livro autografado e pagou. Em seguida, após uma saudação cortês, ele se foi...

O guarda costas, que havia se ausentado, ao saber do incidente, ficou gelado: “ele é um dos mais desalmados matadores da Ustashi” ele comentou, eu fiquei de olho nele o tempo inteiro. Este autor regressou a Los Angeles tendo experimentado de fato um encontro com uma realidade pessoal da Ustashi (1).

[1. Ver o arquivo do FBI – Atividades Étnicas Políticas– 1978 – da CIA – Convenção Sérvia em Chicago – 1978; também o arquivo da Polícia de Chicago especializada em Observação de Grupos Étnicos].

Capítulo 19

QUARENTA ANOS DEPOIS – CRIME E CASTIGO

O Vaticano, e também a Igreja Católica, após o desmoronamento do Estado Católico da Croácia, jamais admitiram qualquer responsabilidade, nem mesmo parcial

pelas atrocidades aí cometidas. Em verdade, quando acusados, eles negavam qualquer conexão com todo o “experimento” croata. Quando solicitados a expressar o seu repúdio pelos feitos cometidos pela Ustashi na Croácia Católica, ambos guardavam em silêncio. Silêncio significa aprovação. Daí porque desde o desaparecimento da Croácia Independente, a Igreja Católica tem ajudado constantemente os remanescentes ustashis dispersos no país e no exterior. Não apenas durante o pontificado de Pio XII, mas igualmente durante os anos do “bondoso Papa João XXIII” e do Papa Paulo VI. O laicato católico e padres e monges católicos continuaram dando apoio à Ustashi tão ativamente como sempre. Organizações subterrâneas foram formadas em muitas partes do mundo. Quartéis gerais secretos da Ustashi foram estabelecidos por exemplo, em Madri, Espanha, onde incidentalmente Ante Pavelic se instalou após a tentativa de assassinato feita contra ele na Argentina. De fato, enquanto Pio XII estava vivo, outro grupo não menos ativo surgiu na própria Roma. Ao mesmo tempo o clero católico na Croácia se exercitava incansavelmente como os seus companheiros no exterior. Isso foi tipificado por um grupo de nove deles, presos em Osjek, norte da Croácia, e julgados em março de 1960. Enquanto dois deles eram estudantes de teologia, os outros sete eram padres dirigidos pelo Padre Cirilkoss e o Padre Ivan Kopic. Em 1964, a Irmandade da Cruz organização croata católica na Alemanha Ocidental, foi dissolvida por ordem do governo alemão após um ataque à bomba naquele país. Quem era o seu líder? O Padre católico romano Madric Skoko. Depois de três meses de longo julgamento, os alemães o condenaram a quatro anos de trabalhos forçados.

Em 1965, a Ustashi tornou-se tão agressivamente ativa na Austrália onde aterrorizava companheiros católicos no sentido de apoiar suas atividades, que o governo australiano foi obrigado a tomar medidas drásticas contra ela. Casos semelhantes aconteceram em outros países até mesmo nos Estados Unidos, onde bombas eram fabricadas para explodir simultaneamente em várias localidades em 1967. Estas não eram ações esporádicas de desesperados, mas atividades coordenadas da Ustashi esperando por “o dia”. Um dos seus quartéis gerais estabelecido em Roma depois da II Guerra Mundial, em 1960, foi transferido para a própria capital da Croácia, Zagreb. Deve-se lembrar que isto aconteceu durante o pontificado de João XXIII (1958 a 1963), o pai do Ecumenismo.

Correspondência da Ustashi, documentos e instruções em grandes quantidades haviam sido escondidos dentro do mosteiro franciscano daquela cidade. Quem era o líder da Ustashi? O frade franciscano Rudi Jerak, que estivera recrutando membros enquanto lhes dava instrução religiosa. O Padre Jerak foi preso junto com outros catorze católicos que estavam desenvolvendo organizações terroristas “com o objetivo de criar um Estado Croata separado” (1).

[1. “The Times”, Londres, 30/05/60].

Em 1966, o novo papa socialista Paulo VI (1963-1978), como já vimos, promoveu o Monsenhor Seper a Cardeal. Seper tornou-se o chefe da Congregação para a Doutrina da Fé. Seu departamento ficou responsável pela guarda contra os “erros teológicos”. Deve-se lembrar que o Cardeal Seper foi o sucessor do Arcebispo Stepinac.

A silenciosa, mas efetiva proteção do Vaticano aos ustashis dispersos continuou ininterrupta, desde a queda da Croácia Ustashi. O papa polonês João Paulo II, correndo o mundo inteiro com clamorosas exigências de “respeito e observância aos direitos humanos”, do mesmo modo como seus antecessores, jamais mencionou ou condenou as atrocidades croatas. Os milhares de ustashis que fugiram para vários países auxiliados

pelo próprio Vaticano, uma vez estabelecidos em suas terras hospedeiras, foram protegidos, ipso facto, pelo clero católico. O clero local e o laicato católico providenciaram em seguida para que os ustashis fossem protegidos, não apenas escondendo-se em meio à população local, mas acima de tudo, sob um manto de proteção legalizada.

Isso tornou-se possível através do cancelamento da legislação que poderia impedir a prisão ou extradição dos que fossem chamados “criminosos de guerra” procurados pela Iugoslávia ou pelos tribunais de guerra dos Aliados. A legislação foi inspirada e freqüentemente levada a efeito com sucesso pelas corporações católica e políticos católicos associados, a nível regional e até mesmo nacional. A campanha tornou-se particularmente efetiva na Austrália, Canadá e Estados Unidos. A Igreja Católica, tendo providenciado uma cobertura legislativa, em seguida ajudou os “refugiados ustashis” financeiramente com empregos e prudente integração em suas novas comunidades.

Muitos conseguiram se integrar e desapareceram. Novas identidades ou camuflagens legalizadas contribuíram para a sua absorção pelas comunidades. Durante os poucos primeiros anos sua integração foi suave, contudo, à medida em que suas identidades iam se tornando conhecidas, passos foram dados, quer pelas autoridades na Europa ou por aquela nos países que os adotaram, no sentido de levá-los à justiça, e até mesmo de extraditá-los para os locais dos seus crimes. Vários foram presos e sofreram expulsão e alguns compareceram perante os tribunais. Contudo, muitos deles, protegidos como eram pela Igreja Católica, conseguiram escapar da rede legal. Isso foi feito não apenas pelos Ustashis, como também pelos criminosos maiores.

O caso mais notório foi o de Andrija Artukovic, Ministro do Interior na Croácia e mais tarde Ministro da Justiça. No Gabinete Croata ele era o porta-voz do Arcebispo Stepinac. Artukovic havia nascido na Croácia e fora educado em colégios franciscanos. Estudou Advocacia na Universidade de Zagreb, onde se tornou um fanático advogado da “cristianização católica” e da independência da Croácia Católica. Depois que o governo croata caiu, quando os partidários de Tito se juntaram aos exércitos soviéticos, Artukovic, com milhares de outros Ustashis, conseguiram fugir do país, auxiliado pelo clero católico. Passaram a viver em países adjacentes, maior parte deles na Suíça, Áustria, e também na Irlanda Católica. Muitos conseguiram chegar à costa dos Estados Unidos. Artukovic foi para os Estados Unidos, em julho de 1948, com um visto de visitante emitido em nome de Aloys Anicich. O visto e outros documentos foram obtidos através de organizações católicas, no Vaticano e nos Estados Unidos. Os “Cavaleiros de Colombo” ajudaram, visto como Artukovic se tornara um deles. Em 1949, Artukovic requereu o visto de residente através do Displaced Person Act (Ato de Pessoas Deslocadas). Contudo, em 1951, o governo iugoslavo fez uma exigência formal para que Artokovic fosse extraditado, acusado como era de perseguição e crimes de guerra. Imediatamente toda a máquina católica nos Estados Unidos foi posta em ação, a fim de proteger esse criminoso de guerra. Como conseguira ele fugir da Croácia Católica, após o colapso desta?

Artukovic, como Pavelic, recebera refúgio na Itália, escondendo-se em vários mosteiros e até mesmo residindo em Roma. Sob a direta proteção do Vaticano, ele foi suprido de falsos documentos e seguiu para a Irlanda Católica, onde os vigilantes hierarcas católicos tomaram conta dele. Estes lhe deram outros documentos falsos, os

quais lhe permitiram entrar nos Estados Unidos, onde os oficiais irlandeses católicos providenciaram para que ele fosse bem recebido, estabelecido e protegido.

Todavia, a sombra protetora do Catolicismo não pôde evitar que sua identidade fosse reconhecida. Daí terem sido tomados procedimentos no sentido de que ele fosse preso nos Estados Unidos como um criminoso de guerra. As autoridades católicas, porém, auxiliadas pelas organizações católicas legais, conseguiram tomar certas medidas legislativas, a nível local e nacional, como já vimos, as quais o protegeram contra a detenção. Quando foram tomados os passos para a sua extradição, estes foram anulados por sofismas legais, semi-legais, equívocos e conflitantes, que deixaram Artukovic praticamente imune.

A proteção da Igreja Católica da América parecia invencível. Isso foi demonstrado pelo fato de que várias décadas se passaram, para que os Estados Unidos e a Iugoslávia conseguissem a extradição de Artukovic. Ele vivera tranqüilamente durante mais de 40 anos nos Estados Unidos, até que finalmente foi extraditado, em fevereiro de 1986, depois de uma batalha legal de quase 30 anos. Este é um sombrio exemplo do tremendo poder da Igreja Católica na América. Levado a uma corte em Zagreb, frágil e cansado, o ex-Ministro do Interior da Croácia, também alcunhado “O Açougueiro dos Balcãs”, foi considerado culpado dos crimes de guerra e condenado à morte. Durante o julgamento de 4 semanas ele protestou inocência o tempo inteiro. Ele foi acusado de quatro crimes específicos, inclusive o de assassinato de civis e prisioneiros de guerra. As autoridades e, principalmente, a imprensa católica através do mundo inteiro, a começar da mídia americana, enfatizava que ele havia sido condenado pelo assassinato de Judeus, ciganos e outros. Alguns jornais ainda especificaram “e também Sérvios”.

A distorção do motivo específico racial e sectário, que havia motivado as autoridades católicas leigas e clericais à conivência com o massacre de quase 700.000 Sérvios ortodoxos pelos Ustashis, seria inacreditável se, de fato, não tivesse acontecido.

A mídia de massa americana jamais mencionou a motivação religiosa, e também a racial, que havia inspirado o massacre croata. A Igreja Católica jamais foi censurada ou sequer mencionada como tendo tomado parte nos assuntos da Croácia. Nem uma palavra de condenação, crítica e nem mesmo uma imparcial lembrança de sua responsabilidade.

O Departamento de Estado providenciou para que assim fosse. Desde então, os Estados Unidos e o Vaticano têm trocado de Embaixadores e o Embaixador do papa em Washington providenciou para que a mídia católica de massa nos Estados Unidos fosse controlada no que diz. A ênfase da mídia foi que Artukovic fora sentenciado à morte por causa dos assassinatos coletivos de Judeus e ciganos e, ocasionalmente de “alguns” Sérvios. O fato de que os assassinatos coletivos tivessem sido de Sérvios, ortodoxos ou não, jamais foi sequer mencionado. Isso desculpava a Igreja Católica. De fato, para milhões de pessoas, o Vaticano e a Igreja nada tiveram a ver com os massacres, de maneira alguma!

Para tornar a sentença mais convincente, e para fazer parecer que ela nada tinha a ver com a perseguição religiosa católica, a corte de Zagreb, que antes havia discutido todo o julgamento com as autoridades dos Estados Unidos e do Vaticano, acusou Artukovic de ordenar “um massacre de civis, em 1942, do assassinato de 450 civis deportados, que se dirigiam para um campo de concentração, do assassinato de um Advogado importante, em 1941, e da matança de partidários iugoslavos capturados, em 1943” (Registro da Reuter) (2) [2.”The Times”, Londres, 16/05/86]. Nem sequer uma palavra sobre a natureza religiosa do massacre, nem de que padres e frades católicos

havia sido encarregados de campos de concentração, nos quais centenas de milhares foram torturados e assassinados, ou forçados a aceitarem o batismo católico, a fim de poderem se livrar das torturas e execuções.

Em resumo, Artukovic tinha sido um criminoso de guerra menor, que havia executado algumas centenas de civis por motivos militares e políticos. O motivo religioso fora totalmente omitido, em verdade nem sequer fora mencionado. Isso prova ter havido um tácito acordo entre o Vaticano, os Estados Unidos e as autoridades comunistas da Iugoslávia, muito antes do julgamento. Contudo, a falsidade desse julgamento se tornou cada vez mais patente, por causa da omissão do massacre proporcionalmente imenso dos Sérvios Ortodoxos, durante o regime croata. Pois durante o julgamento, não apenas a Igreja Católica jamais foi mencionada e nem sequer houve menção da tremenda realidade dos massacres, a qual foi camuflada por trás de uma simplificação geral – isto é, por trás das pessoas que haviam sido assassinadas, principalmente Judeus e ciganos, com um item adicional – “e sérvios” e outra não menos tenebrosa realidade de que os Sérvios representavam 99 por cento das vítimas totais, sendo a maior parte destes pertencentes à Igreja Ortodoxa Sérvia. Também o fato de que os Sérvios tinham sido levados a perecer porque pertenciam a uma igreja considerada como inimiga pelo Estado Católico da Croácia. E de que o Vaticano fora conivente com o nascimento desse Estado Independente.

Durante o julgamento de Artukovic, a imprensa mundial jamais se atreveu a mencionar esses fatos. O silêncio coletivo da mídia européia e americana teria sido inacreditável, se não pela triste realidade de que a maior parte da mesma fora silenciada com medo da reação da Igreja Católica e dos Estados Unidos, cuja pressão silenciosa fora sentida nos escritórios editoriais dos jornais e estações de TV.

O julgamento concluído em maio de 1986, parecia ter encerrado um capítulo da história do plano genocídio planejado e, talvez pior ainda, da perseguição religiosa executada com a conivência do Vaticano, que havia protegido os que tinham agido como seus instrumentos na tenebrosa experiência croata (3) [3. Registros de Belgrado, 14,15/05/86]. O Vaticano não só fora desculpado pela sua participação em todo o assunto, como nem sequer fora mencionado. De fato, a Igreja Católica, cujos procedimentos haviam operado tão grotescamente nos campos de concentração, foi levada a parecer como mera espectadora, lamentavelmente impotente. Indiretamente alguns órgãos da mídia americana foram tão longe ao ponto de sugerir que ela havia socorrido as vítimas da Croácia Nazista.

Os Protestantes americanos, com raras exceções, agiram de igual modo. Sua covardia, aliada à energia operacional da Igreja Católica, e à colaboração da mídia americana contribuíram conjuntamente para a distorção dos fatos históricos. E quando uma nação é deixada deliberadamente na ignorância de certos fatos históricos horríveis, ela corre perigo. Neste caso, foi a anulação do fato de que o Vaticano participou eminentemente na criação do Estado da Croácia. É um crime contra o direito do povo americano de ficar bem informado.

O nacionalismo fanático e o dogmatismo religioso feroz que criaram o Estado Católico da Croácia, um dia poderão ressurgir novamente. Não apenas na Europa, mas também em outras partes do mundo, inclusive no Hemisfério Ocidental e, quem sabe, até mesmo nos Estados Unidos. Isto é um presságio e também uma admoestação!

A VIRGEM MARIA E O SECRETÁRIO DA MARINHA DOS ESTADOS UNIDOS CONVOCAM A III GUERRA MUNDIAL

Quarenta anos antes do julgamento do idoso Ministro do Interior da Croácia, de 86 anos, na Corte de Zagreb, onde ele foi considerado culpado de crimes de guerra e condenado à morte, a provável eclosão da III Guerra Mundial fora visualizada e quase se tornava em certeza. De fato ela fora considerada uma bênção por Artukovic, Ante Pavelic e seus batalhões da Ustashi, pelo Arcebispo Stepinac, pelo Cardeal Mindszenty e por outros experts. Ela fora esperada com não menos ansiedade em certos quadrantes dos Estados Unidos, pelas mais altas autoridades do Vaticano e pelo próprio papa.

O Papa Pio XII arqui intrigante diplomático e político, era um firme crente na inevitabilidade dessa guerra. Mais que isso, ele condicionou milhões de católicos a aceitá-la sem problema. Em verdade, até a dar-lhe boas vindas, como um instrumento de propagação do poder da Igreja Católica. Ele justificava isso na suposição de que a Virgem Maria era sua aliada. Desde 1917, ano da Revolução Russa, ela havia aparecido a três crianças analfabetas em Fátima, uma desolada localidade em Portugal.

Sua aparição fora acompanhada por um milagre um tanto estranho:

O sol empalideceu, girou três vezes ao redor de si mesmo, como se tivesse rodas... E no final dessas convulsivas evoluções, ele pareceu saltar fora de sua órbita e se adiantou na direção das pessoas num curso em zig-zag, parou e regressou à sua posição normal.

Isso foi visto por uma grande multidão junto às crianças e “durou doze minutos” (1).

[1. Descrição feita pelo padre jesuíta, H. S. de Caires, autorizado pelo arcebispo de Dublin, 1946].

O fato de dois milhões de pessoas no mundo inteiro jamais terem notado esse sol se agitando, rodando e pulando fora de sua órbita não preocupava a Igreja Católica de modo algum. Pelo contrário, às massas católicas foi dito que acreditassem que o sol, na aparição da Virgem Maria, realmente tinha se movido em zig-zag, como prova de autenticidade de sua presença. E, é claro de suas mensagens.

As mensagens da Virgem foram para induzir o papa a fazer “a consagração do seu Imaculado Coração” e a seguir, “a consagração da Rússia”. Ela predisse: “A Rússia se converterá”; “O Santo Padre me consagrará a Rússia”. Mas ela também advertiu que, se isso não fosse atingido, “os erros dela (Rússia) se espalhariam pelo mundo inteiro, causando guerras e perseguições... e várias nações seriam destruídas”... No final, contudo, a Virgem Maria prometeu, como meio de consolação, que a Igreja Católica triunfaria, após o que “o Santo padre me consagrará a Rússia”. “A partir daí ela (Rússia) se converterá e um período de paz será concedido ao mundo”.

Essas citações são das mensagens autenticadas da própria Virgem Maria, conforme relatado a uma das crianças e completamente aceitas pela Igreja Católica como uma genuína revelação da Mãe de Deus (2).

[2. Descrição feita pelo padre acima referido, autorizado pelo mesmo arcebispo, 1946. Fátima, Sociedade da Verdade Católica da Irlanda, 1950].

Dentro de poucos anos o Culto de Fátima havia crescido a grandes proporções. O número de peregrinos multiplicou-se de 60 em 13.06.1917, para 60.000 em outubro do mesmo ano. De 144.000, em 1923, foi para 588.000, em 1928. O total de seis anos foi de

2 milhões de pessoas (3) [3. Idem]. O Vaticano levou a sério as promessas. O Monsenhor Pacelli, o futuro Pio XII, que era a eminência parda por trás de Pio XI, patrocinou uma política de apoio ao Fascismo na Itália e ao Nazismo, na Alemanha, no sentido de ajudar a cumprir a profecia da Virgem. Isso foi a tal ponto, que ele se tornou o instrumento principal de auxílio para levar Hitler ao poder. Ele o fez, forçando o Partido Católico Alemão a votar em Hitler nas últimas eleições gerais da Alemanha em 1933 (4). A idéia básica era muito simples. O Fascismo e o Nazismo, além de esmagar os Comunistas na Europa, por último esmagaria a Rússia Comunista. Em 1929 Pio XI assinou uma Concordata e o Tratado Laterano com Mussolini, chamado por ele de “o homem enviado pela Providência”. Em 1933 Hitler se tornou o Chanceler da Alemanha. Em 1936 Franco começou a Guerra Civil. Em 1938 dois terços da Europa já eram fascistas e rumores da II Guerra Mundial eram ouvidos mais e mais ameaçadoramente em toda parte.

[4. Para mais detalhes sobre o papel do Núncio Papal Pacelli de ajuda para Hitler subir ao poder, ver do autor “The Vatican’s in World Politics” 444 p. Horizont Press, Nova Iorque].

Ao mesmo tempo, contudo, a Europa também se tornara fatimizada. O Culto de Fátima, com ênfase sobre a promessa de conversão da Rússia feita pela Virgem, foi dada a maior promoção pelo Vaticano. Em 1938 o Núncio papal foi enviado a Fátima e a quase um milhão de peregrinos foi dito que a Virgem havia confiado três grandes segredos às crianças. Depois disso, em junho daquele mesmo ano, a única sobrevivente das três crianças, aconselhada pelo seu confessor, sempre em contato com a hierarquia católica, e daí com o Vaticano, revelou o conteúdo de dois dos três grandes segredos.

O primeiro segredo foi uma visão do inferno (algo bem conhecido no mundo moderno). O segundo ia mais direto ao ponto; era uma reiteração de que a Rússia Soviética iria se converter à Igreja Católica. O terceiro foi entregue num envelope selado e posto sob a custódia das autoridades eclesiásticas, não podendo ser revelado antes de 1960.

A dramática reiteração da revelação do segundo segredo sobre a Rússia Soviética assumiu imediatamente uma tremenda significação religiosa e política. O tempo da “revelação” não poderia ter sido melhor escolhido. As ditaduras fascistas estavam falando a mesma língua: a aniquilação da Rússia Soviética. No ano seguinte estourou a II Guerra Mundial. Em 1940 a França foi derrotada. Toda a Europa havia se tornado fascista. Em 1941 Hitler invadiu a Rússia. A profecia da Virgem finalmente estava para se cumprir. No Vaticano havia regozijo. Já por esse tempo Pacelli se tornara papa com o nome de Pio XII (1939).

Pio XII encorajava os católicos a se apresentarem como voluntários no front russo. Os católicos – a maioria deles sendo devotos da Virgem de Fátima – logo se juntaram aos exércitos nazistas da Itália, França, Irlanda, Bélgica, Holanda, América Latina, Estados Unidos e Portugal. A Espanha enviou sua Divisão Azul Católica. Em outubro de 1941, enquanto os exércitos nazistas se colocavam ao redor de Moscou, Pio XII, dirigindo-se a Portugal, apressou os católicos a orar pela rápida realização da promessa da Senhora de Fátima. No ano seguinte, 1942, após Hitler ter declarado que a Rússia Comunista tinha sido “definitivamente” derrotada, Pio XII numa mensagem de Jubileu, cumpriu a primeira das exigências da Virgem, “consagrando o mundo inteiro ao seu Imaculado Coração”. O Cardeal Cerejeira (Portugal) escreveu no mesmo ano: “as aparições de Fátima abrem uma nova era... é o delinear do que o Imaculado Coração de Maria está preparando para o mundo inteiro”. A nova era, em 1942, era um continente

européu completamente nazificado, com a Rússia sendo aparentemente varrida do mapa mundial, o Japão conquistando metade da Ásia, e o Fascismo Mundial atingindo o seu ápice. O Império Fascista se evaporou após o colapso de Hitler. Em 1945, a II Guerra Mundial terminou. E a Rússia Soviética para vexatória surpresa de Pio XII emergiu como segundo maior poder mundial.

O Culto de Fátima que havia sofrido um recesso devocional com a derrota dos exércitos nazistas, agora com o suicídio de Hitler foi repentinamente reavivado. Em outubro de 1945 o Vaticano ordenou que fossem organizadas grandiosas peregrinações até o Santuário de Fátima. Em 1946 a Senhora de Fátima foi solenemente coroada diante de meio milhão de peregrinos. A coroa, pesando 1.200 gramas é de ouro maciço. Ela tinha 313 pérolas, 1250 pedras preciosas e 1400 diamantes. Pio XII se dirigiu do Vaticano aos peregrinos, afirmando que as promessas da Senhora de Fátima seriam cumpridas. “Estai prontos”, ele admoestou. “Não pode haver neutros, nem um passo atrás. Organizai-vos como cruzados”(5).

[5. Pio XII, em um programa radiofônico aos peregrinos de Fátima, em 13.05.46].

Em 1947 começou a Guerra Fria. O ódio contra a Rússia Soviética foi promovido sob os auspícios do Vaticano o qual enviou uma estátua da Senhora de Fátima com a “mensagem” dela, em peregrinação ao redor do mundo. A estátua foi enviada de país em país, a fim de desencadear o ódio contra a Rússia. Todos os governos a saudavam. Dentro de poucos anos, à medida em que crescia a Guerra Fria, a estátua já tinha ido à Europa, Ásia, África, Américas e Austrália, tendo visitado 53 nações. A ruptura entre o leste e o oeste continuou a aumentar.

Em 1948 começou a ameaçadora corrida atômica americana-russa. Em 1949, Pio XII, no intuito de fortalecer o front anti russo, excomungou qualquer pessoa que votasse ou apoiasse os Comunistas. E logo em seguida, os teólogos católicos americanos disseram aos Estados Unidos que era o seu dever usar a bomba atômica (6). [6. Padre Edmund Walsh, jesuíta, Vice-Presidente da Universidade de Georgetown]. No ano seguinte 1950 a “estátua peregrina” que havia começado a viajar em 1947, no ano exato do início da Guerra Fria, foi enviada por avião, acompanhada pelo Padre Arthur Brassardi, sob as ordens expressas de Pio XII... para Moscou. Ali, com a calorosa aprovação do Almirante Kirk, Embaixador Americano, ela foi solenemente entronizada na igreja dos diplomatas estrangeiros. Para qual razão específica? “Aguardar a iminente liberação da Rússia soviética” (Nota da Tradutora: essa “iminente liberação” esperou por quarenta longos anos! Contudo se mil anos para Deus são como um dia, quem sabe para a Virgem esses 14.600 dias não corresponderiam a apenas algumas horas? Afinal, ela é ou não é uma deusa?)

Não contente com isso a Senhora de Fátima apareceu quinze vezes em pessoa a uma freira nas Filipinas. Ela repetiu sua admoestação contra o Comunismo. Depois disso, uma chuva de rosas caiu aos pés da freirinha. Um jesuíta americano levou as miraculosas pétalas para os Estados Unidos, a fim de reativar a energia dos católicos fanáticos, liderados pelo criminoso americano Senador McCarty e muito dos seus apoiadores (7). [7. Padre Ray Goggin, jesuíta. Ver Filipin Press do período. Também incluído no The Universe, 21.04.1950]. Entrementes os promotores americanos da guerra, liderados por proeminentes católicos estavam se preparando fervorosamente para uma guerra atômica contra a Rússia. Católicos influentes, nas posições mais responsáveis não falavam de outra coisa. No dia 06.08.49, o advogado católico, General Mac Grath, dirigindo-se às “tropas de choque” católicas dos Estados Unidos – Os Cavaleiros de Colombo – em sua

convenção em Portland Oregon apressou os católicos a “levantarem-se e colocarem-se como armadura da Igreja Católica militante em batalha para salvar o Cristianismo” (Cristianismo significando, é claro, a Igreja Católica). Ele ainda apressava o país a uma “audaciosa ofensiva”.

Naquele mesmo ano, outro católico, uma das personalidades mais altas do governo americano, James Forestal, o principal cruzado contra o Comunismo nacional e estrangeiro, ajudou o Papa Pio XII a vencer as eleições na Itália enviando dinheiro americano além de dinheiro de seu próprio bolso. James Forestal, que estava em constante contato com o Vaticano e com o Cardeal Spellman, sabia melhor do que ninguém o que estava acontecendo em certos quadrantes americanos católicos. Por uma simples razão: ele era o Secretário Americano da Defesa. Um dia, quando escutou o barulho de uma aeronave de guerra, ele saiu correndo por uma rua de Washington, com a mais fatídica das mensagens: “os russos nos invadiram” gritava ele. Mais tarde sem levar em conta a garantia de Pio XII de que os russos seriam derrotados com o auxílio da Senhora de Fátima, o católico James Forestal, Secretário Americano da Defesa, pulou de uma janela do 16º andar de um prédio, no Capitólio Americano, temendo que fosse tarde demais para os russos serem derrotados (8). [8. Hospital Naval Betesda, maio de 1949].

No ano seguinte outro católico fanático foi nomeado para outro posto importante. Francis Mathews foi nomeado Secretário da Marinha Americana. Na manhã em que fez o pacto de compromisso (junho de 1949), Mathews, sua esposa e seis filhos assistiram contritamente a missa e receberam a Santa Comunhão na capela naval em Washington.

Alguns meses depois (outubro de 1949) o Cardeal Spellman foi convocado a Roma por Pio XII, com quem manteve repetidas e prolongadas reuniões particulares. Embora dando margem a agudas especulações essas reuniões ficaram no mais absoluto segredo. O novo Secretário da Marinha dos Estados Unidos, de modo muito estranho, logo em seguida, começou a ter contatos ativos não usuais com católicos proeminentes. Dentre estes, o Jesuíta Padre Walsh, Vice Presidente da Universidade de Georgetown; o Cardeal Spellman; o Chefe da Legião Americana; e os líderes dos Veteranos Católicos de Guerra. E com o Senador McCarty, o arqui criminoso Senador que sob conselho de um padre católico estava exatamente iniciando uma campanha difamatória que quase iria paralisar os Estados Unidos por alguns anos. A imprensa católica começou uma campanha de guerra psicológica, através de toda a nação. Menções abertas de uma rápida guerra atômica, mais uma vez, eram feitas. A culminância dessas atividades veio num discurso entregue em Boston, em 25.08.50, por Mr. F. Mathews. O arqui católico Secretário da Marinha Americana, porta voz de certas forças do Senador do Vaticano, convocou os Estados Unidos a desencadear um ataque contra a Rússia soviética a fim de tornar o povo americano “os primeiros agressores pela paz, como iniciadores de uma guerra de agressão”, acrescentou ele, “e isso nos daria um título orgulhoso e popular: seríamos os primeiros agressores pela paz”.

O discurso causou sensação, tanto nos Estados Unidos como na Europa. A França declarou que “não tomaria parte em qualquer guerra de agressão... visto como uma guerra preventiva... liberaria nada menos que ruínas e túmulos de nossa civilização” (9). A Grã-Bretanha enviou uma resposta de protesto ainda mais ferina.

[9. The Times, Londres, 28.08.51].

Enquanto o povo do mundo inteiro repelia a monstruosa proposta, George Craig, da Legião Americana, declarava (agosto de 1950): “sim, os Estados Unidos

iniciariam a III Guerra Mundial sobre nossos termos e ficariam prontos, quando o sinal pudesse ser dado, para os nossos bombardeiros voarem sobre Moscou”.

O fato de advogar uma “guerra atômica preventiva” ter sido feito primeiro por um católico não foi mera coincidência. Mr. Mathews, o chefe do segmento mais importante das Forças Armadas Americanas – a Marinha, o maior instrumento de guerra do mundo, havia se tornado a obra verbal do seu mestre espiritual – Pio XII. Pois o arqui católico Mathews não era apenas um constante beijoqueiro do anel dos membros da hierarquia católica americana, ele era um dos mais ativos promotores do Catolicismo em ação nos Estados Unidos. Além disso, este super católico Secretário da Marinha Americana era o Gerente do Serviço Nacional Católico da Comunidade e ainda mais sinistro, o supremo cavaleiro dos Cavaleiros de Colombo (10), a tropa de choque do poder católico nos Estados Unidos, e, o que é melhor, o camareiro secreto particular do Papa Pio XII.

[10. Os cálculos nos Estados Unidos, só nos anos 60 foram estimados em mais de 200 milhões de dólares. Ver o livro *The Vatican Billions* do Autor].

A hierarquia católica, a imprensa católica e os Cavaleiros de Colombo, todos apoiavam a advocacia de Mr. Mathews de uma guerra atômica preventiva. O padre jesuíta Walsh a mais destacada autoridade católica nos Estados Unidos, ex-agente secreto do Vaticano na Rússia (1925) disse ao povo americano que “o Presidente Truman seria moralmente justificado ao tomar medidas defensivas proporcionais ao perigo”. Isto significava sem dúvida o uso da bomba atômica (11).

[11. *Washington Star*, reimpresso em forma de livro pelo Padre Walsh, em *Total Empire*, Bruce, 1951. O capítulo sobre Bombas Atômicas e Consciência Cristã].

Quando os Estados Unidos prosseguiram com a fabricação da bomba de hidrogênio até mesmo o gerente da Comissão de energia Atômica, Senador Brian MacMahon, estremeceu de horror ante a perspectiva do massacre certo de 50 milhões de pessoas com uma arma tão letal (12). [12. *The Times*, Londres, 02.02.51]. Contudo os católicos aprovaram o uso da mesma. O Padre Connell declarou que o uso da Bomba de Hidrogênio pelos Estados Unidos era justificado, porque “os Comunistas poderiam utilizar sua grande força armada... para enfraquecer os defensores dos direitos humanos”.

A advocacia de uma guerra atômica preventiva pelo supremo cavaleiro dos Cavaleiros de Colombo – Mr. Mathews – assumia tremenda significação quando se recorda que o discurso do Secretário da Marinha dos Estados Unidos não causou surpresa a certos líderes seletos do catolicismo, muito menos ao Vaticano. Como assim? Simplesmente porque Mr. Mathews havia revelado o conteúdo do seu discurso em Boston aos católicos de elite, antes de entregá-lo. De fato, dias antes de ser pronunciado. O principal em tudo isso é que entre esses católicos havia pessoas influentes e entre elas, o líder da hierarquia católica dos Estados Unidos, o Cardeal Spellman.

Agora, deve se lembrar que o Cardeal Spellman estava em permanente contato pessoal com o Papa Pio XII de quem ele fora amigo íntimo e conselheiro particular para assuntos políticos desde a II Guerra Mundial. O Cardeal Spellman, além de tudo, era o conselheiro e amigo pessoal do mais influente líder militar da América. Desse modo, qualquer coisa importante que fosse conhecida no “pequeno Vaticano” em Nova Iorque como era chamada a residência do Cardeal Spellman, era imediatamente conhecida no Vaticano em Roma e vice-versa. O Papa Pio XII fora bem informado sobre todo o processo, muito antes do discurso de Mathews em Boston. De fato, a evidência é de que ele tenha sido um dos seus mais tácitos instigadores. As visitas contínuas nesse tempo de

líderes militares influentes do Estados Unidos ao papa, (cinco num só dia), as freqüentes audiências secretas com o Cardeal Spellman, os contatos extra oficiais com os Cavaleiros de Colombo, tudo isso indicava que Pio XII sabia muito bem o que de fato estava para acontecer (13).

[13. Ver do autor Vatican Imperialism in the Th. Century, Lyle Stuart, Nova Iorque, 1966. Capítulo: A Promoção Papal da Superstição Contemporânea para Propósitos Políticos].

Alguns anos mais tarde, numa cruzada de ódio, num discurso falado simultaneamente nas 27 línguas principais, nas principais estações de rádio do mundo, Pio XII reiterou “a moralidade... de uma guerra defensiva” (isto é, uma guerra atômica e de hidrogênio), exigindo, conforme descrito sombriamente no London Times: “o que quase se iguala a uma cruzada da Cristandade” e que o Manchester Guardian ostensivamente denominou “a bênção do papa para uma guerra preventiva” (14).

[14. The Times, Londres, 24.12.56. Também New York Times; Manchester Guardian, 27.12.56. Times, 07.01.57].

Ante Pavelic, o Arcebispo Stepinac (que o papa havia promovido a cardeal) e todos os batalhões da Ustashi, diante de tal grito de guerra papal, ficaram em alerta. Dessa vez não iriam perder, visto como seu protetor, o próprio Pio XII, agora se aliara, em vez de a Hitler, a um novo apoiador e parceiro – a mais poderosa nação da terra, os vitoriosos Estados Unidos da América.

Nota do Editor:

No ano 1917 seria comemorado o 400º aniversário da bendita Reforma e deveria haver uma grande celebração através de todo o mundo. A Igreja Católica torpedeou essas celebração através da I Guerra Mundial.

Capítulo 21

O GRANDE COMPLÔ DA EUROPA CENTRAL – O PAPA, O CARDEAL E A CIA

Se a III Guerra Mundial não eclodiu em 1952, conforme predito por Colliers e esperada por certos personagens do Vaticano e de outros lugares, os esforços secretos para providenciar a mesma continuaram imbatíveis.

O curioso amálgama de vários elementos nacionais, dinásticos, religiosos e ideológicas aumentou até que finalmente, apenas três ou quatro anos depois, seus visíveis efeitos apareceram como um furacão de insurreições na Europa Central.

A Revolução Húngara de 1956 havia sido planejada com antecedência. Não tanto pelas forças locais que estavam eventualmente para nela tomar parte, como por seus dois inspiradores – Pio XII e a CIA. A última conquanto, organizadora de seus aspectos físicos, necessitava da participação ativa do Vaticano, uma vez que a Inteligência Católica dentro da Hungria era muito mais efetiva do que em qualquer outra agência estrangeira, por mais bem equipada que fosse.

Sem a bênção de Roma toda a Inteligência Católica e, a partir desta, a Hierarquia Católica e a Igreja teriam ficado inativas, paralisando assim os esforços da CIA.

Pio XII nesse período, estava em sua fase política e religiosa mais crítica. Estava sofrendo das mais constantes e perigosas crises de depressão. Ele se considerava um fracasso. Toda a sua política anti vermelha pré e pós guerra tinha sido reduzida a nada. As promessas de Fátima continuavam sem cumprimento e conquanto fosse verdade que ele conseguira fazer a aliança da Igreja com a nação mais poderosa da terra, os Estados Unidos, é que havia paralisado o avanço do Comunismo na Europa, fazendo ressurgir o Catolicismo político, era também verdade que a Rússia ainda lá estava, mais ameaçadora do que nunca.

Ele pensou em renunciar ao papado, um passo sem precedente. Rumores sobre este assunto começaram a circular em Roma. Seus problemas nervosos aumentaram. Ele adoeceu, até que finalmente o próprio Senhor Jesus Cristo desceu do céu para confortá-lo pessoalmente, conforme vimos antes.

Deve ter sido coincidência mas o fato é que a suposta visitação divina aconteceu durante o período mais crítico da Revolução Húngara (1955-56). O último movimento de Pio XII para a sua auto santificação (a visita que Cristo lhe fez) a qual ele depressa revelou ao mundo, indo ao ponto de usar o órgão oficial do Vaticano para esse propósito, não tinha sido a imagem febril de um paciente neurótico, mas a bem planejada ação de uma mente mestra no sentido de que as forças golpistas da Hungria e de toda parte ganhariam novo ânimo com a revelação de um visitante divino sendo o Catolicismo da Europa Central mais susceptível do que qualquer outro a influência religiosa e política do papado.

A séria moléstia de Pio XII aconteceu no outono de 1955, ano em que a ressurreição da Hungria havia sido cuidadosamente planejada para “acontecer”. Os planos locais e da CIA fracassaram e a data teve de ser adiada para o ano seguinte (1956). A tensão e ansiedade produzidas por adiamento eram as principais causas da doença nervosa de Pio XII. Uma das figuras principais nessa nova trama foi, mais uma vez, o Cardeal Mindszenty. Ele havia sido designado o homem chave nessa “insurreição de sucesso”. Isto é, ele havia sido nomeado por Pio XII, pelos rebeldes húngaros e pela CIA como “Premier” da Hungria liberada. Tendo em vista que a Hungria Católica tinha como Premier ou Regente um cardeal católico, o desdobramento permanente dos grandiosos esquemas de Pio XII seriam grandemente facilitados. Vários interesses nacionais e internacionais importantes desempenharam papel não menos significativo. Se “espontâneas” forças populares a ele se juntaram por vontade própria a história julgará. O que, todavia, se tornou indisputável desde o início, é que Pio XII antes e depois da tragédia húngara teve papel capital em todo o assunto.

O Cardeal Mindszenty, uma das suas mais devotadas “criaturas” desempenhou sua parte tão zelosa mas tão embaraçadamente como havia feito quase uma década antes. Já vimos como o cardeal logo após a II Guerra Mundial tinha armado um complô no sentido de destruir governo húngaro a fim de colocar um governo encabeçado por ele próprio, seguido pela restauração da super católica dinastia Habsburgo.

O complô abençoado e encorajado por Pio XII tinha fracassado principalmente devido a incompetência diplomática e política do próprio Cardeal Mindszenty. Os católicos e outras personalidades nos Estados Unidos, que haviam contribuído com auxílio financeiro e proteção política embora agastados, ofereceram seu tempo. A CIA contudo, agora retirou, fechou e barrou o seu apoio. O pretendente católico ao trono, Otto e outros foram relegados a segundo plano. Até mesmo a Inteligência Católica teve de sujeitar-se à Suprema direção da CIA. Dessa vez a insurreição não podia fracassar. Havia

muita coisa em jogo. Os novos esforços da CIA – Vaticano foram coroados de sucesso espetacular. O governo húngaro tomado de surpresa, foi devidamente lançado fora. O Cardeal Mindszenty, o “mártir” inocente, que havia aguardado a sua hora dentro de um mosteiro, tornou-se mais uma vez o foco principal da revolução. Quando em outubro de 1956 os rebeldes tomaram a capital da Hungria, qual foi uma das suas primeiras mais sinistras ações? Esta é a descrição do acontecimento feita por um órgão autorizado:

O Príncipe Primaz Cardeal Mindszenty regressou a Budapeste hoje, pela primeira vez, desde 1948. O cardeal que foi libertado ontem à noite, do mosteiro no qual fora confinado... entrou na capital escoltado por três tanques húngaros... milhares de fiéis se apinhavam em frente à sua residência, quando se espalhou a notícia de que ele estava de volta, ajoelhando-se no chão, enquanto o cardeal lhes dava a sua bênção. (Manchester Guardian, novembro de 1956) (1).

[1. The Manchester Guardian, 01.11.56]

Após o cardeal ter regressado “em triunfo”, as forças revolucionárias, agora no comando, “perdoaram-no completamente”. Então – notem a hora – dentro das próximas vinte e quatro horas foram levantadas especulações para o fato de que “o Cardeal Mindszenty poderia liderar o novo governo húngaro, como a única figura pública capaz de fazê-lo com amplo apoio popular”.

A significação da posterior nomeação do cardeal, sendo, é claro, a primeira fase do grande desígnio revelado da CIA-Vaticano, visto como a Hungria, em realidade, era nada menos que a pedra de auxílio de seu cumprimento. Considerando que Mindszenty havia se tornado o Chefe do Governo da nova Hungria, Pio XII e a CIA teriam acesso livre a fim de promover a segunda fase de sua grande política, a saber, a invasão, ocupação e conversão da Rússia. O plano fracassou. Alguns dias mais tarde a contra revolução foi suprimida pela ímpia intervenção dos tanques e tropas russos. Por um momento houve o perigo de um confronto armado entre os Estados Unidos e a Rússia, ou seja, o espectro da III Guerra Mundial se levantou imediato e real no horizonte.

No Vaticano todas as forças encarregadas do manejo do grande aparato concernente à invasão – ou talvez, à “ocupação” e “conversão” – da Rússia ficaram em alerta. O fervor religioso foi mobilizado. Novenas especiais, orações e vigílias foram organizadas nas igrejas e conventos de muitos países, inclusive da Hungria. A Senhora de Fátima foi muito invocada para que se cumprisse finalmente a sua profecia.

A guerra esperada não aconteceu, embora o mundo tivesse estado a um passo da mesma. O medo acorrentou as nações da Europa. Entretanto no Vaticano, em vez de apelar à paz e trabalhar na prevenção das hostilidades, Pio XII iniciou uma campanha maciça de ódio, jamais igualada por outro papa. Ele foi tão longe na promoção dos milhões de católicos contra os vermelhos, ao ponto de instigar tamanha beligerância, que até mesmo o sóbrio The Times de Londres descreveu “o que quase chega a uma cruzada da Cristandade”(2) [2. The Times, Londres, 24.12.56]. A contra revolução deu em nada. A CIA rangeu os dentes, governada pelo menos uma vez pelo senso comum do Presidente Eisenhower. Mesmo assim não pôde abandonar seus agentes católicos na Hungria ocupada pela Rússia. Aviões lotados de “refugiados” católicos voaram durante a noite para os Estados Unidos, entre estes, é claro, estavam os mais comprometidos na aventura, como os agentes secretos da CIA e do Vaticano.

A principal “criatura” o Cardeal Mindszenty, não teve, contudo, a mesma sorte. Ou quem sabe, sua tarefa ainda não fora completada. Quando a insurreição finalmente entrou em colapso, graças ao pulso firme dos russos, o cardeal desapareceu. Em seguida,

após alguns rumores de que ele talvez houvesse caído nas mãos dos comunistas, eis que o cardeal reapareceu, são e salvo, livre de qualquer perigo de prisão ou enforcamento. Onde? Exatamente dentro do edifício da Embaixada Americana na capital húngara (3) [3. The Times, Londres, 04.11.56]. Ali, protegido pela imunidade diplomática, ele celebrou missa no altar decorado com a bandeira americana. À Embaixada Americana era proibido por regulamentos muito específicos dos Estados Unidos dar asilo a qualquer refugiado político. Contudo, a CIA deixou isso de lado. Não podia abandonar o homem que a tinha servido tão bem, mesmo que fosse um fracasso tão espetacular. Além disso, o futuro ainda poderia ser generoso. Como diz o ditado popular: na terceira vez sempre dá certo.

O governo húngaro apoiado pelos russos talvez pensasse o mesmo. Após haver decorrido um período decente este começou discretas negociações com o Vaticano e, de fato, com o próprio governo americano. Eles queriam o Cardeal Mindszenty em Roma ou em Washington? Estavam prontos a deixar que o “prisioneiro” fosse para qualquer lugar do mundo fora da Hungria. Alguns católicos ingênuos replicaram: “deixem o cardeal mártir se juntar a Cúria Romana ou ir para os Estados Unidos”. Mas o cardeal Mindszenty recusou a barganha. A razão? Seus dois mais poderosos patrocinadores, Pio XII e a CIA tinham outros planos. Eles haviam decidido continuar capitalizando politicamente o “asilo” forçado do cardeal na Embaixada Americana em Budapeste. Isso porque, enquanto o cardeal permanecesse na Hungria Católica ele seria o símbolo de um assunto político potencialmente explosivo e também a fonte em potencial do dinamismo militar capaz de fortalecer os grandes esquemas de Pio XII.

O Cardeal Mindszenty permaneceu como “hóspede” americano por mais de doze anos consecutivos, falhando os esforços de dois papas para “desalojá-lo”. De fato, quando em 1967 os Estados Unidos e a Hungria renovaram suas relações normais o Embaixador dos Estados Unidos Mr. Hillebrand, pediu que Mindszenty deixasse a Embaixada, este recusou terminantemente a fazê-lo.

Como o mundo estivera próximo de uma guerra, nessa conjuntura foi revelado pela mais alta autoridade americana, que sabia mais do que qualquer outra, o que havia acontecido por trás das cenas. Era ele John Forster Dulles, Secretário de Estado dos Estados Unidos. Ele simplesmente sabia disso porque foi um dos principais organizadores do grande esquema Vaticano-CIA-Fátima (4). [4. Pelo esquema “Fátima” queremos significar ocupação da Rússia]. John Forster Dulles nesse tempo era o legítimo construtor da política americana exterior. O General Eisenhower, o Presidente, entendia mais de guerra do que das intrincadas políticas estrangeiras. Como resultado, ele deixava praticamente todo esse assunto nas mãos de Dulles, cuja obsessão principal era o Comunismo. Essa obsessão coincidia com a de Pio XII. Dulles mobilizou todos os imensos recursos dos Estados Unidos para tratar desse assunto através do mundo inteiro. Ele se transformou no parceiro mais devotado de Pio XII.

A parceria tornou-se uma das mais formidáveis do período. Dulles conduziu sua política muito constantemente sem a aprovação ou mesmo conhecimento do Presidente Americano. Ele foi auxiliado nesse particular pelo fato de que, em adição à regular máquina diplomática dos Estados Unidos ele usou mais do que outra coisa o aparato secreto e onipotente da CIA. Em verdade, pode-se dizer que ele conduziu a política exterior americana via CIA. Isso foi facilitado pelo fato sinistro de que o inspirador, diretor e principal controlador de toda a CIA era o seu próprio irmão Alan Dulles. Os dois irmãos trabalhavam tão intimamente ligados que o Presidente Eisenhower mais de uma vez teve a sua política oficial “prejudicada” pela CIA. O exemplo mais espetacular foi o

colapso da reunião para tratar do desarmamento americano russo em 1960, quando a CIA enviou um avião para espionar a Rússia, a fim de evitar que o Presidente americano e o Premier russo terminassem a Guerra Fria. O encontro graças ao avião da CIA foi cancelado.

Um dos trunfos mais sensacionais da CIA e de John Forster Dulles (cujo filho, por acaso, tornou-se jesuíta) e de Alan Dulles, em total acordo com a Inteligência do Vaticano foi conduzir uma política externa baseada em ameaças de “retaliação massiva” isto é, de guerra atômica. No ápice da Revolução Húngara (1965) John Forster Dulles reconheceu abertamente diante do mundo horrorizado, que os Estados Unidos estiveram três vezes a um “pisar de olhos”: Mr. Dulles admitiu que os Estados Unidos em três ocasiões nos últimos dezoito meses chegaram bem mais próximos de uma guerra atômica... do que se imaginou. New York Times e Times de Londres (5).

[5. 12.01.56 e seguintes. Ver também World Press].

A III Guerra Mundial fora evitada, comentaram eles “somente porque Mr. Dulles... tinha visto que Moscou e Pequim estavam informados da intenção dos Estados Unidos de usar armas atômicas”.

(Nota da Tradutora: aqui demos graças a Deus que usou a espiã britânica Melita Norwood, a vovó vermelha hoje com 84 anos, para entregar à Rússia os segredos atômicos do ocidente, evitando, através do equilíbrio de forças letais a destruição da humanidade).

O que fez Pio XII durante essas crises terríveis? Particularmente, uma vez que ele, mais do que ninguém, que estava nas mais altas posições, sabia o que estava acontecendo por trás do cenário entre os Estados Unidos e a Rússia? Intensificou o Culto de Fátima quanto a este ele deu um lustre e ímpeto renovados. As igrejas católicas “rezavam” pela “libertação”, isto é, pelo rápido cumprimento da “profecia” da Senhora de Fátima. Isso também em vista do fato de que o terceiro “segredo” da Virgem teria de ser revelado dentro de pouco tempo, isto é, em 1960.

Embora ninguém soubesse qual era o segredo de Fátima, cochichava-se que era a iminente libertação e conversão da Rússia. Pio XII, é claro, não poderia deixar que o terceiro e último “segredo” de nossa Senhora permanecesse oculto também para ele. Ele tinha o envelope selado, contendo o segredo, de acordo com o que uma das crianças haviam falado com a Senhora de Fátima, abriu-o. Então relatou ao lê-lo, que quase desmaiou de horrendo espanto. Era um método tão bom como qualquer outro de incitar o frenesi de Fátima a expectativas ainda mais altas.

Não contente ainda, Pio XII adiantou-se pessoalmente para condicionar o mundo católico à guerra iminente. Isso de tal maneira que durante o inverno de 1956-57 (Nota: imediatamente após o fracasso da contra-revolução da Hungria) ele convocou ardorosamente os Católicos a se juntarem numa verdadeira Cruzada de Fátima apressando-os a tomar parte “numa efetiva guerra auto defensiva”, pedindo que às Nações Unidas fosse dado “o direito e o poder de antecipar toda a intervenção militar de um estado contra outro”.

De fato, nesse exato período, quando os Estados Unidos e a Rússia estavam realmente a um “pisar de olhos” de uma guerra atômica ele foi tão longe, como já antes citamos, ao ponto de reiterar “a moralidade de uma guerra defensiva”, ecoando assim as próprias palavras do seu camareiro secreto, o Secretário da Marinha Americana, Mr. Mathews, em seu famoso discurso de Boston. De fato, Pio XII, nessa ocasião pedira o que até mesmo o Times de Londres descrevera como “o que quase alcança uma cruzada

da Cristandade”. O Manchester Guardian chamou ostensivamente de “a bênção do papa para uma guerra preventiva” (com bombas de átomo e hidrogênio, convém lembrar) (6).

[6. Ver The Times, Londres, 24.12.56 e New York Times. Ver também o Manchester Guardian, 27.12.56 e o Time Magazine de 07.01.57]

Enquanto Pio XII estava aguardando a eclosão da III Guerra Mundial, o líder da Ustashi, Ante Pavelic, e seus companheiros estavam se preparando. Eles aumentaram seus esforços no sentido de ressuscitar a Ustashi na Croácia e no exterior. Encorajados pelo auxílio direto e indireto de Pio XII, da CIA e de vários hierarcas católicos, dentro dos Estados Unidos e outros países.

Na Argentina, por exemplo, onde o seu “governo croata no exílio” estava funcionando, Pavelic era abertamente subvencionado e protegido pela hierarquia argentina. Para não mencionar certos grupos militares que recusaram sua extradição do país. Apesar disso, em 1957 Pavelic foi atacado e quase morto tendo sido atingido por duas balas. No ano seguinte (outubro/58) Pio XII assaltado por freqüentes ataques nervosos, asma e uma neurose generalizada encharcado de grande quantidade de drogas que o vinham sustentando durante anos, causa provável de muitas das suas alucinações, prontamente narradas como “milagres” pelos seus admiradores, faleceu.

A imprensa mundial prontamente o aclamou como o “Príncipe da Paz”. Representantes de 54 países assistiram o seu funeral. A mais proeminente e sinistra de todas foi a delegação dos Estados Unidos, liderada pelo sócio parceiro de Pio XII, John Forster Dulles, o Secretário de Estado Americano e o não menos insigne John McCone, Presidente da Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos (19.10.58).

Logo em seguida o protegido especial de Pio XII, Ante Pavelic, também faleceu. Um ano depois o cardeal Stepinac também se foi. Desse modo, dentro de um curto espaço de dois anos os três protagonistas principais do pesadelo croata se desvaneceram do palco.

Quaisquer que sejam os méritos ou deméritos do antagonismo mútuo americano-russo permanece o fato de que Pio XII longe de diminuir o perigo fez o máximo para aumentá-lo, com o fito de destruir o seu inimigo ideológico e fez o máximo para vencer o seu inimigo religioso – a Igreja Ortodoxa Russa, contra a qual o Vaticano tinha estado lutando direta ou indiretamente durante os mil anos anteriores. A ocupação russa pelo ocidente teria neutralizado o controle potencial da Igreja Ortodoxa pelo papado. O controle católico teria significado apenas uma coisa a absorção da ortodoxia pelo catolicismo, usando a persuasão ou força, através de todos os territórios ocupados pela Rússia. Em resumo, uma repetição da experiência croata numa escala muito maior, envolvendo não mais um milhão, porém centenas de milhões de crentes ortodoxos.

Nos cálculos ousados de Pio XII, portanto, a eclosão da III Guerra Mundial teria feito à Igreja Ortodoxa Russa o que a II Guerra Mundial causara à Igreja Ortodoxa Sérvia na Croácia.

Capítulo 22

A INQUISIÇÃO DE MALTA. VOTE EM CATÓLICO OU SEJA CONDENADO.

Em 1962, a Ilha de Malta ainda era dependente da Grã-Bretanha. Naquele ano aconteceu uma luta política histórica a respeito de quem dependeria o futuro status da Ilha.

A Igreja Católica, como seria de esperar, desempenhou um papel importante nesses procedimentos. Mas como sempre que ela o faz, usou a religião, a fim de promover seus interesses políticos, e usou a política a fim de promover seus interesses religiosos. Isso ela fez sem a mínima consideração pelos teores básicos da democracia, liberdade e honestidade. Sendo importante a sua influência ela pôde impor sua vontade sobre quase todos, em assuntos morais, éticos, sociais e até mesmo políticos. Conforme ficou provado, a lei de Malta sobre o matrimônio, era a lei católica codificada na Lei Canônica e a Religião Católica Romana era a religião de Malta.

Antes da eleição de 1962, o principal adversário político da Igreja, o Partido Trabalhista maltês prometeu ao eleitorado reduzir o espantoso poder da Igreja, através de uma razoável liberalização. A Igreja adiantou-se agressiva e ardorosamente determinada a vencer as eleições a qualquer custo. As autoridades civis já estavam sob o domínio da mesma, enquanto o seu adversário político estava frustrado em todos os sentidos.

Os líderes Católicos, padres e outros tinham completa liberdade de expressão para pregar e realizar assembléias enquanto isso seus adversários tinham de sofrer as censuras da polícia católica a qual quando não podia vetar as reuniões, valia-se de truques que beiravam a desonestidade e ilegalidade. Além disso, o comissário da eleição e seus assistentes eram todos subornados pela Igreja Católica através da administração colonial. E não era tudo. As organizações católicas e os padres freqüentemente perturbavam os comícios dos adversários. De fato, não era segredo que os padres organizavam verdadeiras gangs católicas expedicionárias, religiosas e políticas, com o fim específico de desmanchar as assembléias. Os cruzados católicos não eram adultos. À milhares de colegiais era ensinada a genuína democracia de uma maneira prática, conforme suprida por seus pais com vaias e assobios, que eles usavam coletivamente sempre que cruzavam com discursos dos candidatos trabalhistas, evitando que eles fossem pronunciados.

Um amigo deste autor Mr. Tom Driberg, um membro eminente da Casa dos Comuns, que estava visitando a Ilha naquele tempo, foi constantemente vaiado por centenas de colegiais que o perseguiram onde quer que ele fosse tendo-o confundido com um orador em potencial, embora ele não fosse.

O clero católico se sobrepujava em vigorosas atividades no sentido de defender os interesses espirituais da “Santa Madre Igreja” (e não devemos esquecer, possuidora de uma sólida terça parte de todos os imóveis da Ilha), usando seus cérebros e músculos para silenciar os “diabólicos” inimigos. Desse modo os próprios sinos de suas torres eram postos a funcionar sempre que os assobios dos garotos (os quais presumivelmente já foram exaustos para a cama) não tinham mais fôlego. O método do clero era certamente muito sonoro, e por demais efetivo. Pois não apenas silenciavam os oradores trabalhistas como os deixavam surdos não somente eles mas também os seus ouvintes, e os que não desejavam escutá-los de modo algum, como por exemplo, os próprios católicos. Assim aconteceu que quando o ex-Premier maltês, agora inimigo número um de Deus e de S. Pedro começou a discursar num comício ao ar livre, os sinos da igreja começaram a badalar.

A princípio, tanto os católicos como os socialistas imaginaram tratar-se de um funeral em algum lugar. Em seguida, como os sinos começaram a repicar alegremente, acharam que era um engano e que deveria ser um casamento. Em seguida, quando os sinos se transformaram em pandemônio acharam que alguém já havia vencido as eleições (as quais ainda iriam acontecer algumas semanas mais tarde), ou que deveria haver um

carnaval para celebrar algum santo esquecido e assim diante. Os sinos não paravam de tocar. Pelo contrário, eles tocavam e tocavam, com energia crescente, parando periodicamente apenas por alguns minutos, a fim de permitir que o orador começasse a falar as primeiras frases, para em seguida recomeçarem com diabólica alegria. Nessa ocasião, os sinos tocavam continuamente por TRÊS HORAS SEGUIDAS, nem um minuto a mais ou a menos.

Quando os ouvintes trabalhistas, já quase surdos, perderam a paciência e tentaram segurar os sinos pelas cordas... através de uma ocupação bem organizada da torre, verificaram que a torre e a igreja estavam inacessíveis. Um cordão coletivo da polícia havia rodeado o edifício sagrado, a fim de evitar que aqueles badaladores, que proclamavam os direitos da Igreja, fossem silenciados.

Dom Mintoff, o orador que não havia conseguido falar e o padre paroquial que mandara badalar os sinos, tinham muita energia acumulada para escrever. Então, enquanto o primeiro escrevia protestos em sua própria imprensa, o último escrevia uma justificativa de sua sonora interpretação de liberdade da palavra para o Times de Malta, edição de 03/02/62. Este jornal certa manhã imprimiu uma carta iluminadora do Padre Innocenzio Borg, de Luqa (o local onde os sinos haviam tocado por três longas horas).

O que? Ele, um anti-democrata? Ele indagava. Que insulto! Como a Igreja Católica e o Arcebispo de Malta, ele, também, era um crente firme na liberdade de expressão. Havia feito os sinos badalarem, sim. Mas havia dado aos oradores várias oportunidades de parar de falar... E se isso não era democracia, poderia alguém dizer-lhe o que era a verdadeira democracia? Aqui estão as palavras exatas do bondoso Padre Innocenzio (isto é inocente), em sua carta de explicação:

Referente ao badalar dos sinos, que continuaram muito depois do por do sol, posso afirmar que a badalação parava quando os oradores barulhentos, com suas falas anti-religiosas e escandalosas paravam também. Os sinos tocavam de fato como um protesto contra esse tipo de discurso, e quando um orador começou a atacar o ensino da Igreja e Sua Graça, o Arcebispo. Várias vezes o repicar dos sinos por um tempo muito curto havia admoestado sem sucesso esse orador para que parasse de dizer aquele discurso anti-religioso, antes que o badalar dos sinos, como o Mr. Mintoff colocou : tentasse interferir no comício que acontecia em praça pública. (1)

[1. Carta do Reverendo Padre Innocenzio Borg, padre paroquial de Luka – The Times of Malta, 03.02.62. Ver também “Supressão de Liberdade de Consciência em Malta”, 28.05.62 – uma coleção de documentos e fotos que tratam da eleição de 1962].

Além da mobilização das torres de sinos, seguiu-se a dos halls das igrejas, bem como a dos muros internos e externos. Posters de todos os tamanhos, cores e tipos apareceram por toda a Malta, decorando os edifícios sagrados com slogans, nos quais o diabo e o Partido Trabalhista, todos os santos do calendário e o próprio Deus, para não mencionar a Igreja, figuravam eminentemente.

“Vote conforme a direção da Junta Diocesana”, dizia um poster, num clube de jovens trabalhadores cristãos. “Deus vai observá-lo. Deus vai julgá-lo!” “Se você votar no inimigo da Igreja” dizia outro, no muro da Igreja Paroquial de Gudja, “você estará desafiando o Bispo, portanto desafiando Deus” (sic).

Os padres enviaram cartas aos eleitores. Vejam uma recebida pelos paroquianos de Marsa, Malta, escrita pelo Padre Felicjan Bilocca, um franciscano.

Antes de colocar seu voto, diga a você mesmo: eu tenho uma alma. Vou perdê-la por causa de Mintoff?

Um quadro no alto mostrava o Padre Bilocca abençoando novo edifício da Igreja em Marsa dedicado à nossa Senhora das Lágrimas (2).

[2. Ver “Supressão da Liberdade de Consciência e Liberdade de Expressão Durante as Recentes Eleições em Malta”, 28.05.62].

Se os eleitores a quem assim o Padre se dirigia riam à beça diante dos seus conselhos, não foi registrado. Mas com toda a probabilidade, lembrando-se de suas almas, eles votaram conforme lhes foi dito que votassem. Milhares de outros agiram da mesma maneira. O Padre Felicjan Bilocca não foi o único a usar o temor religioso a fim de compelir os eleitores a votar pela Igreja. Complementando suas palavras de ameaça com ações, a Igreja ordenou que fosse mobilizado qualquer um que votasse conforme os seus ditames. Todos os jovens seminaristas que jamais haviam votado antes, foram obrigados a comparecer às urnas. Todos os enfermos e deficientes de Malta foram mobilizados. Vejam os seguintes extratos de uma circular enviada aos eleitores deficientes antes do dia das eleições:

Sabemos que muitos de vocês jamais saíram de casa nem mesmo para assistir a Santa Missa. Desta vez, contudo, VOCÊS PRECISAM SAIR.

Deus conhece suas boas intenções e lhe dará a necessária ajuda.

Devemos votar naqueles que sabemos não serem contra os padres, contra a Igreja e contra o Arcebispo.

Cumpram o seu dever, caros irmãos e compartilhem a vitória pela Malta Católica (3).

[3. Assinado pelo Monsenhor M. Azzopardy, Diretor do “A Família do Doente”. Emitido pela Junta Diocesana do Movimento de Organizações Católicas para a Vitória dos Católicos em Malta].

Após o que havia a seguinte admoestação:

Nossos voluntários estarão usando um distintivo com uma foto colorida do Monsenhor Arcebispo.

Não aceitem carona, para as zonas eleitorais, de pessoas que são contra a Igreja Católica.

E não foi tudo. A Igreja mobilizou suas armas espirituais mais temíveis e vergonhosamente usou o “terror religioso” para obrigar os eleitores a votar conforme a vontade dela. Imitando Pio XII, que anos antes havia feito o mesmo, os hierarcas disseram aos malteses, em termos bem claros, que a não ser que votassem no partido político favorecido pela Igreja, eles seriam tragados pelas chamas do inferno ou por intermináveis milhões de anos. O purgatório neste caso também estava incluído para nele. Os padres por toda a Ilha diziam aos eleitores que era pecado mortal votar no Partido Trabalhista. O próprio Arcebispo deu instruções específicas a esse respeito.

Os pregadores podem, realmente, ser de grande utilidade para a reafirmação da Igreja, tanto nos assuntos civis como nos assuntos políticos, conforme a ocasião exige... E para a recuperação de almas perdidas por causa dos assuntos políticos... Em seus sermões ou discursos eles devem explicar a influência divina da Igreja para a formação de uma sociedade perfeita, tanto particular como pública; sobre o poder divino da Igreja e seu julgamento infalível, MESMO NAS LEIS CIVIS; sobre a gravidade do pecado mortal... a utilidade das associações católicas. (4)

[4. Ver “Supressão da Liberdade de Consciência e Liberdade de Expressão Durante as Recentes Eleições em Malta”, 28.05.62].

As palavras do Arcebispo foram reiteradas pelo Bispo de Gozo, o qual, em abril do mesmo ano, havia publicado uma circular dizendo aos eleitores católicos que “pertencer ao Partido Trabalhista ou até mesmo assistir aos comícios deste era pecado mortal”. Para coordenar o medo individual e coletivo assim engendrado pela hierarquia romana, o Vaticano despachou então para Malta, procedente de Roma, alguns dos seus melhores “organizadores”, especialistas naquele tipo de guerrilha gerada diretamente pela pressão religiosa e o temor do castigo de Deus.

Estes especialistas eram veteranos naquele tipo de pressão religiosa, visto como haviam-na usado em maior escala na Itália, alguns anos antes. Por exemplo em 1939, Pio XII havia excomungado todos os que direta ou indiretamente haviam apoiado os comunistas ou os seus aliados socialistas, a fim de obrigá-los a votar no Partido Católico, inspirado e apoiado pelo próprio Vaticano. Em 1959, o Santo Ofício havia reiterado a excomunhão seguida por outra, em 1965, quando o Cardeal Ottaviani afirmou que os decretos do Santo Ofício continuavam em pleno vigor (5).

[5. Lembretes do Cardeal Ottaviani aos Católicos, em toda parte, 08.65, Roma]

Especialistas em táticas e dirigidos pelo Padre (Jesuíta) Rotondi, conduzidos pelo Professor Gedda, ex-presidente da Ação Católica Italiana, os “organizadores” chegaram para Malta e coordenaram a pressão religiosa, a fim de conseguir o máximo em resultado político, nas seções de votação.

O Professor Gedda, um brilhante organizador. Teve até mesmo mais completa cooperação da hierarquia em Malta do que havia tido na Itália, onde a Igreja, apesar de sua ousadia, tem de lidar com um certo cuidado. Em Malta ele foi mais longe do que em qualquer outro lugar. Transformou o “sacrossanto” local do confessionário numa base eleitoral. Aos confessores foi ordenados dizer aos penitentes como deveriam votar. A desobediência significava recusa de absolvição. Nos dias 29 e 30/01/62, Sua Graça, o Arcebispo, convocou uma reunião secreta exclusiva de todos os PADRES CONFESSORES, no Instituto Católico Floriana e lhes ordenou oralmente, SOB AMEAÇA DE EXCOMUNHÃO a “perguntar aos penitentes se estavam votando no Partido Trabalhista, recusando-lhes absolvição se eles insistissem” nesse modo de votar.

E aconteceu que certa manhã – ou, quem sabe, tarde – os estupefatos católicos malteses descobriram que os seus confessionários, aqueles portos de sagrado conforto espiritual, que eles haviam imaginado destinar-se apenas para os cochichos entre eles e seus pais espirituais, com referência a interessantes malfeitos particulares (a maior parte deles confinada a amor e dinheiro), haviam se tornado agora locais de verdadeiras confabulações políticas, onde o Arcebispo de Malta ordenava como e em quem votar.

No caso dos eleitores duvidarem da autenticidade dessas instruções arqui-episcopais, vamos citar algumas. São traduções literais do texto latino distribuído, em 07/03/62, somente aos padres paroquiais (6).

[6. Instruções escritas foram distribuídas em 07.03.62, algumas semanas após as eleições. Isso foi feito com medo de no caso das instruções serem distribuídas antes ou durante as eleições, o governo britânico fosse obrigado a cancelar as eleições, como havia acontecido em 1930. As instruções foram, então, escritas desde 1966, quando as próximas eleições gerais aconteceriam e Malta já se teria tornado independente. Desse modo, já não estando sujeita ao governo britânico, a Igreja sob uma administração maltesa por ela aprovada, poderia agir sem restrição como de fato o fez].

Medidas de procedimento aos padres confessores e pregadores:

A – No que se refere aos padres confessores:

0681. Antes de tudo, os confessores devem indagar do penitente se ele já votou ou não.

2. Se ele não votou, o confessor deve indagar porque ele não cumpriu essa pesada obrigação.

a) Se o penitente deixou de cumprir essa obrigação por mera negligência, estando cômico da gravidade de tal coisa, ele deve ser acusado de grave pecado de omissão...

b) Se ele deixou de cumprir essa obrigação por não confiar em candidato algum, ele deve ser argüido com... Contudo a ele deve ser recusada a absolvição, a não ser que aceite fielmente as relevantes direções, emitidas em maio de 1961, contra os porta-vozes do partido político hostil ao ensino da Santa Madre Igreja.

c) Se em verdade ele fugiu a essa obrigação por malícia, a ele deve ser negada a absolvição. ...

0683. Se o penitente votar no partido hostil à Igreja, o confessor deve indagar se ao fazer isso, ele havia pecado particular ou publicamente (ação pública implicando a intenção de alguém votar ou pedir votos para o partido).

a) Se o penitente declara ter pecado particularmente, deve ser ou não absolvido, dependendo de sua sinceridade...

b) Se, por outro lado, ele pecou publicamente, não deve ser absolvido, a não ser que faça uma reparação pública na mesma proporção do dano causado à Igreja, ao bispo, aos padres e àqueles a quem tiver ofendido (7).

[7. Para o texto completo ver “Métodos do Procedimento para os Padres Confessores e Pregadores”. Documento “J”. Cópias fotostáticas do texto original latino estão em poder do Partido Trabalhista de Malta. Ver também “Supressão da Liberdade de Consciência em Malta”, maio 62].

Tudo isso em nome do sacrossanto sacramento da penitência o qual, os Católicos jamais se cansam de repetir que é inviolável e dedicado exclusivamente a assuntos espirituais.

Tendo aterrorizado os eleitores no segredo dos confessionários, a Hierarquia de Malta partiu agora para a corrupção espiritual aberta infligida sobre os seus oponentes políticos jogando suas alfinetadas contra os membros do Partido Nacional Executivo. Aqui estão suas palavras:

Suas Senhorias... se sentem obrigados a infligir a partir de agora a pena canônica de interdição pessoal conforme os cânones 2291-2 e 2275 sobre todos os que no comício nacional do Partido Nacional Trabalhista de Malta, realizado em 15.03.61, tomaram parte na emissão de sua declaração ou a aprovaram com seus votos... (8). [8. Padres e Política em Malta, 1962].

Em resumo, os membros do partido oposto à Igreja haviam sido postos fora do alcance de todos os Católicos pela penalidade canônica da “interdição pessoal”.

O resultado desse estado de coisas pode ser avaliado pelo fato de que os visitantes estrangeiros à Ilha naquele período, para citar um bem conhecido membro do Parlamento que estava entre eles: “tratados com tão feroz hostilidade e descortesia” que o carro em que estavam foi alvejado (9).

[9. Ver Reynold News, 03.12.61 e também A Voz de Malta, 10.12.61].

A vingança da Igreja contra os oponentes políticos foi ainda mais longe. Não contente com a mobilização do terror neste mundo, ela mobilizava o do próximo, que os perseguiria no além túmulo. Assim Joseph Mercer, deputado Líder do Partido

Trabalhista, que faleceu em setembro de 1961 não recebeu sepultamento onde os Cristãos são enterrados geralmente, mas foi posto num local conhecido popularmente como “lixo de refugio”. Ele nem sequer havia estado presente no comício executivo de 15.03. e era católico praticante. A outro membro trabalhista foi recusado sepultamento do mesmo modo (10). [10. Idem]

À medida em que se aproximava o dia da eleição, a Igreja intensificou a pressão sobre todos. Novos agentes foram proibidos de vender literatura oposta ao partido católico, os Católicos foram proibidos de colocar anúncios nos jornais trabalhistas. Mais de 80% dos eleitores concordaram com medo de represálias. Os filhos eram questionados pelos padres quanto às atitudes políticas de seus pais, enquanto aos pais que não agissem conforme os ditames da Igreja, eram negados os sacramentos.

Finalmente, na véspera das eleições, crucifixos cobertos de negro eram carregados nas praças da Vila com a indagação capciosa:

“Por que você está votando contra mim?”

Finalmente, durante o próprio dia da eleição, para completar a campanha de terror, contra os Católicos Malteses já arrebanhados, coortes de padres em hábitos negros, freiras e frades apareceram nos postos de eleição e se postavam em frente dos eleitores, cantando e desfiando o rosário, enquanto os fiéis em cadeiras de rodas ou quase mortos eram levados em maca para votar “pela Igreja e por Deus”. O resultado? A Igreja venceu (11).

[11. Dois anos mais tarde, em 1964, Malta tornou-se independente. A data da Independência, contudo, ainda na fonte, teve de ser adiada porque a Igreja de Malta recusou-se a aceitar cláusulas democráticas básicas inseridas pelo Governo Britânico na Nova Constituição, visto como a Nova Constituição como o Secretário de Estado para as Colônias disse durante a discussão da carta de Independência de Malta, na Casa dos Comuns, 23.07.64, não iria “colocar a Igreja Católica acima da lei”(Debates Parlamentares, Hansard, Vol. 699 nº 149, colunas 709-710).

A Igreja de Malta, com a conivência do seu representante, havia tentado todo desvio para se colocar acima da Constituição finalmente, contendo o tempo limite de trinta e seis horas diante da Casa dos Comuns, entrou em recesso. Contudo, graças a Lord Alexander of Hillsborough e outros, a manobra não deu certo. Para mais documentações das eleições de Malta em 1962, ver “Supressão da Liberdade de Consciência em Malta”, maio/62. Memorando e Documentos de Apoio. Também A Carta da Independência de Malta – Ordem para a Segunda Leitura, Casa dos Comuns, 23.07.64. Debates Parlamentares, Hansard, Vol. 699].

Nota da Tradutora:

Uma Igreja que escraviza os membros obrigando-os a agir contra a sua consciência e vontade não pode ser uma Igreja de Cristo, mas daquele que veio para “matar, roubar e destruir”(João 10:10).

Capítulo 23

VIETNÃ – A CROÁCIA DA ÁSIA

A tragédia da guerra do Vietnã do Sul, com todas as suas imensas complicações para os Estados Unidos, a Ásia e o resto do mundo, a princípio parece nada ter a ver com a Igreja Católica. Isto é incorreto. Visto como a tragédia do Vietnã tem sua origem na

influência religiosa e ideológica exercida pela Igreja Católica nos assuntos do país onde a guerra começou.

Não estamos tratando dos direitos ou erros da guerra vietnamita, mas apenas do papel importante que a religião, em particular a Igreja Católica, desempenhou na concepção da mesma. A tragédia vietnamita foi precipitada por um trio zeloso formado pelo Presidente católico, um Chefe de polícia católico e um Arcebispo católico. Todos três estavam determinados a impor a religião e principalmente o poder da Igreja Católica sobre uma cultura não cristã.

Como isso aconteceu, particularmente, tendo em vista o fato de que o Vietnã do Sul era uma terra da Ásia budista? Aqui estão os olhos perscrutadores desses eventos que imediatamente precederam a eclosão da guerra entre o Vietnã e os Estados Unidos.

Certo dia de junho de 1963, um monge budista de 73 anos chamado Thich Quang Duc parou numa movimentada rua de Saigon capital do Vietnã do Sul e depois de ter ensopado o corpo de gasolina por um confrade sentou-se, cruzou as pernas e logo em seguida, tendo acendido calmamente um fósforo, queimou-se até à morte.

Antes disso, ele havia escrito uma mensagem ao Presidente Diem que dizia: “Reforce uma política de igualdade religiosa”.

O Presidente Diem, um católico devoto, deu-lhe uma pronta resposta. Proclamou lei marcial na cidade, selou a maior parte dos pagodes, ordenou a força da polícia secreta que prendesse os líderes budistas, mobilizou suas tropas para prender qualquer monge budista ou ajuntamento budista que se atrevesse a protestar contra a sua progressiva discriminação religiosa.

A auto imolação de Thich Quang Duc foi o ponto culminante de uma crescente, virulenta e discriminatória campanha contra o Budismo pelo Premier Católico Romano, o Presidente Ngo Dinh Diem, do Vietnã do Sul. O Presidente Diem esse tempo havia dirigido o país durante cerca de 9 anos, auxiliado por seus dois irmãos, Ngo Dinh Nhu, Chefe da polícia secreta e Ngo Dinh Thuc, Arcebispo de Hue. O trio tinha estado avançando durante anos em direção a uma verdadeira perseguição religiosa contra a vasta maioria da população de 15 milhões, da qual apenas 1,5 milhão eram católicos.

A centelha da revolta budista fora acesa apenas alguns dias antes em Hue, antiga capital vietnamita, agora sede do Arcebispo, o qual reinava, governava e dominava os Católicos e não Católicos do mesmo modo, em seu papel de guia espiritual de seus dois irmãos, o presidente e o chefe da polícia secreta. Numa celebração em honra do Arcebispo, o contingente católico de Hue hasteou a bandeira do Vaticano, sem qualquer objeção budista. Porém, quando três dias depois todo o país celebrava os 2507 anos do nascimento de Buda e os budistas hastearam a sua bandeira religiosa, o Arcebispo, através das autoridades, proibiu-os de fazerem isto. Isto deve-se lembrar, num país com oitenta por cento da população budista praticante. Os budistas organizaram uma demonstração pacífica contra a proibição. Em resposta, o governo enviou tropas e carros armados e abriu fogo contra os demonstradores, matando nove budistas.

O massacre de Hue repercutiu em todo Vietnã. Delegações budistas em Saigon exigiram a remoção das restrições sobre sua religião e das leis discriminatórias impostas contra eles. O governo prendeu muitos desses demonstradores.

Entrementes, em Hue, quando outra demonstração de Budistas desfilou pela cidade, tropas foram usadas para dispersar os participantes, usando bombas de gás lacrimogêneo. Resultado: sessenta e sete pessoas foram levadas ao hospital com queimaduras químicas.

Os Estados Unidos protestaram. O Presidente Diem pareceu concordar, mas as discriminações contra os budistas prosseguiram sem impedimento. As detenções de monges budistas se multiplicaram. Pagodes eram declarados ilegais, fechados e às vezes atacados. Os soldados católicos lutavam com os soldados budistas dentro do exército nacional, engajados numa guerra de vida ou morte contra o regime comunista do Norte. A guerra que era sustentada pelas armas americanas e por 16.000 “conselheiros” americanos, foi prejudicada pela rápida deterioração em conflito religioso.

O Presidente Kennedy, que era católico, fez pressão sobre o trio católico do Vietnã. Porém, como isso pareceu não surtir efeito finalmente ele suspendeu, entre outros pesados subsídios americanos, parte do pagamento de dois milhões de dólares mensais da CIA às “forças especiais” do Vietnã do Sul e suspendeu os fundos que financiavam o super católico chefe de polícia.

Embora viessem protestos do mundo inteiro, o trio católico continuou em sua política estabelecida: catolicização do Vietnã do Sul. Apressadas promoções de católicos no governo foram aumentadas e isso a tal monta que muitos oficiais budistas se converteram ao catolicismo, somente com vistas a promoções rápidas. O presidente Kennedy trocou Embaixadores num esforço de persuadir os três irmãos a mudar sua política. Em julho de 1963, ele enviou ao presidente Diem uma mensagem pessoal de confiança através do Embaixador Nolting. Os esforços de Kennedy mais uma vez foram infrutíferos. Pelo contrário, o chefe da polícia secreta, com desculpa de ter encontrado elementos vermelhos entre os Budistas, aumentou contra eles a dura campanha discriminatória transformando-a numa verdadeira perseguição religiosa.

Os monges budistas, freiras e líderes budistas eram detidos aos milhares. Pagodes eram fechados ou sitiados. Os Budistas eram torturados pela polícia. Certo dia outro monge Budista queimou-se vivo em público a fim de atrair a atenção do mundo para a perseguição católica em seu país. O Presidente Diem, impassível prosseguiu em sua política. A polícia secreta encheu as cadeias de monges. Um terceiro monge cometeu suicídio através do fogo e em seguida, outro. Dentro de um breve período, sete deles se incendiaram vivos em público. O Vietnã foi colocado sob lei marcial. Agora as tropas ocupavam muitos pagodes e arrancavam os monges que ofereciam resistência. Mais frades e freiras budistas foram presos e levados em furgões, inclusive um grande número de feridos. Muitos foram mortos.

Dez mil budistas tomaram parte numa greve de fome em Saigon, enquanto um gongo gigante tocava na torre do principal Pagode Xa Loi, em protesto contra as perseguições. Em Hue, no norte, monges e freiras iniciaram uma tremenda luta nos principais pagodes de Tu Dam o qual foi virtualmente demolido, enquanto onze estudantes budistas se incendiaram em protesto.

Os Estados Unidos aplicaram pressão mais severa e ameaçaram cortar toda ajuda ao Presidente Diem, novamente, sem qualquer resultado. O Embaixador do Vietnã do Sul em Washington, um Budista, renunciou ao cargo em protesto. A mulher do irmão do Presidente Diem, Madame Nhu, advogava tratamento mais severo contra os budistas. Madame Nhu zombava abertamente dos monges budistas, que haviam cometido suicídio ao se incendiarem, declarando que eles haviam usado “gasolina importada” para se “fritarem”. Nesse tempo o líder budista Trich Tri Quang teve de buscar asilo na Embaixada americana para salvar sua vida (1).

[1. Vietnã, Why Did We Go? – Reformation, on Line].

O Governo Americano se tornava cada vez mais impaciente. O Departamento de Estado dos Estados Unidos emitiu uma declaração oficial deplorando as ações repressivas que o Governo do Vietnã do Sul havia tomado contra os Budistas.

Na base da informação de Saigon parece que o Governo da República do Vietnã instituiu sérias mediadas repressivas contra os líderes Budistas vietnamitas... a ação representa violação direta do governo Vietnamita das garantias de que estava promovendo uma política de reconciliação com os Budistas. Os Estados Unidos deploram ações repressivas dessa natureza (2).

[2- Vietnã, Why Did We Go? – Reformation, on Line].

O Vietnã se fendeu. O exército se tornou abertamente passivo e empreendeu uma resistência passiva, não contra os Comunistas, mas contra o seu próprio governo. O resultado foi que a guerra contra o norte comunista estava sendo rapidamente perdida, visto como a maioria da população, sobre cujo apoio a luta repousava, recusou-se a cooperar.

Finalmente os Estados Unidos verificando como sua estratégia naquela nesta parte da Ásia estava correndo sério perigo de colapso, entraram em ação. A CIA em cooperação com elementos budistas engendrou com sucesso um golpe de estado. O Presidente Diem e seu irmão, o chefe da polícia secreta, tiveram de fugir para salvar suas vidas, mas foram descobertos pelas tropas rebeldes quando estavam escondidos numa pequena igreja católica em Sholon. Ambos foram mortos e seus corpos levados ao hospital S. José, a alguns metros de distância do Pagode Xa Loi, o centro religioso da resistência budista contra o autoritarismo deles (3).

[3-Vietnã, Why Did We Go? – Reformation, on Line.]

Terminava assim um dos regimes católicos mais recentes. O que o mundo em geral, tendo seguido essa luta religiosa com horrenda fascinação ignorava era a pressão de duas políticas conflitantes, dentro dos próprios círculos católicos – em Washington, a do Vietnã do Sul e a do Vaticano. John Kennedy, o primeiro presidente católico dos Estados Unidos, quando herdou a política americana do Vietnã do Sul também herdou o Presidente Católico Diem. Em circunstâncias diferentes, compartilhar de crenças religiosas, poderia ter ajudado a conduzir uma política comum, desde que os interesses políticos de ambos os países corressem paralelos. Com o católico Diem cometendo tão anacrônicas perseguições religiosas, contudo, o católico John Kennedy ficou cada vez mais incomodado, visto como era um político astuto demais para deixar-se comprometer em sua carreira ou sacrificar os interesses dos Estados Unidos por causa de um confrade católico. Além do mais, esse confrade estava incorrendo em opróbrio diante da vasta maioria dos americanos, a maior parte destes encarando o Catolicismo de Kennedy com suspeita. Daí que a Administração Kennedy abençoou a destruição do regime de Diem.

A política desastrosa do governo católico do Vietnã do Sul foi um triste resultado da campanha iniciada pela grande estratégia política de dois homens: John Forster Dulles pelos Estados Unidos e Pio XII pelo Vaticano. A Dinastia Diem foi colocada por ambos no poder, quando a Guerra Fria estava no auge, isto é, depois que os franceses foram estrondosamente derrotados na guerra da Indochina e os Estados Unidos se movimentaram para preencher o vácuo na parte que eventualmente se tornaria o Vietnã do Sul. Desde o princípio os Estados Unidos decidiram apoiar o governo liderado por um indivíduo que lhes desse garantia de não se aliar aos comunistas, no seu país ou no exterior. A pessoa escolhida foi Diem, homem inclinado ao misticismo, um católico praticante e fanático. Em sua juventude ele havia desejado ardentemente tornar-se um

sacerdote católico, mas ironicamente foi dissuadido da idéia por seu irmão que seria mais tarde o Arcebispo de Hue, o qual lhe dissera que a vocação religiosa seria leve demais para ele. Que este conselho não foi apenas um gesto fraterno ficaria comprovado mais tarde, pelo fato de que quando Diem durante a crise francesa foi forçado a ir para o exílio nos Estados Unidos e na Bélgica, ele foi escolhido para ficar em mosteiros católicos, levando a vida austera dos companheiros internos.

Para Dulles e Pio XII este ascetismo religioso era a sólida garantia de que Diem executaria sua política conjunta com a maior fidelidade. E nisso estavam certos, conforme seria demonstrado mais tarde. As pessoas que o conheciam melhor não tinham a mesma opinião sobre a adaptabilidade de Diem. A Embaixada Americana, por exemplo, alertou contra ele, desde o princípio. Essa admoestação foi completamente ignorada em Washington, e embora o próprio departamento de Estado fosse contra a escolha o Departamento de Operações Especiais do Pentágono insistiu na escolha de Diem. E abriu o seu caminho. Qual era a explicação? Um certo click no Pentágono inspirado por outro da CIA com íntima ligação com o lobby católico em Washington e certos cardeais nos Estados Unidos, e conseqüentemente de perfeito acordo com o Vaticano, havia decidido ter um aliado católico no Vietnã do Sul. Deve-se lembrar que esse era o período em que a Guerra Fria estava na pior fase, quando os seus arqui expoentes, os irmãos Dulles – um no Departamento de Estado e outro na CIA – e Pio XII no Vaticano estavam conduzindo uma estratégia diplomática política e ideológica conjunta, englobando tanto o ocidente como o oriente distante, do qual o Vietnã era parte integral.

A escolha provou ser um desastre para o Vietnã e para a política americana na Ásia, pois, conforme foi visto, o aspecto religioso foi eventualmente o que prejudicou todo o modelo da grande estratégia americana ali. Mas este é sempre o caso quando católicos em postos elevados sempre que o permitem as circunstâncias e o seu poder não mais ficam restritos por cláusulas constitucionais ou outros controles e tendem a conduzir uma política mais ou menos consonante com o espírito de sua religião. O resultado é que ao culminar os interesses do seu país com os interesses da Igreja Católica, em geral eles geram desnecessárias complicações sociais e políticas, as quais ficam confinadas à oposição geral, tanto no campo religioso como no político.

Quando esse estado de coisas se aproxima de uma crise devido à resistência da oposição não católica, então os católicos, exercendo poder político e militar não hesitam em usar esse poder contra os que se lhes opõem. Nesse caso, os interesses de sua igreja, sem dúvida alguma, serão colocados acima dos interesses do seu país. Esta fórmula provou ser correta no caso do Vietnã do Sul. O Presidente Diem, tendo provocado essa crise, desconsiderou os interesses do país e também dos seus protetores, os Estados Unidos, para seguir o que considerava ser os interesses de sua Igreja.

Conquanto fatores políticos e militares de certa importância tenham conduzido parte da tragédia final, o fator religioso, em verdade, obscurecendo a visão política e militar do Presidente Diem levou o país ao desastre. Diem, apesar ou por causa do seu ascetismo religioso, foi grandemente influenciado em sua conduta política pelo seu irmão, o chefe da polícia secreta, o qual não hesitou em desencadear uma verdadeira perseguição religiosa aos monges, freiras e líderes budistas conforme foi visto.

E o fator religioso ainda mais premente por causa de ambas foi o fanatismo do terceiro irmão, o Arcebispo de Hue. O Arcebispo era o “guia espiritual”, tanto do chefe de polícia como do Presidente Diem. Não é mera coincidência que o início da guerra religiosa tenha sido em Hue a sede do Arcebispado. Era ele o poder condutor que agia por

trás da crescente e sistemática discriminação religiosa contra os Budistas. O grande apoiador do Arcebispo de Hue era o Papa Pio XII.

A semelhança entre o fanático Presidente Católico do Vietnã do Sul e o Arcebispo de Hue, com o ditador da Croácia Ante Pavelic, e o Arcebispo Stepinac de Zagreb não poderia ser mais chocante. Desse modo, enquanto a liderança política e militar do Vietnã do Sul e os ditadores da Croácia foi posta à disposição da Igreja Católica, esta Igreja logo colocou a sua máquina eclesiástica à disposição dos ditadores, os quais tomaram conta de tudo e todos, subordinando-os ao seu totalitarismo religioso e político. Tanto Diem como Pavelic, controlados pelos seus respectivos arcebispos perseguiram três objetivos ao mesmo tempo: 1) Aniquilação do inimigo político, isto é, o Comunismo; 2) Justificativa para o extermínio dos inimigos da Igreja, isto é, os Ortodoxos, no caso de Pavelic, e os Budistas no caso de Diem; 3) Instalação da tirania católica religiosa e política nestes dois países.

Apesar das diferentes circunstâncias e das características dos panos de fundo geográfico e cultural da Croácia e do Vietnã, o modelo e o objetivo final desejados pelos dois regimes eram exatamente os mesmos: qualquer coisa ou qualquer pessoa que não estivesse de acordo ou não se submetesse ao Catolicismo teria de ser impiedosamente destruída através de prisão, perseguição, campos de concentração e execução. E o resultado é que, relegando os interesses do país a segundo plano, a fim de dar prioridade aos interesses católicos, os dois ditadores levaram finalmente seus países ao abismo.

No caso do Presidente Diem, quando ele colocou o Catolicismo em primeiro lugar, alienou-se da vasta maioria dos vietnamitas do Sul e dos seus exércitos, os quais, deve-se lembrar, eram constituídos de Budistas que o apoiavam politicamente em tudo. Isso trouxe o colapso do front anti comunista sob o qual se ancorava a política de Diem. O caos gerado por sua vez colocou em movimento a intervenção militar dos Estados Unidos. Os ditadores do Vietnã do Sul e da Croácia católica, são portanto, os dois exemplos mais chocantes de como o espírito do Catolicismo pode contaminar aos mais diversos sistemas políticos e culturas com o bacilo da sua intolerância. E não pode ser de outro modo. Visto como suas exigências de exclusividade e portanto, da supremacia religiosa serão identificadas com os que estiverem prontos a aceitá-las como verdades básicas sobre as quais deve repousar toda a estrutura da sociedade.

Um esquimó e um africano central, ou, em nosso caso, um croata e um vietnamita, portanto, apesar de suas diferenças raciais e culturais, pelo simples fato de serem membros da mesma igreja escravizadora, sem dúvida irão zombar da democracia e aborrecer a liberdade. A importância disso é portentosa. A implicação é que a Igreja Católica é potencialmente capaz de executar as mais terríveis experiências tanto na Croácia como no Vietnã do Sul e em outros países, independente de seus sistemas políticos. Isto significa que em razão das circunstâncias favoráveis, ela não hesitaria em repeti-las em qualquer parte do mundo onde quer que haja católicos. E visto como existem católicos praticamente em quase todos os países do mundo o risco da “experiência” de outras Croácias e outros Vietnãs do Sul, em futuro próximo ou distante não é mera especulação, mas uma tremenda possibilidade!

No caso do Vietnã o papel desempenhado pela Igreja Católica foi importante, não apenas durante o conflito, mas também durante o agonizante período do seu término. Foi então que o Vaticano entrou em acordo com os comunistas do norte enquanto os Estados Unidos prosseguiram na luta. O papa externou o acordo secreto entre o Vaticano e o Vietnã do Norte ao consagrar todo o Vietnã – isto é, o do Norte e o do Sul – à Senhora

de Fátima. Isto foi anos antes do término da guerra. Detalhes das operações secretas entre o Vaticano e os comunistas podem ser encontrados no livro do autor: Vietnã, Why Did We Go? (Vietnã, por que fomos?). A consagração do Vietnã Comunista Unido foi feita pelo “bondoso” Papa João XXIII, sucessor de Pio XII e Paulo VI, sucessor daquele. Um movimento religioso que havia indicado de que lado ficou o Vaticano, exatamente quando os Estados Unidos começaram a perder a guerra.

Capítulo 24

ONDE SERÁ O PRÓXIMO HOLOCAUSTO?

A força e a fraqueza da igreja católica repousam na sua crença inabalável de ser a única depositária da verdade, visto como a verdade tem o direito de eliminar o erro, segue-se que o seu dever é eliminar qualquer coisa que não esteja de acordo com a verdade, isto é, a sua verdade.

Como não pode haver duas verdades, qualquer verdade que não seja a dela é, portanto, considerada como erro, como a verdade tem o direito de eliminar o erro, a igreja católica se acha no dever de opor-se e aniquilar o erro, isto significa obviamente, que ela se apodera de qualquer meio de persuasão, e até mesmo da força, se necessário achar, no sentido de evitar que o erro se oponha à verdade, isto é, à sua verdade.

Sua lógica é absolutamente descompromissada, daí resultando o seu dogmatismo tanto teológico como operacional, estes não se confinaram a abstrações, itens morais ou especulações escatológicas. Sua lógica tem ultrapassado as fronteiras da prudência concreta e permeado sua conduta desde o princípio.

Tão logo Constantino reconheceu-a oficialmente como religião, ela começou a embarçar tanto os verdadeiros cristãos como os não-cristãos que não se adaptassem a ela. A perseguição de quem não a apoiava começou logo no século 4 d.C. Esse comportamento tornou-se uma tradição, perdurou e tem progredido por mais de 16 séculos. O ápice de sua intolerância eventualmente tornou-se condensada pela Inquisição. A última foi a Inquisição Espanhola, que aterrorizou toda a Europa, durante mais de cinco séculos.

Sua alegação de ser a única igreja verdadeira e, portanto, dona absoluta da verdade, é a mola de sua intolerância, que jamais foi por ela revogada. Ela a tem mantido com determinação cada vez mais crescente e muita ferocidade, até os dias de hoje. Todos os seus atos no passado confirmam a constância dessa imutável intolerância. A partir do século 4 sua conduta tem sido sempre baseada nesta intolerância e em nada mais.

Sua imutabilidade em decidir compelir tudo e todos a aceitarem a sua crença junta-se à sua outra crença de que tem o dever de salvar as almas de todos os cristãos. Isso culmina com outra crença de que precisa estender a salvação católica a toda a humanidade. Não é por causa do capricho teológico esporádico de indivíduos super zelosos. A Igreja fez disso a sua política oficial e tem sido este o seu objetivo desde os primeiros tempos.

O Papa Inocêncio III deu instruções precisas a todos os inquisidores para reforçarem esses regulamentos através de toda a Europa. Eventualmente se tornou uma Lei Estatutária. O clero comum hesitou, de modo que os papas se voltaram para a mais fanática, intolerante e obtusa seção da estrutura eclesiástica, as diversas ordens monásticas. As duas que mais se destacaram nessa tremenda tarefa foram os Dominicanos

e Franciscanos. Armados de quase ilimitado poder da parte dos papas, esses inquisidores irromperam como enxames de vespas teológicas, através de toda a Europa, estabelecendo tribunais, em todo lugar onde apareciam.

Logo a seguir, indivíduos, comunidades, nações e até mesmo a hierarquia começaram a tremer, só com a menção dos seus nomes. Onde quer que chegassem, logo denúncias, acusações, traições, perjúrio, tortura, inquietação e mortes resultavam.

Os inquisidores de batina não se contentavam apenas em estabelecer o seu tribunal nas várias terras da Europa. O Papa Gregório IX nomeou um grande inquisidor dominicano para toda a Armênia e Rússia. O Papa Urbano VI ordenou que o Geral dos Dominicanos nomeasse os inquisidores da Armênia, Grécia e Tartária (China). O Papa Nicolau IV pediu ao Patriarca de Jerusalém para criar inquisidores a partir dos frades mendicantes de sua terra. O Papa Gregório IX deu ao Franciscano Provincial autoridade sobre a Terra Santa no sentido de agir como Chefe Inquisidor na Síria, Palestina e até mesmo no Egito.

Quando um inquisidor chegava, todos eram comandados à obediência ao papa e à Igreja Mãe, e a revelar o nome de qualquer pessoa suspeita do menor desvio da fé católica. Os inquisidores sempre faziam uma ameaça e uma promessa. Um delator receberia indulgência de três anos. Os que não cumprissem com esse dever seriam excomungados.

Algumas denúncias eram fatuais, porém outras eram feitas por vingança, despeito ou ciúme. Os denunciados, mesmo sob as mais ínfimas acusações ou mera suspeita, deviam ser detidos e enviados diretamente à prisão. Esta era um cárcere comum, frio e úmido, sem iluminação ou qualquer instalação sanitária, e lá dentro havia degoladores, ladrões e semelhantes. Dentre estes os frades procuravam espíões para induzirem o acusado, através de falsa amizade, ameaças ou outros métodos, a admitir a sua culpa. Se este primeiro passo não desse resultado o herege suspeito seria acorrentado com pesadas correntes de ferro e ficava abandonado nas trevas, em buracos chamados *durus carcer* (prisão cruel). Depois o acusado era conduzido até o tribunal da Inquisição composto de frades. Se ele indagasse o nome de seus delatores, respondiam-lhe que somente os juízes tinham o direito de saber os seus nomes. Ele não tinha esse direito.

Pediam-lhe para confessar a sua culpa. Se ele declarasse inocência, seria enviado de volta ao cárcere. Depois de um segundo ou terceiro comparecimento diante do tribunal, se ele persistisse em afirmar inocência era torturado. O propósito absoluto do julgamento era forçar uma confissão de heresia. A tortura era infligida mesmo sem a confissão de culpa. Duas pessoas queixosas, ou até mesmo um simples acusador, eram suficientes para a sujeição, agonia e torturas, mesmo que o acusado tivesse sido sempre uma pessoa de caráter ímpoluto, honestidade patente e genuína piedade.

Os métodos, tipos e graus de tortura eram intermináveis. Os mais basicamente empregados eram levantar o acusado até o teto, com as mãos atadas às costas, deixando-o cair deslocando a sua musculatura, massacrando-o de dor, ou colocando óleo em seus pés e atirando-os ao fogo.

Se, contudo, suportando todos os tipos de tortura, o herege se recusasse a admitir sua culpa, então os inquisidores passavam-lhe a sentença capital por heresia. Para completar a farsa macabra, os Santos Inquisidores pediram aos mesmos poderes temporais, em nome da Igreja, para não matarem o acusado. Essa formalidade era mera farsa legalista para dar a impressão de que a Igreja estava inocente do sangue que seria derramado – quando o herege não era levado à fogueira. As autoridades civis nem deviam

pensar em atender o pedido hipócrita de clemência para que a Santa Inquisição não caísse sobre elas. Recusar-se a queimar um herege era o bastante para que as autoridades temporais fossem julgadas e perdessem a vida – por heresia, é claro!

Logo ninguém estava a salvo de detenção em potencial. A espionagem, denúncia e caça aos hereges atingiam o clero, leigos, homens e mulheres, nobres e comuns. Ninguém estava imune à onipresença aterrorizante da Santa Inquisição. Este reinado de terror católico durou muitos séculos. Centenas de milhares de homens, mulheres e até mesmo crianças foram assassinados... queimados vivos na estaca. Simplesmente por terem se atrevido a discordar da Santa Igreja Católica ou dos seus papas.

Este terror do Vaticano terminou há menos de 200 anos atrás. Nos idos de 1762, um pastor protestante foi condenado à morte na França. Por que? Simplesmente porque era protestante. Por quem? Pela Igreja Católica! Sim, pela mesma Igreja que agora finge amar os seus “irmãos separados”.

De fato, a tortura na Europa ainda estava vigorando em todos os tribunais da Santa Inquisição até o século passado, quando o papa foi forçado a abolir a mesma, em 1816. Foi Napoleão, ao entrar em Madri em 1808, quem aboliu a Inquisição. Quando o Parlamento Espanhol em 1813, declarou-a incompatível com a Constituição, o Vaticano protestou. O super católico Rei Ferdinando VII a restaurou em 1814, com a cabal aprovação da Igreja. A Santa Inquisição foi suprimida, finalmente, pelos Liberais em julho de 1834.

O Vaticano protestou durante décadas por ter a Espanha suprimido a Inquisição. Por que? Porque a Igreja Católica estava convencida, como no passado, de que tinha o direito de IMPOR a sua verdade. A crença de que é o seu dever agir desse modo, continua ainda hoje em pleno vigor. E assim continuará no futuro próximo e também no futuro distante.

Os apologistas da Igreja Católica asseguraram ao mundo contemporâneo que os horrores da Inquisição jamais se repetiriam. Mas o Estado Católico da Croácia provou que eles estavam errados. O golpe tentado na Hungria, quando o Cardeal Mindszenty tentou estabelecer um Estado Católico totalitário, provou que estavam errados. O terrorismo católico no Vietnã provou que estavam errados. O terrorismo católico na Irlanda tem provado que estavam errados.

O fato da Igreja Católica desposar tão repentinamente o Ecumenismo foi um método enganoso de fazer o povo esquecer que o seu espírito básico de intolerância ainda permanece dentro dela. Deve-se lembrar que se a Inquisição foi banida, e contra a vontade dela, somente em meados do século passado, o Santo Ofício, seu inspirador e instrumento, foi “abolido” somente há alguns anos atrás. De fato ele ainda está operando disfarçado sob um nome falacioso (Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé), dentro das paredes silenciosas do Vaticano, até o dia de hoje. Uma de suas principais tarefas no presente é certificar-se de que o Holocausto da Croácia e a Ditadura Católica do Vietnã sejam esquecidos, tornando-se mera nota de rodapé de uma história remota. E quase o tem conseguido, visto como o mundo contemporâneo sabe muito pouco a respeito da verdadeira natureza do pano de fundo das intrigas religiosas destes dois tenebrosos episódios do fanatismo católico. E isso a tal ponto que, ao contrário dos campos de concentração de Hitler e Stalin, os horríficos campos croatas e as auto-imolações dos Budistas no Vietnã, em protesto contra a interferência terrorista religiosa do Vaticano, já se tornaram tabus na mídia mundial de massa. Esse é um perigoso trunfo da pressão

católica contemporânea e de seus parceiros políticos e econômicos. O esquecimento e até mesmo a ignorância são dois gêmeos perigosos neste mundo turbulento. Eles são os nutridores de inescrupulosas intrigas ideológicas eclesiásticas e, desse modo, de potenciais novas Croácias e novos Vietnãs.

As exigências básicas do Catolicismo jamais mudaram sequer um til. A insistência da Igreja Católica sobre sua exclusividade tem permanecido tão graniticamente firme agora, como sempre tem sido. São as mesmas exigências que produziram a Inquisição e as ditaduras católicas da Croácia e do Vietnã.

Se o passado é um indicador das coisas por vir, dando as oportunidades certas e apropriadas ao clima político, novas Inquisições, novas Croácias e novos Vietnãs serão criados novamente. Quando, onde e como, somente o futuro nos dirá.

Notas do Editor:

1. A Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé tem a responsabilidade de combater os erros teológicos e as heresias.

2. O verdadeiro Jesus da Bíblia jamais disse que se perseguisse alguém que não concordasse com os seus ensinamentos. Quando os discípulos lhe pediram que enviasse fogo do céu sobre a cidade que não quis recebê-lo, Ele não concordou com eles:

“Mas não o receberam porque o aspecto dele era de quem decisivamente ia para Jerusalém. Vendo isto, os discípulos Tiago e João perguntaram: Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir? Jesus, porém, voltando-se os repreendeu e disse: vós não sabeis de que espírito sois. [Pois o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las]. E seguiram para outra aldeia”. (Lucas 9:53-56).

Também na parábola do joio e do trigo Jesus disse aos seus discípulos que os falsos crentes devem crescer juntos, até que venha a hora da colheita:

“Deixai-os crescer juntos até à colheita, e, no tempo da colheita, direi aos ceifeiros: Ajuntai primeiro o joio, atai-o em feixes para ser queimado; mas o trigo, recolhei-o no meu celeiro”. (Mateus 13:30).

Tradução de Mary Schultze
Maio de 1999